

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel
Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar



Tese

**PROCESSO IDENTITÁRIO DA REDE DE SEMENTES AGROECOLÓGICAS
BIONATUR: A EXPERIÊNCIA NA PERCEPÇÃO DOS AGRICULTORES**

Patrícia Martins da Silva

Pelotas, 2015.

Patrícia Martins da Silva

**Processo identitário da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur:
a experiência na percepção dos agricultores**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Agronomia.

Orientador: Dr. Antônio Jorge Amaral Bezerra

Co-orientador: Dr. Irajá Ferreira Antunes

Pelotas, 2015.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586p Silva, Patrícia Martins da

Processo identitário da rede de sementes agroecológicas
Bionatur : a experiência na percepção dos agricultores /
Patrícia Martins da Silva ; Antônio Jorge Amaral Bezerra,
orientador ; Irajá Ferreira Antunes, coorientador. — Pelotas,
2015.

157 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de
Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas,
2015.

1. Identidade social. 2. Processo identitário. 3. Sementes.
4. Agroecologia. I. Bezerra, Antônio Jorge Amaral, orient. II.
Antunes, Irajá Ferreira, coorient. III. Título.

CDD : 574.51

PATRÍCIA MARTINS DA SILVA

**PROCESSO IDENTITÁRIO DA REDE DE SEMENTES AGROECOLÓGICAS
BIONATUR: A EXPERIÊNCIA NA PERCEPÇÃO DOS AGRICULTORES**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Agronomia, Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 17 de dezembro de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Antônio Jorge Amaral Bezerra (orientador)
Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)/Brasil.

Prof. Dr. Hélio Debli Casalinho
Doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)/Brasil

Prof. Dr. José Geraldo Wizniewsky
Doutor em Agroecologia, Sociologia e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade de Córdoba/Espanha

Prof. Dr. Lúcio André de Oliveira Fernandes
PhD em Desenvolvimento Rural pela Universidade de Manchester/Reino Unido

Dedico esta tese
Aos agricultores e agricultoras que participam da Rede Bionatur - MST,
A vocês, por vocês e para vocês,
Se a identidade é, enfim, pertencimento,
*Então, não poderia estar, senão **com** vocês.*

Agradecimentos

Esta tese não seria possível sem o apoio imprescindível de algumas pessoas, a elas agradeço:

Ao companheiro Gaiardo com quem divido a vida, os sonhos, as angústias e reflexões. Tua alegria e admiração aos meus pensamentos e ações foi o que me trouxe até aqui. Aos nossos filhos, Marcos e Otávio, e a nossa vida.

À minha família, em especial a minha mãe, pela presença diária em minha vida. Ao meu irmão e cunhada. À liberdade, confiança e amor incondicionais de todos vocês.

Ao amigo Irajá, que acreditou neste trabalho, e em minha capacidade para realizá-lo, antes mesmo de mim. À nossa cumplicidade e confiança recíprocas. A convivência contigo torna a vida mais leve.

Ao orientador e amigo Bezerra, que me acolheu, junto com este problema de pesquisa, com a segurança e convicção de que o conhecimento provém de caminhos não conhecidos. Um presente especial.

Aos amigos e companheiros que atuaram, e aos que atuam no dia a dia Bionatur - MST. A sensação indescritível de fazer parte de algo que está para além da gente. Ao mesmo tempo, um desafio profissional cotidiano, a cada dia um novo acontecimento e conhecimento.

Aos colegas de curso pelo convívio e discussões. Ao Jaques e a Kátia, nossos cafezinhos, conversas e ajudas mútuas. A Patrícia Lovato, pela parceria e cumplicidade. À amiga Jaqueline, sem ela e o Marcos, essa tese não teria mapas.

Aos professores e a coordenação do SPAF/FAEM/UFPel. A agricultura familiar adquire através do programa um importante espaço e representação no meio acadêmico.

A Capes, cujo auxílio através da bolsa de pesquisa, possibilitou a realização deste estudo.

As famílias assentadas, que confiaram no trabalho, abrindo suas casas e suas vidas para realização das entrevistas. Pessoas que conhecia previamente através da produção, hoje conheço ao avesso. Uma história que se resignifica, uma relação que se solidifica.

*Amar o campo, ao fazer a plantação,
Não envenenar o campo é purificar o pão.
Amar a terra,
E nela plantar semente,
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.*

(Música: Caminhos alternativos, Zé Pinto)

*Vamos caminando
Aqui se hace la lucha
Vamos caminando
Yo canto porque se escucha
Vamos caminando
Aqui estamos de pie...*

(Música: Latinoamérica, Calle 13.

Documentário: Ley de semillas: Alerta Argentina)

Resumo

SILVA, Patrícia Martins da. **Processo identitário da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur: a experiência na percepção dos agricultores**. 2015. 148f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

A tese analisa o processo identitário que distingue e caracteriza uma experiência peculiar e pioneira na produção de sementes de hortaliças em sistemas agroecológicos, a Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, constituídas há 18 anos, por agricultores assentados na região sul do RS. Através da análise busca-se compreender o processo de diferenciação social que perpassa a trajetória evolutiva da experiência inserida ao contexto das relações de produção vigentes, suas delimitações e perspectivas. A identidade é considerada em uma perspectiva crítica rejeitando-se os tratamentos usuais essencialistas e reificadores, que buscam caracterizar as diferenças, naturalizando-as. O processo identitário é analisado a partir da percepção dos agricultores, voltando-se para a experiência em si, buscando compreendê-la a partir da própria lógica que a constitui, na dinâmica que a define e possibilita, e como a experiência se reinventa, e permanece a partir das opções realizadas, em meio a um contexto tão adverso. A abordagem visa compreender o processo identitário a partir da percepção em evolução de cinco elementos inter-relacionados: (i) atores sociais, (ii) o contexto geral, (iii) o que está em disputa, (iii) normas valores e dinâmicas de convivência, (iiii) a práxis cotidiana. Foram realizadas 21 entrevistas individuais semiabertas e 6 momentos coletivos de debate. Os resultados apontam que a identidade manifesta-se em estreita relação com o contexto nos diversos elementos considerados, sendo que o processo de diferenciação social percorre a trajetória atuando na determinação da experiência e deixando evidentes as relações de poder e as fronteiras estabelecidas. As normas, valores e práticas de convivência demonstraram-se como uma fortaleza do processo identitário, correspondendo às práticas sociais desenvolvidas e incorporadas ao cotidiano da experiência. Quanto ao sistema de produção, verificou-se que a produção de sementes é percebida em integração as demais atividades produtivas, representando um modo de viver na e da agricultura. A identidade, então assume um caráter político na defesa e afirmação do que faz, e como o faz.

Palavras-chave: identidade social; processo identitário; sementes; agroecologia.

Abstract

SILVA, Patricia Martins da. **Identity process of Agro-ecological Bionatur Seed Network: experience in the perception of farmers.** 2015. 148f. Thesis (PhD in Agronomy) – Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

The thesis analyzes the identity process that distinguishes and features a peculiar experience and pioneer in the production of vegetable seeds in agroecological systems, the seeds of Agroecology Network Bionatur, established 18 years ago by farmers settled in the southern region of RS. Through the analysis seeks to understand the process of social differentiation that runs through the evolutionary trajectory of embedded experience to the context of existing relations of production, their boundaries and perspectives. Identity is considered in a critical perspective is rejecting the essentialist and reifying usual treatments that seek to characterize the differences, naturalizing them. The identity process is analyzed from the perception of farmers turning to the experience itself, trying to understand it from the very logic that constitute the dynamic that defines and enables, and how the experience reinvents itself, and remains from the choices made in the midst of such an adverse context. It is designed to the identity process from the perception evolving five interrelated elements: (i) social actors, (ii) the general context, (iii) what is in dispute, (iii) standards values and dynamics coexistence, (iv) the daily praxis. There were held 21 individual interviews and semi-open 6 collective moments of debate. The results show that the identity manifests itself in close relationship with the context in the different elements considered, and the process of social differentiation travels the trajectory acting in determining the experience and making evident the power relations and the established borders. The norms, values and living practices are demonstrated as a stronghold of identity process, corresponding to the social practices developed and incorporated into daily life experience. As for the production system, it was found that the production of seed is perceived by integrating the remaining productive activities representing a way of life and in agriculture. The identity, then takes on a political character in the defense and affirmation of what it does and how it does.

Keywords: social identity; identity process; seeds; agroecology.

Lista de Figuras

Figura 1	Mapa ilustrativo do RS: mesorregiões Sul, Norte e Nordeste.....	57
Figura 2	Mapa ilustrativo das regiões de atuação da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur/RS.....	61
Figura 3	Organograma representativo da funcionalidade da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur.....	63
Figura 4	Estruturação da análise e apresentação dos resultados.....	68
Figura 5	Ilustração gráfica processo evolutivo da Rede Bionatur.....	104
Figura 6	Ilustração gráfica dos elementos identitários (normas, valores e dinâmicas de convivência) analisados nas dimensões individual e coletiva.....	121
Figura 7	Engrenagem ilustrativa da evolução dos sistemas de produção ecológicos Bionatur.....	134

Lista de Tabelas

Tabela 1	Detalhamento da amostragem da pesquisa.....	65
----------	---	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

USAID	Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento
CUT	Central Única dos Trabalhadores
CICDA	Centro Internacional de Cooperação para o Desenvolvimento Agrícola
CIMMYT	Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CONCRAB	Confederação das Cooperativas da Reforma Agrária
CGIAR	Consultative Group on International Agricultural Research
CDB	Convenção sobre Diversidade Biológica
CONATERRA	Cooperativa Agroecológica Nacional Terra e Vida
COPAU	Cooperativa de Produção Agropecuária Libertadora
COPTIL	Cooperativa de Produção e Trabalho Integração Ltda.
COOPERAL	Cooperativa Regional dos Assentados de Reforma Agrária
CPA's	Cooperativas de Produção Agropecuárias
EMBRATER	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	Estados Unidos da América
ISLA	Importadora de sementes para a Lavoura
IAC	Instituto Agrônômico
IBD	Instituto Biodinâmico
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IRRI	Instituto Internacional de Pesquisa em Arroz
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IARCS	International Agricultural Research Centers
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
PT	Partido dos Trabalhadores
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PROCERA	Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária
RNC	Registro Nacional de Cultivares

RENASEM	Registro Nacional de Sementes e Mudanças
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural
UBS	Unidade de Beneficiamento e Armazenamento de Sementes
VAR	Variedade de Alto Rendimento

Sumário

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA	15
1. A QUESTÃO DA IDENTIDADE	23
1.1. Do contexto: quando as sementes se tornam mercadorias.....	34
1.2. Da revolução verde: a modernização conservadora da agricultura do Brasil	38
1.3. Entre o sistema formal e informal de sementes: a constituição do marco legal..	41
1.4. Transformando a mesa: a evolução da indústria de sementes de hortaliças no Brasil	49
2. QUESTÕES METODOLÓGICAS	53
2.1. A concepção do método.....	53
2.2. O universo empírico: a Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur	56
2.3. Os procedimentos da pesquisa	63
2.4. A análise das entrevistas.....	67
3. TRAJETÓRIA: A NARRATIVA DA DISTINÇÃO	69
3.1. Antes do acampamento.....	69
3.2. Acampamento: a construção da identidade sem terra	73
3.3. Chegada à região: as crises e os coletivos	76
3.4. Produção de sementes: conhecimento, euforia e distanciamento	81
3.5. Bionatur: a constituição da experiência.....	85
3.6. Sobre o processo identitário e a narrativa da distinção	88
4. TRAJETÓRIA DA BIONATUR: A EVOLUÇÃO COLETIVA DO DEBATE E DA EXPERIÊNCIA	91
4.1. Grupo dos 12 até a nacionalização	92
4.2. Construção da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur.....	95
4.3. Até onde a vista alcança: estabelecendo fronteiras, ampliando a diversidade e construindo a certificação orgânica	98
4.4. Do reconhecimento à resistência: desafios e perspectivas das sementes orgânicas Bionatur	101
4.5. Sobre o processo identitário e a trajetória coletiva.....	103

5. IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA.....	106
5.1. Quem participa da Bionatur: critérios e percepção.....	106
5.2. Eu e o grupo: convivência, socialização, conhecimento	111
5.3. Quem decide e quem representa: distribuição de poder e autodeterminação .	114
5.4. A produção dos sentidos: expansão da consciência.....	118
6. SISTEMAS DE PRODUÇÃO ECOLÓGICOS: A IDENTIDADE NO FAZER COTIDIANO	122
6.1. Herança da lógica: sistemas de pousio e rodízio	122
6.2. Pressão de uso da terra: o espaço das vacas.....	126
6.3. Sistemas de produção ecológicos: distinção e permanência	130
7. SOBRE O PROCESSO IDENTITÁRIO E A DELIMITAÇÃO DAS PERSPECTIVAS.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS.....	144
APÊNDICES	149

INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA

A apologia ao individualismo que aparece como razão e condição da existência nos dias de hoje, não pode ser entendida fora do contexto das relações de produção que a pressupõe. Se ao indivíduo pertencem às escolhas, que poderão lhe atribuir sucesso e felicidade, e que produzirão sentido e significado a sua existência, remete-se à busca de uma suposta essência individual, cuja perspectiva última seja a expressão dessa identidade. Afinal quem é esse indivíduo moderno, ahistórico, apolítico, sem memória. Porque parece tão conectado com o mundo e desconectado da espécie. A que forma de sociabilidade pertence?

Evidências arqueológicas apontam que, aproximadamente há dez mil anos, a espécie humana, em especial as mulheres, desvendaram o mistério que circunda a reprodução da maior parte das espécies vegetais na natureza: as sementes. Essa “descoberta” a qual possibilitou a superação da condição de nômade, e com ela o desenvolvimento de diversas agriculturas nos diferentes ecossistemas existentes, cumpriu um papel determinante na evolução da sociabilidade da espécie humana em todas as suas dimensões, até os dias de hoje.

Do desenvolvimento dos instrumentos de trabalho e cultivo da terra à diversidade das espécies e sistemas de cultivo, da intensificação do convívio social ao desenvolvimento das línguas, hábitos culturais, entre outros. Não é difícil imaginar, conforme indicam as referências, a diversidade de agriculturas e formas de relação sociais possibilitadas e desenvolvidas para a produção dos meios necessários a vida.

Conforme Marx, na produção social da vida os homens estabelecem relações entre si, e com a natureza, relações sociais de produção, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e a que correspondem

determinadas formas de consciência social. Assim, o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Portanto, não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência (MARX, 2008).

Se no processo de desenvolvimento que se seguiu a humanidade evoluiu em diferentes modos de produção, caracterizando diferentes tipos de sociedade, certamente nenhuma forma social anterior alcançou abrangência e hegemonia como a sociedade das mercadorias, o modo de produção capitalista. Da indústria capital financeiro, a expansão do capital parece não ter fronteiras, subordinando mantendo e recriando as condições necessárias para sua reprodução, qual seja a reprodução do capital, pressuposto a que se encontra submetida à produção dos meios necessários a vida.

Com relação à agricultura, atribui-se como referência da expansão do capital em direção ao campo o período pós-segunda guerra mundial, a partir de 1945, onde a indústria bélica, em vias de ociosidade, revigora-se através do direcionamento e produção das inovações técnicas que constituíram a base do pacote tecnológico, cuja adesão tornou-se imperativo da modernização da agricultura. A dimensão das transformações, causadas por este processo, pode ser atestada pela denominação comumente referida: revolução verde.

Das diversidades de agriculturas desenvolvidas, a tendência à padronização, a evolução apresenta-se como um paradoxo, cujos pressupostos de artificialização do ambiente e homogeneização dos processos produtivos, ao se estabelecerem rompem com as práticas tradicionais, causando uma erosão cultural e genética sem precedentes. Para o agricultor a perda da autonomia em relação ao processo produtivo, o remete para uma situação de dependência e instabilidade. Há um estranhamento na forma com que realiza a atividade, o seu conhecimento tornou-se obsoleto, não exerce mais o controle do processo produtivo, o produto do trabalho já não lhe pertence. A agricultura afasta-se da produção dos meios necessários à vida, assimilando a noção de tempo e racionalidade próprios da indústria capitalista, e submetendo-se a lógica correspondente, a produção de mercadorias e reprodução do capital.

O contexto a que se refere este trabalho insere-se nesta perspectiva, tendo como base as alterações nas relações de produção na agricultura, que se intensificaram a partir dos anos 1990, determinadas pelo movimento de

concentração e centralização das empresas que atuam no setor agrícola, vinculado ao processo de internacionalização do controle do mercado e do comércio a nível mundial, configurando-se no cenário atual, onde poucas empresas controlam o mercado mundial (STEDILE, 2008). Conforme dados divulgados em relatório realizado, no ano de 2013, pela organização ETC Group¹, apenas quatro empresas controlam aproximadamente 80% do comércio internacional de grãos, seis empresas controlam 59,8% do mercado mundial de sementes comerciais e 76,1% do mercado de agroquímicos (ETC GROUP, 2013).

Em sentido figurado, no jugo do capital, a realidade se apresenta em um tabuleiro, com poucos jogadores, e embora, por vezes, não se identifique claramente quem (e o quê) está no comando, a aparente ironia se desfaz quando se percebe o que está em jogo – a determinação da vida.

De volta à realidade, a imprensa noticiou recentemente (Valor Econômico, 11/05/2015²) a tentativa da empresa americana Monsanto, em adquirir sua concorrente suíça Syngenta. A oferta, que foi por enquanto recusada pelo conselho de administração da Syngenta, resultaria, conforme analistas na maior “player” do mundo em sementes e produtos químicos para plantações e segundo a própria Monsanto, criaria uma líder global em agricultura.

Entremeio a esta notícia, em palestra proferida pelo economista e militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, João Pedro Stédile, durante a abertura do VII Encontro da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, em maio de 2015, a rigidez da análise do contexto econômico rende seu tom ao referir-se a experiência que sedia este encontro, ao qual, ao final, se ouve “Não esmoreçam, vocês são os pioneiros, a nossa referência neste tema”. Difícil descrever o sentimento que, após, irradia a todos, o qual não é produzido propriamente pela fala, mas parece-me (e aqui é preciso usar a narrativa) que pela força dessa experiência, já que pude testemunhar semelhantes reações em diversas situações em que o trabalho me fez representar a Rede Bionatur, pelo Brasil afora.

¹ ETC Group é uma organização internacional, com sedes registradas no Canadá e Holanda, que atua no monitoramento às alterações do contexto mundial nos temas relacionados à erosão ecológica, desenvolvimento de novas tecnologias, questões de governança globais incluindo concentração empresarial e comércio de tecnologias. Disponível em: <www.etcgroup.org>. Dados do relatório citado constam nas referências deste trabalho.

² Disponível em: <<http://www.valor.com.br/agro/4041228/monsanto-faz-proposta-de-compra-pela-syngenta-por-us-45-bilhoes>>. Acesso em: jun. 2015.

Em face ao contraste evidenciado, resultam as evidências, em que pese as determinações do sistema econômico, constituem-se também neste marco, as contradições e possibilidades, inscrevendo-se a existência de diversas experiências as quais se produzem sobre relações distintas, configurando diferentes situações de resistência. Dentre estas, a que se refere o estudo de caso proposto para análise, à referida Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, uma organização de agricultores assentados de reforma agrária, constituída em 1997, quando um grupo pioneiro de 12 agricultores assentados no município de Hulha Negra, RS, decidiu que era possível produzir sementes de hortaliças de forma ecológica.

Atualmente, passados 18 anos, a Bionatur tornou-se uma rede, com atuação referenciada no âmbito da produção de sementes ecológicas junto aos diversos públicos e atores sociais vinculados ao tema, composta por aproximadamente 160 agricultores assentados, produtores de sementes de diversas espécies entre hortaliças, ornamentais e grãos, sendo exclusivamente espécies varietais, excetuando-se assim as variedades híbridas e transgênicas.

Dentre as questões que configuram peculiaridade à experiência, cita-se: (i) o pioneirismo na produção de sementes de hortaliças em sistemas ecológicos diante da ausência de referências teóricas disponíveis na época; (ii) a permanência, e desenvolvimento da experiência em face do contexto adverso caracterizado pela concentração e centralização das empresas que atuam no mercado de sementes e as tendências de hibridação e transgenia que predominam na disponibilização de cultivares; (iii) a condição de referência que assume no cenário atual pela junção e especificidade dos elementos que a definem: quem faz – protagonismo do público assentado de reforma agrária; o que faz – produção, através do sistema formal de sementes, e disponibilização no mercado de variedades comerciais de uso tradicional; como faz – reconhecimento através da certificação orgânica dos sistemas de manejo ecológicos desenvolvidos pelos agricultores desde o início da experiência.

À luz das considerações realizadas, cabe registrar a existência de várias referências bibliográficas que visam aprofundar a reflexão em distintas perspectivas. Numa abordagem abrangente a cerca do contexto político-econômico, citam-se: a tese de doutoramento desenvolvida por Santilli, analisando o impacto do marco jurídico brasileira da produção de sementes sobre a agrobiodiversidade e a restrição ao direito dos agricultores, e o estudo realizado por Wilkinson e Castelli, abordando

o movimento de transnacionalização da indústria de sementes do Brasil (SANTILLI, 2009; WILKINSON & CASTELLI, 2000). Outros estudos dedicam-se a avaliar os impactos das políticas públicas correlacionadas sobre as experiências existentes, destacando-se a análise desenvolvida por Cunha, em dissertação, considerando as políticas públicas de aquisição de sementes e a experiência das Sementes da Paixão (CUNHA, 2013). Observam-se, ainda, análises que abordam as experiências a partir de referenciais (categorias) teóricas pré-estabelecidas, buscando avaliar e identificar elementos comuns, destacando-se o trabalho realizado por Reis, por ocasião da dissertação, a cerca das redes sociotécnicas, incluindo na análise a Rede Bionatur (REIS, 2012).

As contribuições que esta tese busca empreender inserem-se em outra perspectiva. Aqui a atenção volta-se para a experiência em si, ao mesmo tempo em que se busca compreendê-la inserida no todo que a determina. Assim, o macro e o micro compõe a análise, ainda que não do ponto de vista de quem a estabelece – com mediadores referenciais pré-estabelecidos, mas a partir da percepção dos agricultores de como a vida se apresenta e se impõe no cotidiano da experiência. Esta abordagem deve-se a percepção da insuficiência analítica na compreensão da experiência ao considerá-la relacionada especificamente a uma única dimensão referencial, como a constituição do sistema formal de produção de sementes, a legislação orgânica, o tema da erosão genética e conservação em uso de sementes, as políticas públicas relacionadas à compra e aquisição de sementes, entre outros, já que a experiência não se constitui em relação a uma destas questões, embora estes temas transpassem a trajetória de atuação da Rede Bionatur.

É nessa perspectiva que a análise remete a compreensão da identidade da Rede Bionatur. Como a Bionatur se constitui, como se define e se produz no contexto, quais as fronteiras estabelecidas e as opções realizadas, qual a lógica e coerência produzida no processo identitário. Pretende-se, ao olhar para a trajetória da experiência, compreender o processo de diferenciação social que a distingue, evidenciando os momentos de distinção em que se estabelecem fronteiras, dentre as quais se inserem os temas mencionados, e como a experiência se reinventa, e permanece a partir das opções realizadas, em face ao contexto considerado.

Esta perspectiva concorda com a proposição analítica sugerida por Ennes e Marcon, considerando a identidade como um fenômeno social dinâmico e em processo, implicado fundamentalmente por relações de poder. Dessa forma,

rejeitam-se os tratamentos usualmente conferidos a identidade, considerada como algo imanente ao grupo, uma espécie de essência, reificadora, cuja análise remeteria à descrição e caracterização das diferenças, como revelador das singularidades e peculiaridades da experiência (ENNES & MARCON, 2014).

Antes, compreender o processo de diferenciação social torna-se mais relevante do que caracterizar as diferenças, que se apresentam limitadas a superficialidade e efemeridade inerente a sua condição. Assim, este trabalho insere-se em uma perspectiva crítica, buscando compreender a experiência para além da forma em que se apresenta, mas na lógica que a constitui, no processo identitário que a define e possibilita, na expressão do fazer cotidiano da agricultura ecológica e da produção de sementes, e nas perspectivas que se apresentam a partir de sua lógica de funcionamento. Para efeitos de síntese, consideram-se, como questões geradoras:

- (i) Quais elementos em comum, percebidos na trajetória possibilitam dar coerência e coesão à narrativa fundadora do processo identitário? Como ele se produz em uma identidade coletiva que parece transbordar ao grupo da Rede de Sementes Bionatur?
- (ii) Qual a relação entre a dinâmica do contexto da agricultura e o processo identitário que define a existência da Rede Bionatur e como esta relação se altera ao longo da trajetória da experiência?
- (iii) Em qual sentido a experiência da Rede Bionatur se insere em uma perspectiva de resistência face ao contexto da agricultura atual?
- (iv) Como a identidade se expressa nas práticas cotidianas do modo de fazer e conceber a agricultura; como explica e justifica a vida?
- (v) Como os elementos que definem o processo identitário atuam na determinação das perspectivas para atuação da Rede Bionatur?

Em face às questões consideradas, estrutura-se a análise tendo como eixo o processo identitário, o qual passa a constituir o objetivo geral deste trabalho, assim descrito: analisar o processo identitário que distingue e caracteriza a Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, buscando compreender o processo de diferenciação social, que perpassa a trajetória de atuação da Rede, inserido ao contexto das relações de produção vigentes, suas determinações, implicações e perspectivas.

Os objetivos específicos são:

- (a) Caracterizar através da percepção dos agricultores a trajetória da rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, buscando apreender a narrativa fundadora da identidade.
- (b) Compreender o processo de diferenciação social, evidenciando na trajetória os momentos de distinção, e a percepção dos agricultores sobre as fronteiras estabelecidas e suas possibilidades.
- (c) Identificar os elementos definidores do processo identitário, como eles se expressam e se relacionam nas dimensões individual e coletiva, a dinâmica e a contradição.
- (d) Analisar a evolução dos sistemas produtivos agroecológicos, desenvolvidos pelos agricultores participantes da rede, visando compreender como o processo identitário se expressa e reinventa no fazer cotidiano.
- (e) Compreender o papel desempenhado pela Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, considerando-a no contexto de desenvolvimento da agricultura, evidenciando as limitações, desafios e perspectivas que se inscrevem para a produção de sementes agroecológicas.

Espera-se com este trabalho contribuir para o empoderamento dos agricultores, gerando elementos que auxiliem no processo de tomada de decisão e gestão da experiência, reconhecendo suas formas de organização e sistema de valores. De outra parte, a análise remete a necessidade de expansão da consciência ao fazer ciência, rompendo com a fragmentação do objeto de estudo, a precisão e controle dos resultados, a busca da compreensão da realidade através de referências pré-estabelecidas. Ao invés disso, a reflexão sobre a práxis cotidiana, a busca pela compreensão dela inserida nas relações sociais que caracterizam a sociedade contemporânea, eis o desafio que nos permite olhar para além da própria experiência.

Esta tese encontra-se estruturada em sete capítulos, sendo o *primeiro capítulo* dedicado a uma reflexão crítica delimitando a perspectiva teórica e o contexto geral a que se refere à análise, o *segundo capítulo* descreve a construção do marco metodológico, desde a concepção do método, a descrição do universo empírico, e os procedimentos adotados para realização e análise das entrevistas. Os capítulos seguintes estão dedicados à análise do processo identitário a partir dos dados qualitativos levantados, nos diferentes elementos considerados. Sendo assim,

o *terceiro e quarto capítulos* referem-se à análise do processo de diferenciação social, a partir da trajetória evolutiva, considerado primeiramente ao nível dos agricultores - individual, e após a constituição da experiência o enfoque direciona-se a percepção do transcurso coletivo. O *quinto capítulo* está voltado para as normas, os valores, as dinâmicas de convivência, e quais suas significações na percepção dos agricultores considerando-os em relação entre as dimensões individuais e coletivas. No *sexto capítulo* a ênfase é para compreensão do processo identitário relacionado à práxis cotidiana dos agricultores e os respectivos sistemas de produção ecológicos. O *sétimo capítulo* estabelece uma reflexão a cerca de como o processo identitário atua na consideração das perspectivas para a Rede Bionatur. Seguem as considerações finais deste trabalho.

Por fim, fica o contraste, que instiga a análise, em um mundo onde prevalece à apologia à expressão da individualidade, como forma de reconhecimento e realização, onde o termo identidade remete ao tratamento usual de expressão e naturalização das diferenças. Convive-se com caos da diferenciação social, em paz com a consciência individual. Não fosse a realidade que possibilita a percepção da limitação que circunscreve o pensamento, que desnuda a qual formação social ele pertence, revelando sua determinação e historicidade. Essa realidade contraditória, sob a qual se geram processos identitários imbricados nas relações sociais de produção, que não podem ser compreendidos senão em sua expressão coletiva, no reconhecimento com o outro, na ação que se estabelece, em movimento.

1. A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. (CASTELLS, 2013)

A afirmação soa quase como um desabafo, não fosse pela complexidade da ideia transmitida, a referência à *nossa vida*, expressa a intensidade em que ela atravessa e reflete o cotidiano. A frase, a qual se refere à introdução do livro intitulado O Poder da Identidade, de autoria do sociólogo espanhol, Manuel Castells, revela a importância do debate sobre a questão da identidade na atualidade.

Entretanto, há uma grande diversidade de perspectivas e atribuição de significados nos usos do termo, tanto no ambiente acadêmico quanto nos recursos midiáticos e senso comum. Essa ampla generalização à referência à(s) identidade(s) nos dias atuais, embora guarde as diferenças mencionadas, ocorre principalmente a partir do final dos anos 1960, associada a um contexto histórico determinado, e as transformações no modo de produção correspondente, as quais têm sido extensamente debatidas na teoria social.

Desta forma, para além das aparentes diferenças semânticas, e mesmo diante da fugacidade com que emergem e se desfazem uma multiplicidade de novas identidades, observa-se que o uso do termo identidade remete a distintas perspectivas de análise das relações sociais de produção, suas determinações e contradições. Assim, busca-se contextualizar as abordagens, considerando suas implicações teóricas e práticas na consideração das transformações sociais, bem como a evolução do pensamento social sobre o tema, visando delimitar a perspectiva em que se inscreve este trabalho.

A questão principal que circunscreve a reflexão da identidade na atualidade refere-se ao argumento de que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e

fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto com um sujeito unificado (HALL, 2014). Conforme Hall:

Assim, a chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2014).

Dentre os autores que desenvolvem esta abordagem, figura Manuel Castells, cuja obra mencionada inicialmente – O Poder da Identidade refere-se ao segundo volume, de uma trilogia (denominada A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura) que aborda as transformações da sociedade na modernidade. Para o autor, o processo de mudança que se torna o eixo central da análise, é descrito como o processo de globalização tecnoeconômica, onde:

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade: a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas, decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço - mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades das elites dominantes. (CASTELLS, 2013).

Segue:

Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo o mundo [...] abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância, a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo, impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo. (CASTELLS, 2013).

Em face das alterações mencionadas, e como reação a elas, geram-se e multiplicam-se poderosas expressões de identidade coletiva que desafiam a globalização em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes:

À exceção de uma elite reduzida de globopolitanos (meio seres humanos, meio fluxos), as pessoas em todo o mundo se ressentem da perda de controle sobre suas próprias vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países, e em última análise, sobre o destino do planeta. Assim, segundo uma antiga lei da evolução social, a resistência enfrenta a dominação, a delegação de poderes reage contra a falta de poder, projetos alternativos contestam a lógica inerente à nova ordem global, cada vez mais percebida pelas pessoas de todo o planeta como se fosse desordem. (CASTELLS, 2013).

A análise se constitui sobre as identidades coletivas, sendo que, no que diz respeito aos atores sociais, o autor considera identidade como o processo de construção de significado³ com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais que prevalecem sobre outras fontes de significado. Assim para um indivíduo ou ator coletivo pode haver identidades múltiplas, que constituem fonte de tensão e contradição, mas o significado organiza-se em torno de uma identidade primária que prevalece em um dado momento e contexto, estruturando as demais (CASTELLS, 2013).

Não é difícil concordar com o fato de que do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. Entretanto estas são questões que não podem ser abordadas em linhas gerais abstratas: estão estritamente relacionadas a um contexto social. (CASTELLS, 2013).

Considerando que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder, Castells propõe uma distinção entre o que denomina três formas e origens de construção de identidades: (a) identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade; (b) identidade de resistência: trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade; (c) identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, buscam a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 2013).

Após a análise empírica, o autor conclui que as identidades legitimadoras simplesmente secaram vide: a crise de legitimidade que tem esvaziado de sentido e função as instituições públicas da era industrial, juntamente com crise de representação política decorrente do encolhimento do Estado frente às redes globais de riqueza, poder e informação; o enfraquecimento do movimento trabalhista frente à individualização e degeneração do emprego; as ideologias e partidos políticos destituídos de significado real e até a decadência da igreja e da família patriarcal. Esse fenômeno de dissolução das identidades compartilhadas gera em sua contradição, a atração (e retração) para as identidades comunais, as quais podem

³ Significado é definido como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator (CASTELLS, 2013).

restringir-se a valores tradicionais, ou também serem constituídos por movimentos sociais ativistas, citando os movimentos feminista e ambientalista.

Essas identidades de resistência estariam tão difundidas na sociedade como os projetos individualistas (cidadãos do mundo), e constituem o tipo mais importante de construção de identidade na atualidade, sendo que a partir de seu desenvolvimento podem emergir os novos sujeitos históricos, potencialmente capazes de reconstruir – identidades de projeto, uma nova sociedade civil, e um novo estado. A respeito de como se daria este processo, observa Castells:

A nova forma de poder reside nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas, e decidem seu comportamento. Este poder encontra-se na mente das pessoas. [] Quem ou o que quer que vença a batalha das mentes das pessoas sairá vitorioso. Por isso as identidades são tão importantes, e em última análise tão poderosas, nessa estrutura de poder em constante mutação (CASTELLS, 2013).

Em que pese à densidade e coerência do pensamento exposto, bem como a fluidez que decorre do método desenvolvido para análise das identidades, a obra de Castells, descrita aqui para compreensão do pensamento pós-moderno a cerca das identidades, inscreve uma série de implicações teóricas e analíticas, sob as quais a comunidade sociológica encontra-se ainda profundamente dividida, visto que as tendências são demasiadamente recentes e ambíguas, e o próprio conceito – identidade – é demasiadamente complexo, e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova (HALL, 2014).

Uma das principais implicações decorre do que têm sido denominado deslocamento e descentração do sujeito advindos da fragmentação das identidades que até então nos proporcionavam sólidas localizações como indivíduos sociais (nacionalidade, classe, gênero, dentre outros). Esta perda de um sentido de si estável, acaba abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados à sociedade. Em um contexto histórico evolutivo, Hall (2014) distingue três formas predominantes de se idealizar o sujeito na sociedade moderna:

São elas: (a) Sujeito do iluminismo: baseado numa concepção do indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia em um núcleo interior, que emergia no nascimento e com ele se desenvolvia, ainda que permanecesse essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo [...] (b) Sujeito sociológico: refletia a crescente complexidade do mundo moderno [] a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, [] preenchendo o espaço entre o eu e o exterior e costurando o sujeito a estrutura social. (c) Sujeito pós-moderno: a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente. Dentro de nós

há identidades contraditórias, de tal modo que as identificações são continuamente deslocadas. (HALL, 2014)

Embora o próprio autor destaque que esta evolução na percepção do sujeito não é linear, o argumento se sustenta na contextualização histórica, revelando a estreita relação entre a percepção do sujeito e a evolução das relações de produção e estrutura da sociedade. Assim, a percepção denominada sujeito do iluminismo expressa a ruptura com a crença nas posições sociais divinamente estabelecidas, que conferiam o indivíduo à resignação diante da ordem divina das coisas. A emergência de um sujeito soberano, centrado no indivíduo, estaria situada historicamente entre os séculos XVI e XVIII, associada respectivamente aos movimentos da Reforma e Protestantismo, o humanismo renascentista, as revoluções científicas e o Iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, liberto do dogma e das amarras da igreja (HALL, 2014).

Dentre a influência das concepções desenvolvidas neste período, destaca-se o pensamento proposto por René Descartes (1596-1650) postulando a matéria e a mente como as substâncias irreduzíveis - essenciais, a partir do qual deriva a afirmação do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento (antropocêntrico), conhecida como sujeito cartesiano (HALL, 2014).

Embora a referência esteja associada aos movimentos culturais mencionados, observa-se que a emergência das noções de soberania do indivíduo, ocorre relacionada ao colapso da ordem social, econômica e religiosa medieval. No movimento geral contra o feudalismo houve uma nova ênfase na existência pessoal do homem, acima e além de seu lugar e sua função numa rígida sociedade hierárquica. Nessa perspectiva os indivíduos eram percebidos com uma existência primária sendo que as leis e as formas de sociedade eram deles derivadas, prevalecendo na emergência da nova ordem econômica, o contrato social entre os indivíduos como síntese da autonomia, da vontade, dos direitos e deveres das pessoas (HALL, 2014; ENNES e MARCON, 2014).

Com o desenvolvimento do capitalismo, à medida que as sociedades se tornavam mais complexas, adquirindo uma forma mais coletiva e social, o indivíduo passou a ser visto como mais localizado e definido no interior dessas grandes estruturas sociais, emergindo uma concepção mais social do sujeito. Nesse contexto, com o surgimento da sociologia, a crítica ao individualismo racional representada pelo sujeito cartesiano cedeu lugar a uma nova percepção do modo

como os indivíduos interagem em relações sociais mais amplas, internalizando o exterior no sujeito e externalizando o interior na sociedade, visão que constitui a descrição sociológica primária do sujeito moderno desenvolvida na primeira metade do século XX, o sujeito percebido em interação com a sociedade, referido como o sujeito sociológico (HALL, 2014).

O trabalho de Marx, desenvolvido neste período, certamente constitui uma das principais influências no debate, representando uma ruptura com a essência do sujeito ainda presente no pensamento cartesiano e no próprio interacionismo descrito na visão primária do sujeito sociológico. Conforme Marx, em citação já mencionada, o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Logo, não é a consciência do homem que determina o ser, mas inversamente (MARX, 2013).

Em síntese, se a percepção do sujeito do iluminismo representou uma ruptura em relação à ordem divina das coisas, afirmando a soberania e essência do indivíduo, a percepção do sujeito sociológico e a influência do pensamento marxista, provocam um segundo deslocamento, onde o ser social passa a ser a esfera de constituição do sujeito e de sua percepção - a identidade. Neste contexto caracterizado pelo desenvolvimento do capitalismo industrial, as percepções de identidade adquiriram certa estabilidade em relação às instituições políticas e relações de produção (classe, nacionalidade, partido político, família, dentre outros), embora se possa considerar superadas as noções de essência e identidades fixas.

A emergência de uma terceira concepção de sujeito ganhou evidência a partir das transformações históricas, políticas, ideológicas e teóricas ocorridas nas três décadas após o fim da Segunda Guerra Mundial (ENNES & MARCON, 2014). Segundo Hall, o marco empírico estaria situado a partir de 1968, com o surgimento de novos movimentos sociais cuja expressão política assentava-se em demandas antes colocadas em segundo plano como o feminismo, movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, dentre outros, com forte distinção cultural. Cada movimento apelava para identidade social de seus participantes, processo que deu origem a denominação: política de identidade, inscrevendo a importância e visibilidade que adquire a reflexão sobre identidade. O surgimento destes novos movimentos por sua vez, estaria refletindo o enfraquecimento e fragmentação das classes sociais, representando um contexto de mudanças estruturais profundas (HALL, 2014).

É nesse contexto que a reflexão sobre as identidades adquire expressão e visibilidade, reivindicando o reconhecimento político e o direito a liberdade de expressão. Esse caráter afirmativo é ressaltado por ENNES e MARCON, ao destacarem que tudo passou a ser chamado positivamente de identidade:

Nos dias de hoje, tanto na mídia, quanto na academia, ainda que de modos diferentes, o emprego do termo identidade tem ressaltado a diversidade, a pluralidade cultural e o descentramento dos sujeitos sociais. Nesse sentido, dissociada de sua dimensão analítica e de suas implicações políticas, a identidade aparece como característica da contemporaneidade podendo levar a pensar que vivemos em um mundo no qual as diferenças culturais não estão implicadas e perpassadas pelas desigualdades sociais, econômicas e políticas (ENNES & MARCON, 2014).

Como decorrência do tratamento usual, os estudos sobre identidade adquiriram caráter descritivo, de caracterização dos aspectos culturais e simbólicos que aparecem como a expressão da identidade do grupo. A identidade, neste caso, é vista como algo dado, um fato social, atribuído de forma imanente ao grupo, voltando (ironicamente) a expressar uma configuração de essência. Assim, convive-se com as diferenças, naturalizando-as:

Esse paradoxo é constituído por um lado, pelo reconhecimento do “direito a diferença” – conquista política e cultural incontestável no mundo contemporâneo – e, por outro, pela naturalização da diferença sua conseqüente despolitização. O resultado é a acomodação das “diferenças” em seus “lugares”, o que favorece a formação de guetos e a incomunicabilidade entre os diferentes. (ENNES & MELO, 2009).

Outro debate que adquire relevância a partir deste contexto refere-se à questão do sujeito social e sua relação nas transformações da sociedade. Para alguns autores, a emergência dos novos movimentos corresponde simultaneamente ao enfraquecimento das noções de pertencimento⁴ às classes sociais, e mais recentemente, aos partidos políticos. Essa interpretação estabelece um polêmico debate sobre a eventual superação das noções anteriores, e a determinação do sujeito social na contemporaneidade. Sobre este tema, Hall assinala que as tendências são muito ambíguas e o debate muito recente para expressar opiniões conclusivas (HALL, 2014). Entretanto a emergência deste debate reflete que:

De certo modo, a emergência de novos sujeitos sociais e o desenvolvimento de uma renovada base conceitual [...] arejou e deu fôlego às Ciências sociais para compreensão da questão das identidades como fundadas numa teorização sobre o sujeito. Isso quer dizer que as concepções

⁴ A sensação de pertencimento significa que precisamos nos sentir como pertencentes a tal lugar (grupo) e ao mesmo tempo sentir que este tal lugar (grupo) nos pertence. Para este trabalho, esta proposição, conforme consta no Dicionário de Direitos Humanos da Escola Superior do Ministério Público da União, explica o que está em debate.

Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>> .

predominantes sobre o sujeito estiveram e estão diretamente implicando e sendo implicadas pelo debate sobre identidades (ENNES & MARCON, 2014).

Com o passar dos anos, entremeio a este cenário de crise das identidades de outrora, e diante da intensificação das mudanças advindas da globalização, ocorre à emergência do sujeito pós-moderno, caracterizado por uma concepção de identidade inacabada, contraditória, aberta. Conforme Hall, nos dias de hoje:

A identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2014).

Assim, na atualidade, o debate sobre identidade(s) usualmente inscreve além do aspecto descritivo, a questão da(s) escolha(s) sobre as múltiplas e diversas possibilidades existentes de identificação, remetendo à esfera do indivíduo e da autoidentidade. Nesta perspectiva a modernidade, conforme aparece nos trabalhos de Giddens e Castells, teria promovido uma transformação radical nos conceitos de espaço e tempo, atuando na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana (GIDDENS, 2002). Entretanto, para Giddens, esse processo remete ao indivíduo e a reflexividade como temas centrais na construção da autoidentidade, enquanto Castells debruça-se sobre a produção/construção das identidades coletivas, assinalando que:

Portanto, exceto para a elite que ocupa o espaço atemporal de fluxos de redes globais e seus locais subsidiários, o planejamento reflexivo da vida torna-se impossível. (CASTELLS, 2013)

Ao que acrescenta Hall:

A proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no centro do sistema global que nas suas periferias (HALL, 2014)

É aqui que o tema da modernidade globalizante se desnuda, deixando transparecer as contradições intrínsecas ao sistema capitalista, que configuram e perpassam as relações sociais, sejam elas reais ou virtuais:

O tema da modernidade está profundamente comprometido com o do progresso. Nesse sentido é um tema das sociedades ricas e é sobretudo um tema europeu. [...] A modernidade porém não é feita pelo encontro homegeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção de globalização. É constituído, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada dos que tem fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de

trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns, e ao mesmo tempo apenas parece ser para todos. A modernidade anuncia o possível, embora não o realize (MARTINS, 2011).

Considera-se então, que a natureza das relações sociais de produção não se alterou em que pese às transformações provocadas pela globalização, ao contrário, aprofundou-se o abismo social, evidenciado (i) pela concentração e centralização do capital em poucos grupos de empresas que controlam o mercado mundial, (ii) a disparidade crescente na distribuição da renda e riqueza entre as diversas regiões do mundo e internamente inclusive nos países mais desenvolvidos, (iii) e uma crescente massa de excluídos. No que aparece quase como um acerto de contas em relação à ênfase dada a globalização do sistema informacional, afirma Castells, no livro que encerra a trilogia mencionada, “o que parece ser um fenômeno global é o avanço da pobreza⁵ e principalmente da pobreza extrema⁶” (CASTELLS, 1999).

Dessa forma, ao abordar a identidade não podemos considerá-la na superficialidade, isenta das relações de poder que permeiam a sociedade:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, T.T da, 2008)

Por isso, concordamos com ENNES e MARCON ao considerar a identidade em uma perspectiva crítica, como um fenômeno social, dinâmico e em processo, implicado fundamentalmente por relações de poder (ENNES & MARCON, 2014). Essa perspectiva se contrapõe ao caráter afirmativo e descritivo, buscando compreender os processos e a constituição das dinâmicas de identificação, as tensões estabelecidas e as relações de poder interpeladas, daí a denominação processos identitários:

Ao contrário dessa tendência dominante, quando pensamos em processos identitários, pensamos no caráter ambivalente, dinâmico, fluído, inacabado e imponderável do fenômeno. Cabe-nos então entender a dinâmica desse movimento a partir das experiências sociais. Daí a proposta de se pensar os processos identitários a partir de uma perspectiva situacional, relacional e contrastiva na qual as disputas sociais ocupam um lugar central na constituição da ideia de diferenças e dos sentimentos de pertença (ENNES & MELO, 2009).

⁵ Pobreza se refere a um nível de recursos abaixo do qual não é possível atingir o padrão de vida considerado mínimo em uma sociedade e época determinadas.

⁶ Pobreza extrema ou miséria é o nível mais baixo de distribuição de renda/bens ou privação.

Assim, a identidade é antes produto da diferença e do processo de diferenciação, embora na aparência perceba-se o processo de forma inversa:

Em geral consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar (SILVA, T.T da, 2008).

Na busca por compreender o processo de diferenciação em relação à identidade dominante, parte-se das relações sociais estabelecidas, do contexto social, da vida cotidiana como ela se apresenta e como ela é percebida, a dinâmica e a contradição na determinação das fronteiras sociais, os processos de reconhecimento e alteridade. A importância em compreender este processo é destacada por Silva “aqui mais do que a partida ou a chegada, é cruzar a fronteira, é estar ou permanecer na fronteira que é o acontecimento crítico” (SILVA, T. T., 2008). Nessa perspectiva, o processo de diferenciação e a percepção das fronteiras estabelecidas adquirem centralidade no estudo dos processos identitários:

De algum modo, a análise social sobre os processos identitários só se torna possível através da observação das dinâmicas demarcatórias da diferença, ou seja, do olhar sobre um dado contexto das relações sociais, que nos permita caracterizar as diversas maneiras pelas quais os indivíduos e grupos sociais em interação constroem as fronteiras sociais (ENNES e MARCON, 2014).

Assim, a análise proposta para este trabalho direciona-se à reflexão sobre a identidade coletiva - o grupo social, ainda que a dimensão individual seja um elemento fundamental na percepção da trajetória de diferenciação social que possibilita o grupo - a narrativa fundadora da identidade, bem como na relação entre a dimensão individual/coletivo na produção dos elementos, valores, práticas cotidianas e significados que fundamentam a existência e evolução do processo identitário.

Para efetuar a análise na perspectiva de compreensão dos processos identitários, segue a proposição desenvolvida por Ennes e Marcon, a qual será adotada para este trabalho:

Nossa proposta é de voltar atenção às dinâmicas sociais ou aos processos em si mesmos, e principalmente: a) aos **atores sociais** e como ocorrem as demarcações da diferença entre eles; b) ao que está em **disputa** quando se ressalta a identidade e a diferença; c) as **normas** e os princípios sociais que fundamentam e regulam sua existência; d) os **contextos** históricos e sociais, já que entendemos os processos identitários como relacionais e

situacionais. Tal enfoque nos aproxima dos sujeitos e de como eles se veem e são vistos socialmente, das questões que tornam relevantes os sentidos de identificação e diferenciação, bem como das instituições e dos argumentos explícitos ou implícitos que sustentam as fronteiras físicas e imaginárias entre os grupos. (ENNES & MARCON, 2014).

Considera-se que esta proposta estabelece um referencial para análise dos processos identitários a partir da evidência de quatro componentes que se apresentam inter-relacionados. Dentre estes, pode-se observar que o contexto em que se insere a experiência percorre a análise, o que expõe a compreensão do processo identitário em uma perspectiva relacional, embora rejeite-se a visão determinista. Desta forma, é importante registrar que a análise deve dar conta do processo de diferenciação social, considerando a trajetória evolutiva da experiência – e não só da origem, relacionando-a a percepção e a construção da identidade, buscando identificar os momentos de distinção social e como a experiência se reconstrói, se altera e permanece a partir de sua lógica de constituição.

Acrescenta-se ainda para análise, além dos quatro componentes propostos, a possibilidade de ocorrência de outro elemento, referente às evidências da identidade na relação com a práxis cotidiana (neste caso relacionado ao fazer da produção de sementes agroecológicas e a evolução dos respectivos sistemas de produção), buscando compreender a eventual singularidade que as práticas sociais adquirem relacionadas à construção da identidade da experiência, bem como as alterações ocorridas no decorrer do processo evolutivo.

Espera-se desta forma, e com base no caminho estabelecido para análise, contribuir para compreensão do processo identitário que envolve a Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, desvelando as relações sociais e de poder que circunscrevem a experiência, bem como, indiretamente, avaliar a eficiência da proposição analítica estabelecida para apreensão e elucidação dos processos identitários com base nos componentes sugeridos.

Para isso, cabe considerar inicialmente, uma reflexão a cerca do contexto geral em se insere a experiência.

1.1 Do contexto: quando as sementes se tornam mercadorias

Este capítulo trata de situar em uma perspectiva histórico-evolutiva o caminho das sementes, considerada não em sua especificidade, mas na forma geral em que se insere no transcurso das relações sociais que caracterizam a evolução das sociedades até os dias atuais. Das sementes como bem de uso comum, à condição de mercadoria, quais os processos que possibilitaram e circunscreveram a apropriação privada das sementes até o momento em que passamos a considerar esta condição usual como a ordem natural das coisas.

Esta reflexão condiz com o propósito de efetuar a análise do processo identitário em uma perspectiva relacional ao contexto de desenvolvimento político-econômico, fazendo-se necessário aproximar-se às principais questões e acontecimentos determinantes a cerca do contexto sob o qual se insere a análise, bem como aos termos e conceitos que inevitavelmente serão referenciados posteriormente ao abordarmos diretamente a experiência.

Indubitavelmente, estudos apontam que simultaneamente à ocorrência das diversas agriculturas que caracterizaram o processo evolutivo de desenvolvimento das sociedades humanas nas diferentes regiões do mundo, uma característica parece ter atravessado indistintamente a estas formações: a semente tratada como bem comum associadas às normas comunitárias e manejada pelos agricultores no processo contínuo de seleção e adaptação às condições ambientais e culturais. Essa característica, comum às diversas agriculturas, passou a ser transformada apenas a partir do final do século XX, no curso do processo de subordinação da agricultura aos mercados e à indústria. Seguindo-se a expansão e difusão da agricultura capitalista como constitutivos do processo de colonização que se seguiu ao redor do mundo (REIS, 2012).

Ainda que brevemente, deve-se assinalar que os pressupostos do desenvolvimento deste padrão de agricultura são usualmente atribuídos em sua origem ao processo evolutivo ocorrido na Europa, especialmente o caso da Inglaterra, distinguindo-se no curso da evolução a superação da racionalidade associada às práticas agrícolas de pousio pelo sistema de rotação de culturas, processo denominado de Primeira Revolução Agrícola dos Tempos Modernos, que se refere ao período de decadência do sistema feudal (séc. XVI a XVIII), e que corresponde à possibilidade de intensificação de uso da terra. Subsequentemente a

Segunda Revolução Agrícola inscreve-se no processo de emergência e expansão do capitalismo industrial (séc. XIX), com o abandono do sistema de rotação de culturas e adoção à lógica da monocultura, rompendo com a racionalidade da conservação do solo pelas práticas agrícolas internas a propriedade em prol da premissa da utilização de insumos externos, principalmente fertilizantes minerais (ROMEIRO, 2007; REIS, 2012).

A partir daí se estabelecem as bases do padrão de desenvolvimento que viria a ser conhecido como modelo (euro-americano) de modernização agrícola, caracterizado pela adoção dos novos meios de produção desenvolvidos a partir da revolução industrial como a mecanização, a motorização e a introdução de produtos químicos (SANTILLI, 2009).

Em relação às sementes, até as primeiras décadas do século XX, registra-se a existência de um restrito mercado na Europa associado às espécies ornamentais, forrageiras e hortaliças. Com relação às demais culturas, inclusive aquelas de maior interesse econômico, predominavam majoritariamente a multiplicação e seleção realizada pelos próprios agricultores cultivadores, em um processo cuja eficiência e habilidade eram reconhecidas (REIS, 2012)

Contudo, entremeio a este contexto deve-se ressaltar que as sementes, desde o período da colonização, estiveram estreitamente relacionadas aos interesses das Coroas e Estados, seja com o propósito de implantação de cultivos em territórios do novo mundo destinados a exportação, como também na identificação e coleta de novas espécies. Nesse sentido, os jardins botânicos na Europa e posteriormente as estações experimentais públicas no EUA foram amplamente difundidos com vistas a promoverem a introdução, adaptação e seleção de espécies exóticas com base em interesses comerciais (REIS, 2012).

O melhoramento de plantas institucionalizado começa a ganhar relevância apenas na primeira década do século XX pela demanda de seleção de variedades de plantas adaptadas aos novos meios de produção, impulsionado pelos avanços nos conhecimentos sobre hereditariedade (REIS, 2012; SANTILLI, 2009). O lançamento de variedades era majoritariamente resultado das coletas de germoplasma, sendo gradativamente incorporada a seleção para homogeneidade, considerando critérios de adaptação à mecanização e tolerância ao uso de insumos químicos.

Primeiramente coube ao estado a iniciativa de promover e institucionalizar a atividade de pesquisa nesta área, sendo a Alemanha o país pioneiro em estabelecer as primeiras estações de pesquisa agrícola por volta de 1850, embora se atribua o desenvolvimento da pesquisa agrícola através do financiamento governamental, como um fenômeno americano, o qual ocorreu em grande escala nos anos seguintes. Assim, nos EUA, inicialmente este papel coube às instituições de ensino superior devotadas à agricultura, sendo sucedidas pela criação de estações agrícolas experimentais, através de leis próprias para direcionamento de fundos governamentais, estabelecendo uma divisão de trabalho entre as instituições a cerca da pesquisa básica e aplicada (GOODMAN, SORJ & WILKINSON, 2008).

O método de seleção predominante na estruturação dos programas de melhoramento era a obtenção e seleção de linhas puras superiores em espécies autógamas como trigo, cevada e centeio, sendo que uma vez disponibilizada as variedades continuavam sendo multiplicadas pelos agricultores. Somente entre os anos de 1915 e 1920, nos EUA, com o avanço do conhecimento sobre os efeitos da heterose em milho, até o alcance da viabilidade comercial através do desenvolvimento dos híbridos duplos⁷, este cenário começa a se alterar despertando o interesse do capital industrial, para atuação direta no setor.

Ao contrário das variedades selecionadas de polinização aberta que constituíam os métodos de melhoramento tradicionais em plantas alógamas, a nova semente híbrida tinha que ser adquirida a cada ano, além de que o processo de constituição tenha sido instrumentado na convergência dos setores de equipamento agrícola e agroquímico, estabelecendo assim o padrão para os pacotes tecnológicos associados às sementes, tornando-se um marco na subordinação da agricultura à indústria capitalista. A hibridação possibilitou a divisão social do trabalho entre agricultores e melhoristas, afastando a esfera da produção, da esfera da reprodução, contribuindo para que a semente efetivamente se tornasse uma mercadoria e possibilitando a consolidação de um mercado de sementes de milho (SHIVA, 2003).

⁷ A viabilidade comercial inicialmente parecia impossível, visto a dificuldade em multiplicar as sementes das debilitadas linhas originais de cruzamento interno, que permitiriam a formação do híbrido simples. Esta dificuldade foi amenizada a partir das pesquisas realizadas por Donald F. Jones ao cruzar dois únicos híbridos cruzados, ou de primeira geração resultando no híbrido (duplo), o qual superou a produtividade das melhores variedades de milho de polinização aberta (GOODMAN, SORJ & WILKINSON, 2008).

Dessa forma, a difusão do milho híbrido assim que se tornou viável comercialmente, popularizou-se rapidamente, estimando-se que em 1945, aproximadamente 88% do milho cultivado nos EUA provinham de variedades híbridas. A ampla difusão dos híbridos deveu-se ao expressivo apoio por parte de programas governamentais. Entretanto, por volta de 1950 o setor privado já havia se tornado a fonte principal de pesquisas do novo milho híbrido, ainda que as linhagens de cruzamento interno liberadas pelas instituições governamentais continuassem a ser de grande importância para a indústria das sementes híbridas (GOODMAN, SORJ & WILKINSON, 2008).

Em um primeiro momento, o contexto de emergência das técnicas de hibridação associado à atuação das instituições públicas possibilitou a emergência de dezenas de pequenas empresas. Contudo, logo após, a expansão de algumas empresas, atribui-se que a atuação na articulação de seus interesses, demandando o afastamento da pesquisa pública do desenvolvimento das linhas comerciais de milho, gerou um obstáculo aos pequenos produtores (empresas familiares), tornando-se uma eficiente barreira à penetração desse setor industrial, e facilitando o movimento de concentração de capital, que resultou posteriormente em poucas (grandes) empresas dominando o setor (GOODMAN, SORJ & WILKINSON, 2008).

Assim, o processo histórico reconstituído até este momento, possibilita a compreensão do que alguns autores denominam apropriação, por parte do capital industrial, das atividades que até então constituíam o fazer cotidiano dos agricultores em sua propriedade, reincorporando-os como insumos ou meios de produção, e alterando a atividade agrícola em sua acepção.

Da diversidade de agriculturas, a tendência à homogeneização, de bens de uso comum, à apropriação privada, as sementes passam a adquirir uma nova configuração, qual seja, a de mercadorias. Os altos rendimentos e as variedades sensíveis ao uso de fertilizantes constituem a inovação central da futura Revolução Verde, principal veículo para a transformação da agricultura por parte dos capitais agroindustriais das multinacionais. O cenário para a modernização da agricultura ao redor do mundo estava montado, e isso era só o começo.

1.2 Da Revolução Verde: Modernização conservadora da agricultura no Brasil

These and other developments in the field of agriculture contain the makings of a new revolution. It is not a violent Red Revolution like that of the Soviets, nor is it a White Revolution like that of the Shah of Iran. I call it the Green Revolution.[...]

The world is on the brink of an unprecedented opportunity. The critical food problem of the next 20 years can be solved. A growing number of developing nations are now moving to solve it. The question is whether this promising state of affairs will continue - whether the growth of food production in the developing world will continue to accelerate - whether this burgeoning agricultural revolution will become a part of the permanent order of things (Gaud, William S. 8 Março, 1968)⁸

Com estas palavras, o então diretor da Agência Norte-Americana para o desenvolvimento (USAID), Willian Gaud, cunhou pela primeira vez o termo Revolução Verde, prenunciando a revolução tecnológica que prometia resolver o problema crônico da fome que se alastrava no mundo no período pós-segunda guerra. O próprio termo, conforme observa Porto-Gonçalves, foi concebido como uma estratégia discursiva para deslocar o termo revolução do campo geopolítico para o campo tecnocientífico e contrapor-se as revoluções vermelhas, em um contexto de guerra fria (PORTO-GONÇALVES, 2006). Naquele contexto, o desenvolvimento rural era percebido pelos Estados Unidos como um elemento chave para manutenção de influência nos países da América Latina e da Ásia, além da abertura de importantes canais para a expansão das empresas que se voltavam à produção de insumos para agricultura, logo a ciência e a tecnologia agrícolas foram ofertadas aos países periféricos como a solução para a superação da fome e caminho para alcançar os padrões de desenvolvimento dos países industrializados. (ALBERGONI & PELAEZ, 2007; REIS, 2012)

Nesta perspectiva, o modelo base originava-se nas formas de produção já implantadas na agricultura norte-americana desde a década de 1930, que vinham sendo parcialmente difundidas para o mundo inteiro. Como referência pioneira, considera-se o processo ocorrido no México, através de programa de melhoramento de trigo, financiado pela Fundação Rockefeller, e coordenado pelo pesquisador norte americano Norman Ernest Borlaug⁹, resultando em um novo tipo de planta (variedades anãs) que permitia o uso de maior quantidade de fertilizantes,

⁸ Gaud, William S. (8 March 1968). Site AgBioworld. Disponível em: <[The Green Revolution<3 Accomplishments and Apprehensions>](#)> Acesso em: jul. 2015.

⁹ No ano de 1970, Borlaug ganhou o Prêmio Nobel da Paz, “em reconhecimento à sua contribuição para a paz mundial através do aumento do fornecimento de alimentos”. Site Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Norman_Borlaug>. Acesso em jul. 2015.

resistentes às doenças e ao acamamento e adaptadas para diferentes regiões do mundo (insensíveis ao fotoperíodo). A transferência de tecnologia através da difusão destas variedades, associadas ao respectivo pacote tecnológico, para a Ásia, África e China, tornou-se símbolo da revolução verde, instaurando uma nova era e padrão para a pesquisa agrícola e agenda de desenvolvimento.

Dessa forma, a partir dos anos 1960, a pesquisa agrícola adquiriu uma dinâmica internacional, sendo implantados centros de pesquisa (International Agricultural Research Centers - IARCS) em vários países, contando com financiamento de instituições como o Banco Mundial, Fundação Rockefeller, Fundação Ford, dentre outras. Em 1971, foi criado o Consultative Group on International Agricultural Research – CGIAR que corresponde à agência de pesquisa que congrega os vários centros que atuam no tema do melhoramento (ALBERGONI & PELAEZ, 2007). No Brasil, a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária– EMBRAPA, em 1973, e sua estruturação em centros por produto evidenciam a mesma lógica de constituição. Ao refletir a cerca do contexto deste período, descreve Martine (1987):

Entretanto na década de 60 constatou-se um avanço qualitativo propiciado pela conjugação de dois fatores complementares. Por um lado o aperfeiçoamento da pesquisa por produto permitiu maior agilidade na descoberta da produção de sementes melhoradas apropriadas, assim como na identificação empírica das combinações adequadas de fertilizantes e defensivos em cada ambiente. A rápida difusão desse know-how se fez através dos centros especializados e das faculdades de agronomia, assim como dos programas de assistência bilateral norte americanos (MARTINE, 1987).

Com relação ao papel dos centros especializados, destacam-se a atuação do Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo - CIMMYT e o Instituto Internacional de Pesquisa em Arroz - IRRI na difusão das novas variedades de milho, trigo, e arroz. Contudo, acrescenta o autor:

Por outro lado, dadas às exigências técnicas deste pacote em termos de máquinas agrícolas, fertilizantes, herbicidas, fungicidas e outros defensivos, a internacionalização das grandes empresas de máquinas e insumos agrícolas foi fator fundamental na extensão do novo modelo agrícola. [...] Posteriormente, a integração funcional entre a pesquisa agrícola, as indústrias de insumos e o crédito agrícola lhe daria força maior. (MARTINE, 1987).

No Brasil, a conjugação desses e outros fatores ocorreram com maior intensidade e intencionalidade a partir dos anos 60, constituindo o período histórico que caracteriza a denominada modernização conservadora da agricultura brasileira (1965 – 1985). Este processo emerge a partir da derrocada política da reforma

agrária, decorrente das alianças que constituíram o período de militarização brasileiro que se efetivou a partir de 1968 (DELGADO, 2012). Logo, o desenvolvimento de uma agricultura capitalista em integração com a indústria e capital internacional, e com a participação determinante do estado, preservaria e até acentuaria as diferenciações agrárias que perpassam a trajetória do desenvolvimento do país, fortalecendo as grandes propriedades e latifúndios que ora caracterizaram o sistema plantation¹⁰ escravista:

Em certo sentido pode-se visualizar nele um pacto agrário modernizante e conservador, que, simultaneamente a integração técnica da indústria com a agricultura, trouxe ainda para o seu abrigo às oligarquias rurais, ligadas a grande propriedade territorial e ao capital comercial (DELGADO, 2012).

Conforme enfatiza Gorender:

Está claro que semelhante impulso ao desenvolvimento capitalista é feito pelo estado de maneira rigorosamente discriminatória: beneficia os grandes proprietários, dá prioridade aos produtos de exportação e a pecuária bovina de corte privilegia certas regiões políticas e economicamente mais poderosas. É uma política conjugada com o interesse da indústria de equipamentos e de insumos agrícolas e com a indústria transformadora de matérias-primas agrícolas, setores nos quais predominam amplamente as grandes multinacionais imperialistas (GORENDER, 1987, p.47).

Em 1965, a partir da articulação do Sistema Nacional de Crédito Rural - SNCR estimulou-se a adoção de pacotes tecnológicos, mediando sua adoção com mecanismos de seguro de preço e seguro do crédito à produção, através do aprofundamento das relações de crédito na agricultura. Assim, o caráter da modernização incentivada através da concessão de crédito demonstrou, ao longo do tempo, o propósito explícito de associar o sistema de produção, no que tange ao agricultor, ao consumo contínuo de novas tecnologias, baseado em monocultivos, mecanização, agrotóxicos, adubos químicos, sementes, dentre outros. A elevação da produtividade tem sido a meta básica a ser perseguida e, ao mesmo tempo, o critério de avaliação e validação da adequabilidade das tecnologias geradas (Xavier, 2010). Conforme Martins:

A correlação entre crédito e produção é a medida da eficácia da política econômica de que eles (institutos de crédito) são executores. [...] É de se notar que mesmo na política econômica fala-se em produtividade e não em rentabilidade do capital investido [...] (MARTINS, 1975, p.32-33).

¹⁰ O termo plantation é uma palavra de origem inglesa, utilizado para resumir o funcionamento do modelo empregado nas colônias, caracterizado por grandes fazendas de áreas contínuas onde se praticavam monocultivos (cana, algodão, gado, café, cacau) destinadas à exportação. Utilizavam o que havia de mais moderno em termos de tecnologia e contraditoriamente baseavam-se em trabalho oriundo de mão de obra escrava (STEDILE, 2005).

Com relação ao contexto geral, o governo federal iria, na verdade, estruturar um chamado setor público, de caráter gigante, abrigando as instituições herdadas como os institutos por produto ou região (Instituto Agrônomo - IAC, Instituto Brasileiro do Café - IBC), e também as novas entidades criadas na década de 1960 e 1970, como: Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMBRATER, SNCR, EMBRAPA, dentre outras. A par desse contexto estrutura-se simultaneamente a indústria de insumos e bens de capital para a agricultura no Brasil.

A respeito do processo que se sucedeu, dados os principais elementos que determinaram o contexto do período em questão, a análise poderia seguir vários caminhos. Desde como estes elementos evoluíram em sua especificidade, a exemplo das várias faces e fases do crédito agrícola, do sistema de pesquisa agropecuário, da assistência técnica oficial, e, como até hoje, ainda permanecem em correspondência, ou de outra parte avaliar as consequências derivadas do padrão de modernização conservadora da agricultura no que tange as dimensões ambiental, social, cultural, territorial, econômica, dentre outros. Por ora, cabe ressaltar que a despeito do aumento de produtividade que constituiu, e ainda hoje, a retórica justificadora do paradigma dominante, a fome permanece uma realidade, para um em cada nove habitantes no mundo, 50 anos depois (FAO, 2014).

Para fins deste trabalho, cabe compreender outro viés deste processo, qual seja, o arcabouço jurídico que se ergueu, entremeio a este contexto, em proteção a (livre) circulação das sementes, restritas agora ao mercado capitalista.

1.3 Entre o sistema formal e informal de produção de sementes: a constituição do marco legal

A constituição de um marco regulatório jurídico sobre o tema das sementes no Brasil teve início na década de 60 do século passado. É desta data a primeira lei brasileira sobre o tema, a Lei Nº 4.727, editada em 13 de julho de 1965, destinada a regular a fiscalização do comércio de sementes e mudas. Com relação a este período destaca Santilli:

A primeira lei de sementes brasileira foi editada em um período histórico em que muitos países adotaram legislações semelhantes, influenciados pelo paradigma do produtivismo e da 'modernização' da agricultura, da padronização dos produtos agrícolas e da fragmentação das várias etapas da produção agrícola. Neste novo paradigma industrial as variedades de

alto rendimento, homogêneas, estáveis e dependentes de insumos externos, introduzidas pela revolução verde, tiveram um papel central (SANTILLI, 2009).

Cabe ressaltar, quanto à caracterização deste período, que se tratava (e ainda no presente) de um paradigma¹ de desenvolvimento, cuja predominância e abrangência orientaram majoritariamente a condução das políticas relacionadas à agricultura no Brasil e na América Latina. Foi nesse período que surgiram as leis de sementes, destinadas a orientar um setor moderno e comercial de produção de sementes (LOUWAARS, 2007). Logo, o apoio à constituição do referido setor de produção tornou-se objeto e objetivo de programas de desenvolvimento financiados por organismos internacionais.

Estima-se que a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional – USAID tenha apoiado o desenvolvimento de um setor formal de sementes melhoradas em 57 países em desenvolvimento, no período de 1958 a 1987, a Organização das Nações Unidas pra Alimentação e Agricultura - FAO atuou em 60 países, entre 1972 e 1984, através do Programa de Melhoramento e Desenvolvimento de Sementes, e o Banco Mundial financiou 13 programas nacionais de sementes e pelo menos uma centena de projetos relacionados com a introdução de sementes melhoradas entre 1975 e 1985. O principal objetivo destes programas era capacitar às instituições agrícolas locais para produzir sementes melhoradas criando condições para que o setor privado se desenvolvesse e assumisse a produção e a comercialização (SANTILLI, 2009).

Nesta perspectiva, a promulgação da referida Lei de sementes, em 1965, ao estabelecer as condições para a produção e comercialização de sementes, efetua em si uma distinção onde o que não se enquadra neste regulamento passa a não ser considerado como semente. A partir daí, inscreve-se uma denominação singular, utilizada ainda hoje, ao referirem-se as sementes, sendo “sistema formal” a referência àquelas sementes produzidas em amparo à legislação, e “sistema informal” para expressar usualmente o que, a partir deste momento, não se enquadra na nova legislação, como as sementes tradicionalmente conservadas e (re) produzidas pelos agricultores em seus sistemas de manejo. Sob este tema destaca Santilli:

É mais comum a utilização do termo ‘sistema formal’ (convencional ou institucional) de sementes para enfatizar a sua adequação a normas legais, e o fato de que combina atores e instituições públicas e privadas no desenvolvimento, na produção e na distribuição de sementes, tais como

bancos de germoplasma, instituições de pesquisa agrônômica, fitomelhoristas, produtores, beneficiadores, armazenadores, comerciantes e certificadores de sementes, cujas atividades são reguladas por normas técnicas e metodologias padronizadas (SANTILLI, 2012).

Em face disso, há que se ressaltar que inerentemente a constituição e expansão do setor formal decorre simultaneamente um processo de desarticulação das práticas tradicionalmente realizadas pelos agricultores (como a reserva das sementes pra uso na próxima safra, trocas e comercialização direta), seja pela criação de mecanismos jurídicos e políticos que condicionam os agricultores a adquirir sementes do setor formal, seja pela alusão a imagem de progresso e modernização associada ao agricultor¹¹, consumidor das novas tecnologias, propagadas através dos pacotes tecnológicos.

Os desdobramentos dessa distinção permanecem em debate ainda na atualidade, conforme manifesta Petersen, uma das mais expressivas evidências dessa negação é a classificação das sementes da agrobiodiversidade (crioulas) como grãos, e não como sementes (PETERSEN et al, 2013). Através das palavras de um agricultor do Polo da Borborema: “semente é tudo aquilo que nasce¹²”, pode-se compreender que a distinção que ora persiste em torno deste conceito não é uma distinção que existe na natureza, mas que só tem sentido (?) no arcabouço jurídico e social das relações sociais de produção vigentes. Sobre este tema, analisa Shiva, ao referirem-se as categorias VAR¹³ (variedade de alto rendimento), preconizadas pelo processo de modernização de agricultura:

A categoria Variedade de Alto Rendimento é uma categoria central no paradigma da revolução verde, sendo essencialmente uma categoria reducionista. A semente transformada em mercadoria é ecologicamente incompleta em dois níveis: não se reproduz a si mesma, ao passo que por definição a semente é um recurso regenerador; e não produz sozinha, precisa de ajuda de insumos para produzir (SHIVA, 2003).

De acordo com Pearse (1980), as características biológicas básicas das variedades de alto rendimento têm sido a sensibilidade positiva potencial aos nutrientes e a ação da luz solar através da fotossíntese. O melhoramento para estas características utilizou-se do cruzamento entre variedades para obter uma nova arquitetura de planta, tendo como base os sistemas de manejo preconizados pela

¹¹ Em oposição à imagem do agricultor moderno, consumidor de tecnologias, estaria o agricultor tradicional, atrasado, referido usualmente pela expressão jeca tatu, e reificado no personagem Chico Bento, criado pelo cartunista Maurício de Souza (SILVA, 2010).

¹² Informação verbal (PETERSEN, P. et al. Semente ou grãos? Lutas para desconstrução de uma falsa dicotomia. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.10, n.1, p.36-45, 2013).

¹³ Em inglês: High-Yelding Varieties – HYV’s.

revolução verde. Assim, em um primeiro momento, o aumento do suprimento de fertilizantes manifestou, em decorrência, uma tendência ao crescimento excessivo de caules aumentando a perda de grãos pelo despencamento dos talos. Esta restrição aparente à absorção de nutrientes foi superada com o desenvolvimento de variedades anãs de caule curto e palha dura, resistentes o bastante para suportar as panículas mais pesadas e que poderiam ser colhidas mecanicamente. Quanto à eficiência fotossintética buscaram-se variedades de folhas curtas e eretas com alta taxa de rebentação¹⁴ e visando a maximização da superfície das folhas expostas a luz solar incluindo sua disposição em relação à trajetória do sol (GOODMAN, SORJ & WILKINSON, 2008).

Em que pese às distinções interespecíficas, de forma geral, os programas de melhoramento estabelecidos e a consequente disponibilização de variedades no âmbito do sistema formal, privilegiaram predominantemente as características descritas, que correspondem respectivamente à precocidade, capacidade de crescimento rápido, baixa estatura, porte ereto, resistência ao acamamento, tendência ao perfilhamento, disposição foliar, maturação uniforme, sensibilidade positiva a adubação química e mecanização dos processos produtivos. É neste contexto que se estabelece o paradigma fixista da variedade, que pressupõe os critérios de homogeneidade, estabilidade e distinção¹⁵ para a disponibilização, no âmbito da legislação, das novas variedades, então denominadas cultivares.

Nessa perspectiva, configuram-se os instrumentos jurídicos, ainda que sem grandes alterações no período em que foi promulgada a segunda Lei de Sementes brasileira (LEI Nº 6.507), em 1977. Entremeio a este contexto, de constituição do referido marco regulatório, o mercado que se estabeleceu a partir do sistema formal de produção de sementes, caracterizou-se pela presença crescente e expressiva de empresas privadas (capital nacional) nas espécies alógamas através da disponibilização de cultivares híbridos (principalmente no caso do milho), e na predominância das instituições públicas, na disponibilização de cultivares das espécies autógamias (REIS, 2012). Datam deste período, a implantação dos

¹⁴ Capacidade de produzir hastes ou caules secundários chamados rebentos e de formar panículas ou espigas carregadas de grãos (PEARSE, 1980).

¹⁵ Homogeneidade – cultivar que utilizada em plantio apresente variabilidade mínima quanto aos descritores que a identifiquem; Estabilidade – cultivar que mantenha a homogeneidade através de gerações sucessivas; Distinção – cultivar que se distingue claramente de qualquer outra já desenvolvida (Lei 9.456, 1997, Lei de Proteção de Cultivares). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9456.htm>.

conselhos regionais por produto (espécie), e a consequente parceria entre as instituições estaduais de pesquisa e Embrapa no lançamento de cultivares que, logo, obtiveram expressivo índice de cultivo, como o caso de cultivares de arroz, feijão, trigo, dentre outros.

A partir dos anos 1990, com a expansão do capital internacional na agricultura inserido ao contexto do neoliberalismo, e em face à acentuação e repercussão das consequências geradas pelo modelo de modernização da agricultura, o debate retorna à cena, alterando substancialmente o contexto. Se por um lado aprofunda-se a constituição do sistema jurídico, com novos instrumentos que dialogam direta e indiretamente com o tema, de outra parte, fica evidente a repercussão deste modelo com relação ao ambiente. Neste caso, com especial atenção à perda e estreitamento da biodiversidade, adquirindo expressiva notoriedade a partir da Conferência das Nações Unidas para o Ambiente, ocorrida no Rio de Janeiro em 1992, a qual determinou a implantação da Convenção da Diversidade Biológica - CDB para o aprofundamento do debate.

Com relação às determinações do contexto neoliberal, observa Reis:

Após a adesão do Brasil aos acordos da Organização Mundial do Comércio, iniciou-se o processo de reformulação da legislação nacional sobre propriedade intelectual. Em 1996 é aprovada a Lei da Propriedade Industrial (Lei 9.279) e em 1997 a Lei de Proteção de Cultivares (Lei 9.504). Nessa década graças à estratégia desenvolvida pelas empresas transnacionais de biotecnologia, começou a ocorrer também um movimento de concentração do mercado, por meio da aquisição das pequenas empresas que atuavam até então, estratégia fundamental para que as transnacionais pudessem apropriar-se do material genético adaptado às condições locais. Em 2003, é aprovada a nova Lei de Sementes (Lei 10.711) voltada para o fortalecimento do setor formal e da atuação das empresas privadas no mercado de sementes. A lei de Proteção de Cultivares e a Lei de Sementes modificaram completamente o ambiente institucional relacionado à produção e utilização de sementes no Brasil (REIS, 2012).

Assim, a promulgação da Lei de Cultivares, logo após a Lei de Patentes, inscreve a permissibilidade de concessão de Certificado de Proteção de Cultivar, visando proteger os direitos relacionados à propriedade intelectual do obtentor da cultivar, assegurando-lhe o direito de exclusividade à reprodução comercial em território brasileiro. Durante a vigência da Proteção, é permitido incidir na comercialização da cultivar o valor correspondente aos royalties, salvo direito do agricultor e privilégio do melhorista, previstos em lei. Este direito expira após 18 anos para espécies frutíferas, florestais e ornamentais, e ao prazo de 15 anos para

as demais espécies, passando a cultivar a condição de domínio público, sem restrições de uso.

A despeito das controvérsias e polêmicas estabelecidas desde então (as quais de forma corrente têm sido remetidas ao âmbito judicial), o impacto das referidas legislações refletiu substancialmente sobre o mercado de sementes, causando uma reconfiguração na participação das empresas e instituições que atuam no setor, bem como na proporção entre o setor público e privado. Em geral, com relação ao setor privado transcorre um movimento de concentração e desnacionalização do mercado. Conforme Carvalho e Pessanha (2001):

No entanto, o mercado brasileiro de sementes foi bastante impactado pela ação de empresas multinacionais, não necessariamente como decorrência, mas após a promulgação das Leis de Propriedade Industrial e de Proteção de Cultivares. Apenas a Monsanto comprou as duas maiores empresas que operavam no mercado de milho híbrido (Agroceres e Cargil), concentrando, em 1999, quase 2/3 do mercado em suas mãos. Na base dessa estratégia de aquisições está, segundo o diretor de negócios de agricultura da Monsanto no Brasil, uma maior difusão de tecnologias de base biotecnológica (Globo Rural, 1999) (CARVALHO E PESSANHA, 2001)

Ao que acrescenta REIS:

Como resultado desse processo, o mercado de sementes passou a ser polarizado entre as instituições do setor público (lideradas pela Embrapa) e empresas transnacionais de biotecnologia, sendo pouco significativa a participação de empresas privadas nacionais no desenvolvimento de novas cultivares (REIS, 2012).

Dessa forma, nessa polarização, as instituições públicas que claramente eram protagonistas¹⁶ do período anterior, quando da constituição do setor formal, a partir da década de 1990, rendem espaço progressivamente às empresas privadas inclusive na disponibilização de cultivares de espécies varietais, a exemplo da soja, agora salvaguardadas pela lei de proteção de cultivares. Além disso, ao adotarem regulamentações internas próprias, visando usufruir dos benefícios (financeiros) da condição de proteção, as instituições foram impelidas a romperem com as parcerias de pesquisa entre instituições pares, e a empreenderem programas de melhoramento autônomos, visando o lançamento de novos cultivares. Logo, as instituições estaduais de pesquisa, com raras exceções, prontamente apresentaram dificuldades financeiras para acompanhar o elevado investimento em P&D (pesquisa e desenvolvimento) que acompanharia o setor, situação que ocorreu

¹⁶ Com exceção das variedades híbridas de milho, onde a atuação do setor privado sempre foi importante.

simultaneamente, embora em menor intensidade, ao considerar-se a Embrapa (SILVA, 2014).

É neste cenário que se forjou a terceira lei de sementes brasileira, a qual se encontra em vigor atualmente (LEI Nº 10.711), sendo promulgada em 2003. Em seu artigo primeiro consta como objetivo de “garantir a identidade e qualidade do material de multiplicação e de reprodução vegetal produzido, comercializado e utilizado em todo o território nacional”. A partir das disposições desta lei, do decreto que a regulamenta (DECRETO 5.153/2004), e das instruções normativas que se seguiram, as quais passaram a vigorar no decorrer dos últimos anos, observaram-se novas alterações substanciais, as quais têm sido extensa e detalhadamente analisadas em diversos trabalhos.

Sobre os procedimentos e processos estabelecidos a partir da Lei 10.711, optou-se por abordá-los, para fins deste trabalho, a partir da discussão dos resultados, à medida que estes interfiram no cotidiano da experiência analisada. Entretanto, cabe ressaltar, algumas questões gerais, como: (i) a obrigatoriedade da inscrição das cultivares no Registro Nacional de Cultivares - RNC, o qual pressupõe os critérios de distinção, homogeneidade e estabilidade, e a existência de pelo menos um mantenedor, sob pena de exclusão da lista de cultivares habilitados para cultivo; (ii) o credenciamento do produtor de sementes no Registro Nacional de Sementes e Mudas – RENASEM, cumprindo com os requisitos estabelecidos; (iii) a alteração das categorias de classificação das sementes e o estabelecimento da regressão de categoria a cada cultivo, obrigando o produtor de sementes a adquirir constantemente sementes junto ao mantenedor; (iiii) o volume de documentos exigidos regularmente para regularização dos processos de produção de sementes, associado ao formato do sistema de monitoramento facilitado para produtores de uma ou poucas espécies, basicamente monocultivos.

Em uma perspectiva geral as análises coincidem na constatação de que o eixo condutor da referida legislação está fundamentado na regulamentação do desenvolvimento de um setor de sementes moderno, em que as empresas privadas têm um papel central na produção e comercialização e o poder público vai aos poucos se afastando. Nesse contexto, as pequenas empresas têm enfrentado dificuldades para cumprir os requisitos estabelecidos, e fazer frente às inovações biotecnológicas, o que expõe que a lei não apenas beneficia os sistemas formais como privilegia as grandes empresas sementeiras, ao impor condições que apenas

elas conseguem cumprir (SANTILLI, 2009). Ademais, é necessário considerar o debate estabelecido a cerca do impacto da legislação sobre a agrobiodiversidade, as variedades crioulas e seus respectivos sistemas de produção e saberes associados, destacando o caráter homogenizador e erosivo inerente à legislação.

Embora, com relação a esta temática, cabe a ressalva de que, após intensa articulação da sociedade civil, consta na Lei de Sementes em vigor, pela primeira vez, o reconhecimento às sementes crioulas, no artigo segundo, parágrafo terceiro, como segue:

É reconhecida a existência da cultivar local, tradicional ou crioula, como sendo variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados de reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que não se caracterizem como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais [BRASIL, Lei nº 10.711, 2003]

Embora a importância desta afirmativa, a própria lei (artigo 8º, parágrafo 3º) delimita e restringe sua utilização quanto ao público e o ambiente de circulação dessas cultivares: “os agricultores familiares, os assentados de reforma agrária e os indígenas que multipliquem sementes ou mudas para distribuição, troca ou comercialização entre si ficam isentos de inscrição no Registro Nacional de Cultivares”. Neste caso, a concessão decorre ao condicionamento explícito a não interferência no desenvolvimento do sistema formal, e a livre circulação das variedades de alto rendimento, como sementes na forma de mercadorias.

A partir dos anos 2000, o modelo de modernização conservadora da agricultura se reconstitui, configurando um virtual pacto de economia política, relançado no presente, mas com características semelhantes ao período da ditadura militar, evidenciado no relançamento dos complexos agroindustriais (transnacionais), da grande propriedade fundiária e de determinadas políticas de Estado, tornando viável um peculiar projeto de acumulação de capital na agricultura então denominado agronegócio (DELGADO, 2012). Ainda que diversos autores justifiquem o uso do termo agronegócio¹⁷ como designação técnica para referir-se ao conjunto das relações agropecuárias que já não podem ser compreendidas no âmbito das relações primárias, mas que extrapolam a fronteira da propriedade crescendo-se as atividades agroindustriais e de comercialização.

Na realidade, conforme analisa Sauer este termo foi apropriado politicamente por determinado segmento no Brasil para expressar tecnificação (uso de tecnologia

¹⁷ Tradução literal do termo *agribusiness*, cunhado a partir do contexto agropecuário norte-americano.

moderna) e escala na agropecuária (SAUER, 2008). Assim, para fins deste trabalho este fenômeno não pode ser compreendido senão em sua dimensão política-econômica, no que traduz e no que expressa – quais sejam - relações arcaicas dominantes, reinventadas, sob nova roupagem.

1.4 Transformando a mesa: a evolução da indústria de sementes de hortaliças no Brasil

Nesta última seção, a reflexão remete a uma breve reconstituição dos principais momentos de formação do mercado e indústria de sementes de hortaliças no Brasil, visando compreender o contexto geral discutido até aqui ao considerar a especificidade que compõe o ambiente de atuação da experiência que será analisada posteriormente.

Nesta perspectiva, ao considerar a atividade de produção de sementes de hortaliças, Costa (2007), identifica três momentos que distinguem e caracterizam o processo evolutivo. Se na época do Brasil colonial o consumo de hortaliças era considerado eventual, baseado na disponibilidade e nos hábitos alimentares indígenas, africanos e portugueses, este processo alterou-se basicamente a partir da vinda de imigrantes italianos, alemães, japoneses que se instalaram nas regiões sul e sudeste do país. A partir daí, a olericultura destacou-se, e no período que se refere aos anos 1920 até 1950, o modelo que se estabeleceu estava baseado na importação de sementes varietais de casas de sementes tradicionais do mercado doméstico europeu, muitas vezes sem adaptabilidade para as condições tropicais. (COSTA, 2007).

Este modelo se encerra a partir da Segunda Grande Guerra, onde o fornecimento de sementes foi interrompido causando uma escassez de sementes de hortaliças, principalmente das espécies como as brássicas, cebola, cenoura, beterraba, salsa, chicória, dentre outras. Este fator tornou-se propulsor do desenvolvimento das atividades de multiplicação e produção de sementes de hortaliças, em encontro ao período de fomento às empresas públicas de pesquisa, a partir dos anos 60, no decorrer da revolução verde.

Desta forma, o segundo momento, distinguir-se-ia basicamente pelo desenvolvimento da pesquisa para adaptabilidade e tropicalização de espécies varietais e incipiente produção de híbridos, destacando-se o importante papel das

instituições públicas, e constituindo assim a base para a formação da indústria brasileira de sementes de hortaliças. Datam deste período a criação das primeiras empresas nacionais como Horticeres (1967) e Agroflora (1968), seguidas de outras como Hortec, TaneAgro, Hortivale, VigorAgro, as quais inicialmente atuaram com base nos materiais genéticos desenvolvidos pelas instituições públicas (COSTA, 2007).

No decorrer dos anos seguintes, outro modelo de indústria passou a incorporar-se ao mercado de sementes de hortaliças, assentado na fundação de empresas importadoras de sementes, cujo modelo clássico estaria representado na ISLA (Importadora de Sementes para Lavoura), a exemplo de Feltrin, Sakama e TopSeed (atualmente Agristar). Ao referir-se a este modelo, observa Costa:

Todas essas empresas do ramo sementeiro priorizaram a parte comercial [...] não desenvolvem pesquisas de melhoramento e sim adquirem seus produtos devidamente validados da genética de empresas estrangeiras (COSTA, 2007).

A terceira fase corresponde às transformações ocorridas na esteira do contexto neoliberal anunciado anteriormente, onde a partir dos anos 90, o movimento de concentração e centralização de capital atingiu a indústria de sementes de hortaliças, e as empresas brasileiras mais tradicionais foram adquiridas por grupos internacionais, como o caso da Agroflora pela Sakata Seed Company, e da Horticeres pela Seminis que se tornou subsidiária a Monsanto Company. Como decorrência desses e outros processos de fusão e aquisição, várias estações experimentais e programas de melhoramento das empresas nacionais foram encerrados e a pesquisa deslocou-se para o ambiente internacional (COSTA 2007; WILKINSON & CASTELLI, 2000).

Neste cenário, e a exemplo do que ocorreram com outras espécies, as instituições públicas de pesquisa também restringiram as ações no melhoramento convencional de hortaliças, em prol de novos investimentos na área da biotecnologia. Conseqüentemente, em pesquisa realizada junto ao Registro Nacional de Cultivares, em 2014, observa-se a acentuada predominância de empresas privadas em relação ao número de cultivares disponíveis, principalmente naquelas espécies de maior valor agregado de comercialização e no desenvolvimento de híbridos viáveis (SILVA, 2014). Em relação a esses processos, vide:

Sem dúvida, a grande mudança no novo cenário do setor de sementes de hortaliças nacional implementada pelas empresas multinacionais foi à conversão do mercado de sementes de polinização aberta, de baixo valor

de mercado, por cultivares híbridas. Com efeito, salvo as espécies de hortaliças cuja produção de sementes híbridas não é econômica e/ou tecnicamente viável, a exemplo da alface, ervilha, feijão-vagem, coentro, salsa, entre outras, o mercado de sementes de polinização aberta tem sido explorado exclusivamente por empresas de pequeno porte e abrangência nacional (NASCIMENTO & MELLO, 2015)

Nessa mesma pesquisa, foram identificadas inúmeras cultivares oriundas de materiais genéticos importados, registradas no RNC em nome de pessoas físicas e jurídicas, para habilitação a comercialização no mercado nacional, confirmando a tendência mencionada de deslocamento da pesquisa para o âmbito internacional. De outra parte, espécies hortícolas importantes nos hábitos alimentares brasileiros aparecem sem nenhuma cultivar habilitada pela pesquisa pública, somente cultivares registradas por empresas privadas, como melancia, coentro, almeirão, couve de folhas (couve comum), couve flor, abobora caserta, beterraba, dentre outras (SILVA, 2014).

Outra recente tendência evidenciada na atuação dos grupos e empresas transnacionais refere-se à transferência dos campos de produção de sementes para outros países, conforme Nascimento & Mello:

Nos últimos anos vem aumentando a contratação da produção de sementes das diferentes espécies de hortaliças em uso no Brasil em outros países, notadamente no Chile e, mais recentemente no Peru, além de países asiáticos, tanto para empresas nacionais como as transnacionais que atuam no país. No entanto a adoção dessa prática é questionável, uma vez que o desempenho de uma determinada cultivar pode variar quando é submetida a condições agroecológicas diferentes daquelas onde foi originalmente selecionada. Vale salientar que, embora para a empresa de sementes este aspecto seja conveniente e de menor custo, ele não contribui para o desenvolvimento da tecnologia de produção nacional; com isso o país torna-se cada vez mais dependente da importação de sementes ocasionando evasão de divisas (NASCIMENTO & MELLO, 2015).

Como decorrência deste movimento, a erosão, evasão e privatização do conhecimento, são destacadas pelos autores:

Como algumas empresas fomentam a produção de sementes no exterior, a tecnologia para a produção de sementes de hortaliças no nosso país tem, em alguns casos, sido incipiente; soma-se a isto que as técnicas empregadas na produção de sementes ficam restritas a empresas produtoras de sementes, não estando disponível a cadeia produtiva (NASCIMENTO & MELLO, 2015).

Atualmente, conforme dados anunciados pelo grupo Monsanto, a Seminis já responderia por 85% das sementes de brócolis comercializadas no planeta e 40% das sementes de tomates. No Brasil, a cada 10 pepinos comercializados, 6 seriam oriundos de sementes do grupo Monsanto e metade das couves comercializadas no mercado nacional. Em um paradoxo evidente, a empresa reivindica a condição de

líder na comercialização de sementes para o mercado orgânico¹⁸ nos Estados Unidos. Ao anunciar os investimentos para o próximo período, a empresa diz não ter interesse em expandir o portfólio composto por 25 espécies de hortaliças (REVISTA ECOLÓGICA¹⁹, 2014).

Assim, considerando os imbricados movimentos e tendências que transparecem na atuação das empresas que dominam o mercado de produção de sementes, respaldadas pelo marco jurídico vigente, não há como imaginar que a mesa e os hábitos alimentares da população possam passar imunes às novas transformações, sendo evidentemente impactados e transfigurados.

Diante dessa nova realidade, para alguns se abre uma brecha e uma trincheira. A elas correspondem simultaneamente a possibilidade de continuar resistindo frente à um contexto tão adverso, delimitado pela ação das empresas transnacionais, e na experiência considerada, assumindo o papel de manutenção e disponibilização de variedades de interesse da agricultura familiar, ora em vias de extinção. Entremeio ao contexto considerado segue a análise da experiência.

¹⁸ Dentre as controvérsias da legislação, a Instrução Normativa Nº46/2011 MAPA estabelece que as sementes e mudas devam ser oriundas de sistemas orgânicos, entretanto na ausência destas, o produtor pode ser autorizado utilizar semente oriunda de sistemas não orgânicos. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=78910>>.

¹⁹ A reportagem reproduzida pela Revista Ecológica, em 15/09/2014, foi originalmente publicada pelo jornal Valor Econômico em 11/09/2014, sob autoria da jornalista Bettina Barros.

2. QUESTÕES METODOLÓGICAS:

Este capítulo está dedicado à caracterização da metodologia que orienta esse estudo, e que inclui simultaneamente, conforme propõe Minayo, a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador - sua experiência, capacidade pessoal e sensibilidade (MINAYO, 2014).

Considera-se, que ao empreender um estudo, diversas opções são realizadas, desde o problema a ser estudado até as opções teórico-metodológicas. Não são escolhas atribuídas ao acaso, nem poderiam ser. Encontram-se conscientemente ou não, coerentes com a visão de mundo do pesquisador, sua experiência reflexiva, memória intelectual, e ainda assim limitadas ao contexto social em que este está inserido. Ao reconhecer estes pressupostos, a pesquisa adquire autor, o contexto – espaço, e os sujeitos – nome, assumindo assim a identidade do trabalho. A ciência não pode ser senão a práxis pensada, sistematizada, analisada.

Assim, a vivência prévia de participação direta na experiência analisada, é o elemento que determina (demanda a construção do problema) e possibilita este trabalho. Não há, portanto, na metodologia a construção de um formato para apreender a realidade, mas o esforço teórico de compreender a própria realidade a partir da sua sistematização e análise. Nesta perspectiva, busca-se delimitar os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram o caminho trilhado.

2.1. A concepção do método

Considerando o objetivo geral proposto de analisar o processo identitário que distingue e caracteriza a Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, buscando compreender o processo de diferenciação social, que perpassa a trajetória de

atuação da Rede, inserido ao contexto das relações de produção vigentes, suas determinações, implicações e perspectivas.

Observa-se que o trabalho proposto remete inerentemente a pesquisa qualitativa a qual se caracteriza por ser um tipo de pesquisa que considera o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Além disso, este tipo de método permite desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referidos a grupos particulares, propicia à construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação (MINAYO, 2014).

Dessa forma busca-se compreender o fenômeno exatamente como ele se manifesta no cotidiano, nas contradições e a partir das percepções dos sujeitos que os vivenciam, concordando com Iasi e Minayo ao afirmarem que o universo das investigações qualitativas é a vida cotidiana em sua complexidade (IASI, 2002; MINAYO, 2014).

Entretanto, diverge-se das abordagens compreensivas, baseadas usualmente na fenomenologia e etnometodologia, quando propõe analisar o fenômeno como se constituíssem totalidades possíveis de compreensão em si mesmas. Nestes casos os estudos qualitativos, embora se aprofundem na compreensão da lógica interna ao fenômeno, abstraem-se das contextualizações históricas e estruturais, adquirindo geralmente um caráter superficial e independente à formação social em que se desenvolve.

Neste estudo o esforço de compreensão do fenômeno busca aproximar-se aos princípios de orientação teórico-metodológica do materialismo histórico e dialético, à medida que visa considerar o fenômeno em sua dinâmica evolutiva, imbricado às relações sociais e de poder que caracterizam o contexto atual.

A construção dessa perspectiva de análise busca considerar o caráter subjetivo e objetivo do fenômeno, conforme interpreta IASI, 2002:

A proposta de Marx parte de um pressuposto diverso onde as duas dimensões compoem uma unidade. Para Marx a determinação material dos fenômenos não significa a negação da ação subjetiva dos sujeitos, mas encerra a pretensão de compreender esta ação subjetiva, ela própria, como objetividade. Assim, os seres humanos fazem a história, mas não a fazem como querem. (IASI, 2002)

Embora não se trate de optar por uma determinada realidade empírica para analisar o processo identitário, conforme já mencionado, considera-se que este trabalho aproxima-se a caracterização de um estudo de caso, já que:

[...] os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “porque”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. [...] o estudo de caso permite preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real [...] compreender fenômenos sociais complexos (YIN, 2005).

Assim, o universo empírico refere-se à Rede²⁰ de Sementes Agroecológicas Bionatur, uma organização de agricultores assentados de reforma agrária, produtores de sementes de diversas espécies em sistemas agroecológicos. Embora a sede administrativa da Rede esteja localizada em um assentamento, situado no município de Candiota/RS, a rede é composta por aproximadamente 160 famílias de agricultores assentados em diversos municípios no interior do estado do RS, razão pela qual se ressalta de forma análoga ao realizado por Santos (2014) *“[...] que o espaço físico em que se insere a experiência não é em si objeto de investigação, mas cenário em que se estabelecem as relações que interessam a pesquisa”*, o que remete a compreensão do universo de atuação da Rede Bionatur como o ambiente da pesquisa.

As técnicas de pesquisa adotadas foram: (i) vivência de participação direta, como variante da observação participante²¹; (ii) entrevistas semiabertas, considerando na elaboração a abordagem de história de vida tópica que dá ênfase a determinados etapas da vida e acontecimentos de interesse para análise; (iii) fontes secundárias relacionadas ao tema e a experiência em análise.

Por fim, embora a metodologia deste trabalho não tenha sido estabelecida com rigor nos passos metodológicos característicos de pesquisa ação e pesquisa participante, buscou-se incansavelmente a socialização da discussão, das percepções, indagações e interpretações, visando contribuir para a promoção de um processo de avaliação qualitativa da experiência, fomentando internamente o debate sobre as perspectivas da Rede Bionatur, frente ao contexto que se apresenta,

²⁰ A disseminação das redes comunitárias de resgate, multiplicação e troca de material reprodutivo tem resultado na constituição de sistemas locais, que por sua vez, ativam mecanismos de reciprocidade e de trocas mercantis (FERNANDES, 2007).

²¹ Concordamos com Demo ao considerar que: “para avaliar os processos participativos, é necessário participar. Não basta a mera observação participante, porque isto ainda é coisa de observador, não de participante” (DEMO, 1999).

considerado a partir do processo identitário e seus sistemas de valores. Sobre este processo, concorda-se com Demo:

O que está em jogo na avaliação qualitativa é principalmente a qualidade política, ou seja, a arte da comunidade se autogerir, a criatividade cultural que demonstra em sua história e espera para o futuro, a capacidade de inventar seu espaço próprio, forjando sua autodefinição, sua autodeterminação, sua autopromoção, dentro dos condicionamentos objetivos. Assim a avaliação qualitativa não é uma iniciativa externa, de fora para dentro. Só é factível, em profundidade, como forma de autoexpressão. (DEMO, 1999).

2.2. O universo empírico da pesquisa: A Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur

Esta seção dedica-se a uma breve aproximação a Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur, visando qualificar a definição dos procedimentos e elaboração dos instrumentos metodológicos necessários à pesquisa. Dessa forma, as informações são disponibilizadas para fins de descrição da experiência, não se preocupando em efetuar análises, com o propósito de situar: (i) quem são e onde estão os produtores, (ii) o que e como é produzido (iii) organograma e funcionalidade da rede.

A Rede de Sementes agroecológicas Bionatur/Conaterra é uma organização de agricultores assentados de reforma agrária, produtores de sementes de diversas espécies, desde hortaliças, ornamentais, forrageiras e grãos, em sistemas de produção de base agroecológica. A denominação Bionatur corresponde à marca comercial das sementes, criada desde o início da experiência em 1997, quando um grupo pioneiro de agricultores assentados no município de Hulha Negra, RS, decidiu que era possível produzir sementes de hortaliças, uma atividade altamente especializada, de forma agroecológica.

O processo que possibilitou a origem e constituição da Rede Bionatur está relacionado ao contexto histórico da implantação e desenvolvimento dos assentamentos de reforma agrária localizados na região sul do estado do Rio Grande do Sul, em especial nos municípios de Hulha Negra, Candiota e Aceguá.

Embora existam diversas delimitações de recortes geográficos propostos para regionalização do RS, baseados em diferentes pressupostos, a referência à região sul do estado, aparece como a percepção usualmente adotada pelos assentados, aproximando-se a regionalização geoeconômica proposta por Alonso, Benetti e

Bandeira (1994), a qual subdivide o estado em três grandes regiões Norte, Nordeste e Sul (Fig. 1). Estas mesorregiões estariam caracterizadas conforme perfil de produção e desempenho econômico ao longo do tempo, sendo a região sul associada à historicidade e economia da estância pastoril e orizícola, constituindo a percepção associada à denominação da campanha.

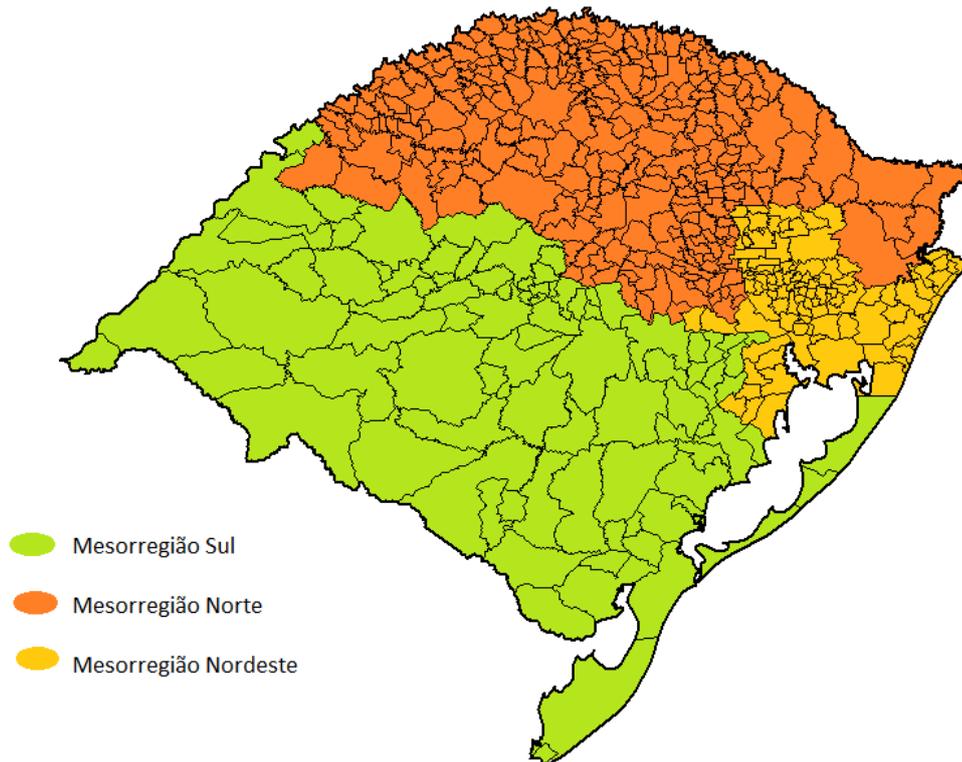


Figura 1 – Mapa ilustrativo do RS: subdivisão das mesorregiões Norte, Nordeste e Sul.
Fonte: Elaboração da autora a partir do Atlas de Desenvolvimento Humano

Segundo Heidrich (2000), a campanha gaúcha é o território mais expressivo da mesorregião sul ocupando grande parte da totalidade regional caracterizando-se pela atividade pastoril, concentração fundiária, e índice de densidade demográfico pouco significativo. Nas reflexões do autor trata-se de um espaço regional situado predominantemente no sudoeste do RS, tendo como característica principal os campos nativos que singularizam a paisagem do Bioma Pampa, onde a ocupação humana desenvolveu a economia da pecuária de corte extensiva e semiextensiva (HEIDRICH, 2000). Atualmente compreende-se a ocorrência dos campos sulinos, no planalto da campanha em uma perspectiva evolutiva da paisagem associada à ação antrópica, a qual em função deste manejo típico tradicional, com destaque para as

práticas de pastejo e fogo, atuam favorecendo a presença de determinadas espécies, conservação e extinção de outras (OVERBECK, et al., 2012).

Ainda que as noções de localização evidenciadas possam ter-se alterado substancialmente nos dias atuais, principalmente ao considerar as atividades econômicas relacionadas à agricultura e a percepção da identidade associada ao território (que serão analisados no decorrer deste estudo), estas constituíam predominantemente as referências usuais no período da implantação dos assentamentos na metade sul do RS (Fig. 1).

Nesta perspectiva, ao considerar a ocupação territorial da região onde atualmente estão localizados os municípios de Hulha Negra, Candiota, e Aceguá, identifica-se a ocorrência de diferentes ciclos. Primeiramente a pecuária extensiva praticada pelos grandes estabelecimentos, sendo esta a atividade economicamente predominante. Por volta dos anos 1970, através de projetos de crédito fundiário a implantação de duas novas colônias, na qual se destaca a Colônia Nova Esperança, cujas famílias passaram a se dedicar a atividade de produção de leite. Somente a partir do final dos anos 1980, famílias de agricultores sem terra, oriundas principalmente da região Norte do Estado, engajadas em diversas ações de luta pela terra organizada pelo MST, foram assentadas na região, dando origem aos primeiros assentamentos de reforma agrária (ALMEIDA; SCHMITT, 2010).

Segue-se então um período marcado pelas grandes dificuldades enfrentadas para adaptação das famílias ao clima, tipo de solo, cultura, dificuldade de acesso, infraestrutura e aceitabilidade da comunidade local (SILVA, 2012). A necessidade de buscar alternativas de renda e desenvolvimento, em face deste contexto, motiva às famílias a criação de cooperativas (COPPAUL, COPTIL, COOPERAL) e a definição de atividades produtivas prioritárias, sendo a viabilização da produção leiteira, a qual emergia como destaque nas colônias existentes; e a produção de sementes de hortaliças, recém-chegada a região através da atuação de empresas privadas.

Com relação à produção de sementes de hortaliças registra-se que as condições edafoclimáticas que ocorrem nos ecossistemas da região onde se situam os municípios considerados, apresentam-se favoráveis à produção de sementes de olerícolas, principalmente àquelas espécies que necessitam de horas de frio para indução floral, sendo semeadas no início do outono, e atingindo o estágio de maturação na primavera - verão, em condições de baixa umidade relativa do ar e pluviosidade, fatores determinantes para a qualidade das sementes.

Segundo Moreira, ao considerar o desenvolvimento da produção de sementes de hortaliças no Brasil, identifica-se claramente a prevalência em determinadas regiões preferenciais²², correspondendo respectivamente à região sul do Brasil, com destaque para a metade sul do Rio Grande do Sul, e nordeste brasileiro, destacando-se os distritos irrigados situados ao redor do rio São Francisco. Ambas as regiões apresentam como fator determinante a ausência de variação climatológica durante a fase final do desenvolvimento e maturação das sementes, e como especificidades, a região sul do Brasil à singularidade de ocorrência de florescimento natural para determinadas espécies como a cebola, cenoura, beterraba e algumas brássicas, como o repolho, e a região nordeste (em áreas irrigadas), zona preferencial para culturas com frutos como cucurbitáceas, solanáceas, e espécies como alface e quiabo (BIONATUR, 2006).

Ao mesmo tempo em que a produção de sementes de hortaliças foi identificada pelas famílias assentadas como uma possibilidade de geração de renda, para as empresas, a chegada dos assentamentos de reforma agrária, possibilitou a ampliação da produção, visto que a atividade requer intensiva mão de obra no manejo da produção, e cuidado no manuseio das sementes, sendo neste período realizado basicamente com trabalho manual e tração animal. Assim, o início da produção de sementes de hortaliças nos assentamentos foi realizado em sistema de integração com as empresas que atuavam na região, baseado no modelo de produção agroquímico. Registros referentes aos anos 1994 e 1995, apontam que aproximadamente 60% da produção de sementes de hortaliças no Brasil, eram realizadas em assentamentos de reforma agrária localizados na região da metade sul do RS.

No decorrer deste período de produção integrada, a cooperativa regional criada pelos agricultores assentados - COOPERAL atuou na intermediação da relação com as empresas. Em 1997, em assembleia da cooperativa os agricultores decidem encerrar a relação com as empresas, e mudar o modelo de produção de sementes, sendo que doze famílias de agricultores assumem o desafio da produção de sementes de hortaliças agroecológicas, apoiados pelos técnicos da cooperativa e do projeto LUMIAR. Em um primeiro momento a produção esteve centrada em três culturas principais, tradicionalmente produzidas na região, cebola, cenoura e

²² A existência de regiões preferenciais não constitui fator restritivo a produção de sementes de hortaliças em outras localidades do território brasileiro, seja para fins de autoconsumo ou comerciais.

coentro. Herdou-se do período anterior a forma de produção de sementes associadas ao sistema formal, através de variedades comerciais, embora a decisão tenha sido desde o início de não se trabalhar com híbridos. A marca Bionatur foi criada para comercialização das sementes agroecológicas.

Os fatores que determinaram o encerramento da relação de integração com as empresas, bem como os momentos e desafios que se seguiram a origem e evolução da Bionatur serão analisados a partir da percepção dos próprios atores ao abordarmos a compreensão do processo identitário, constituindo objeto de reflexão deste trabalho. Deve-se ressaltar a adoção do mesmo procedimento para o uso do termo agroecologia, considerado a partir do sentido e significações²³ atribuídos pelos agricultores no cotidiano da experiência. Logo, buscar-se-á acompanhar a evolução desta percepção na trajetória de desenvolvimento da experiência.

Atualmente, passados 18 anos, a Bionatur tornou-se uma rede, reconhecida nacionalmente, vinculada ao MST e representada juridicamente através da Cooperativa Agroecológica Nacional Terra e Vida Ltda. – CONATERRA (SILVA, 2012). A rede encontra-se estruturada produtivamente no estado do Rio Grande do Sul²⁴ (Fig. 2), sendo composta por aproximadamente 160 famílias de agricultores assentados, considerando-se para fins organizativos três regiões as quais se constituíram conforme a evolução da experiência, respectivamente²⁵:

1. Região da Sede ou Campanha: abrangendo os municípios de Hulha Negra, Candiota e Aceguá, sendo esta a região de origem da Bionatur, onde estão localizados os agricultores pioneiros do processo de produção de sementes de hortaliças agroecológicas, e também onde está localizada a sede administrativa da Cooperativa e Unidade de Beneficiamento e Armazenamento de Sementes – UBS.

2. Região Sudeste do RS: composta pelos agricultores assentados nos municípios de Piratini, Canguçu, Pinheiro Machado, Herval, Pedras Altas. Estes municípios foram agrupados pela proximidade, tipo de solo, e similaridade no manejo dos sistemas produtivos desenvolvidos pelos agricultores assentados.

²³ No uso cotidiano pelos agricultores da Rede Bionatur o termo agroecologia está associado predominantemente ao manejo da produção, principalmente no período da origem da experiência.

²⁴ Recentemente, em 2014-2015, implantou-se uma experiência de produção de sementes com agricultores assentados no norte do estado de Minas Gerais, baseada em cultivos de verão como alface, pimentas, tomate. Fonte: informação verbal, Bionatur, 2015.

²⁵ Este recorte em três regiões é definido com base em critérios organizativos internos à experiência, relacionados à dinâmica de trabalho. Fonte: Equipe técnica Bionatur, 2013.

3. Fronteira Oeste e Missões: constituída pelos municípios de Santana do Livramento, Itacurubi, São Miguel das Missões e Capão do Cipó. Nesta região a produção de sementes agroecológicas está em fase inicial, constituindo-se em importante referencial tecnológico e produtivo, como alternativa aos monocultivos de soja que predominam neste território.

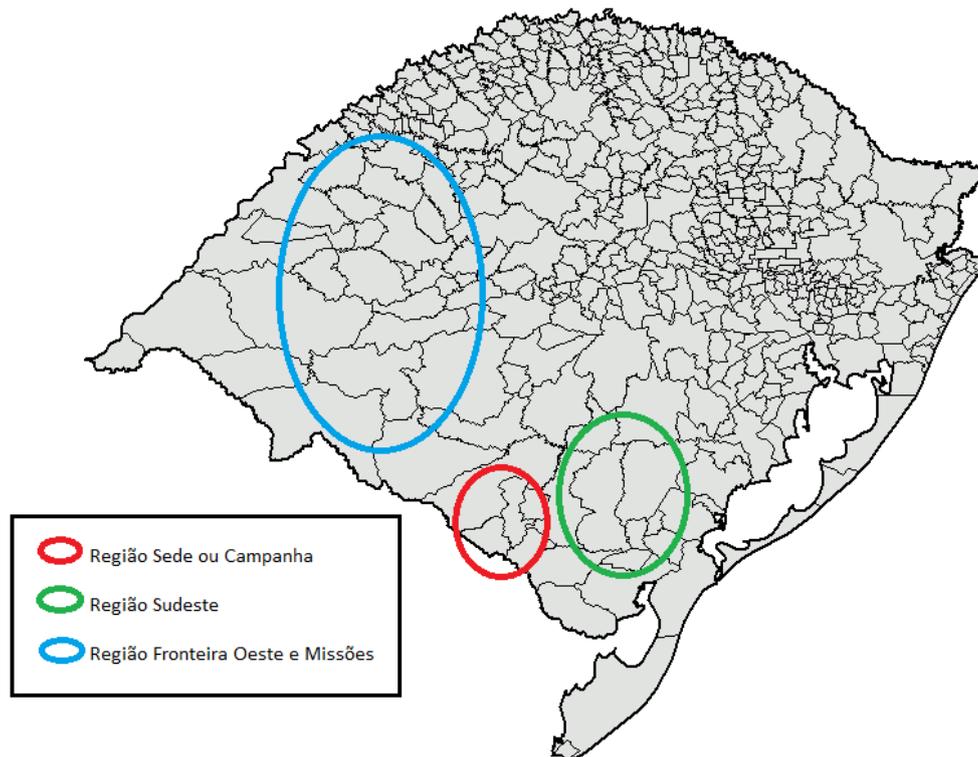


Figura 2 – Mapa ilustrativo das regiões de atuação da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur/RS.

Fonte: Elaboração da autora a partir do Atlas de Desenvolvimento Humano.

A produção de sementes desenvolvida pela Rede Bionatur expandiu-se contemplando cerca de 80 variedades de diferentes espécies, dentre: hortaliças, as quais constituem o grupo de maior importância econômica para a cooperativa; espécies forrageiras e adubação verde; ornamentais; e grãos. A produção permanece como na origem da experiência, associada ao sistema formal de produção de sementes, delimitado pelo respectivo marco jurídico, Lei de Sementes e Mudas 10.711/ 2003, em campos credenciados junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, a partir de cultivares varietais inscritas no Registro Nacional de Cultivares - RNC. As variedades crioulas as quais se encontram conservadas pelos agricultores fazem parte da Rede, embora

comercialmente estejam hoje ainda restritas as variedades de grãos, sendo submetidos internamente a procedimentos de qualidade e análises laboratoriais semelhantes às cultivares varietais comerciais.

O pressuposto de constituição da Bionatur, a transição para a produção agroecológica, tem evoluído em conjunto com a própria experiência, passando de substituição de insumos, no período inicial, para o redesenho do agroecossistema, onde a produção de sementes passa a ser uma atividade inserida e delimitada por este contexto. Atualmente a certificação orgânica é realizada por terceira parte, pelo Instituto Biodinâmico – IBD, sendo certificados em 2014, aproximadamente 70% da produção. Busca-se alcançar a totalidade da produção certificada, já que toda a produção é realizada de forma agroecológica (SILVA, 2012).

Quanto à funcionalidade da rede, a Fig. 3 representa o organograma que corresponde à lógica interna concebida pelos próprios agricultores para debate e gestão da experiência. Conforme esta organicidade, os grupos de agricultores são considerados o alicerce da Rede, para ingressar na Bionatur deve-se participar de um grupo, sendo este o espaço de reflexão coletiva sobre a produção e exercício da cooperação. Os representantes dos grupos de produção constituem a coordenação dos grupos (a referência de apoio à gestão para a direção administrativa), a qual se reúne ao menos duas vezes por ano, uma em cada safra (inverno/verão), para discussão das questões relativas ao planejamento da produção, preço das sementes, projetos, entre outros. Por sua vez, a direção administrativa da CONATERRA e conselho fiscal, que respondem legalmente pela Rede Bionatur, são eleitos no Encontro Nacional da Rede Bionatur, que ocorre a cada três anos, e que corresponde ao espaço principal de avaliação, reflexão, planejamento e decisão, onde se reúnem todos os agricultores participantes da rede, técnicos e apoiadores.

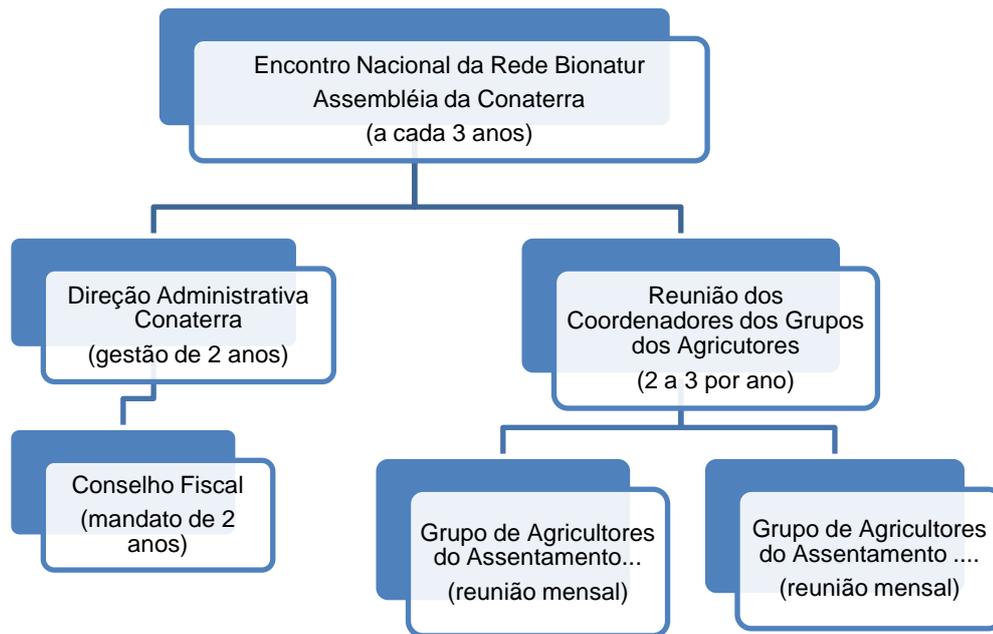


Figura 3 – Organograma representativo da funcionalidade da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur
Fonte: elaboração da autora, 2013.

2.3 Os procedimentos da pesquisa:

Considerando os componentes propostos para a análise do processo identitário adotados para esta pesquisa, quais sejam: (a) os atores sociais e como ocorre a demarcação da diferença entre eles; (b) o que está em disputa quando se ressalta identidade e diferença; (c) as normas e princípios sociais que fundamentam a existência da identidade; (d) os contextos históricos e sociais; (e) a práxis cotidiana em sua singularidade; procedeu-se a elaboração dos instrumentos de trabalho e definição dos procedimentos para levantamento de dados.

Conforme já evidenciado a vivência prévia de participação direta na experiência em análise, tornou-se fator determinante para este momento do trabalho pesquisa, permitindo a superação da fase exploratória, e subsidiando a elaboração dos roteiros de entrevistas, definição dos agricultores, abordagem e momentos de discussão fundamentais a observação e percepção de manifestações da identidade. Logo, a observação participante que se desenvolveu durante a fase da pesquisa de campo, buscou contemplar o proposto por Minayo:

[...] como os processos se organizam na prática e como funcionam, quais são os símbolos e sinais significativos para a pesquisa, que estão sendo emitidos e naturalizados no cotidiano em observação. (MINAYO, 2014)

Com relação à elaboração do roteiro para as entrevistas individuais, utilizou-se o recurso da história de vida tópica visando relacionar e identificar os componentes propostos para análise às narrativas individuais, buscando compreender o ponto de vista dos atores sociais sobre os acontecimentos, contexto, fatores, relevância, dentre outros. É importante considerar que:

As narrativas de memória são narrativas de identidade. (ERRANTE, 2000)

É preciso ter em mente, que a pessoa não conta sua vida, reflete sobre ela enquanto a narra, buscando um fio condutor que lhe dê sentido, a partir do presente e projetando o futuro.

A memória, nesses trabalhos, foi percebida nos marcos individuais em que foram guardados seletivamente nas lembranças de cada um. No entanto analisou-se a história de um grupo, daquilo que esse grupo demarcou como significativo, produzindo um discurso. (GRAZZIOTIN e ALMEIDA, 2012)

Por conseguinte, a definição do roteiro para as entrevistas individuais, disponível em anexo, constituiu-se simultaneamente à compreensão da estruturação da análise, sendo composto de questões distribuídas nas seguintes seções: (i) trajetória individual (vida anterior ao acampamento; acampamento e identidade sem terra; chegada ao assentamento e organização da vida e da produção; sementes de hortaliças e origem da Bionatur); (ii) trajetória Bionatur – evolução da experiência (momentos de distinção e elementos marcadores); (iii) normas e princípios sociais que regulamentam a existência – organicidade individual e coletiva; (iiii) identidade e o fazer cotidiano - racionalidade e sistemas de produção; (iiii) percepções finais (evolução, identidade, perspectivas).

Para as reuniões com os grupos de agricultores, este roteiro foi adaptado, visando não privilegiar as experiências individuais, mas a percepção coletiva sobre a evolução do grupo, a relação entre a dimensão individual e coletiva, questões relacionadas à organicidade da Rede, e a evolução da experiência. Nos demais espaços de discussão coletiva, não houve a definição de roteiro prévio estabelecido, sendo inicialmente delimitada apenas a observação participante como componente de análise.

Quanto à definição dos sujeitos e momentos da pesquisa, estabeleceu-se o debate junto a direção administrativa para a definição dos agricultores e grupos, sendo previamente proposto (pela pesquisadora) como delimitação inicial aqueles agricultores/famílias que permanecem desde a origem da experiência, identificando-se com este critério 9 agricultores/famílias, dentre as 12 pioneiras. A seguir considerou-se como critérios para definição: (i) representatividade cronológica dos

diferentes momentos de ingresso a Rede; (ii) representatividade das diversas regiões de abrangência, indicando-se 8 famílias. Também com base nestes critérios foram definidos 4 grupos de agricultores, para as entrevistas coletivas. Com vistas à percepção dos momentos de distinção e debates estabelecidos coletivamente, agregou-se a necessidade de incluir na amostragem à visão das direções administrativas que compuseram a Rede, correspondendo às quatro gestões, sendo 4 entrevistas direcionadas a dirigentes/agricultores. Por fim indicou-se a participação na reunião dos coordenadores de grupo e Encontro Nacional da Rede Bionatur, contemplando os espaços de discussão coletiva que compõe a experiência. Segue na Tab. 4 detalhamento da determinação da amostragem.

Critério	Nº agricultores /família	Município localização assentamento/reunião
Agricultores/famílias pioneiros	9	Hulha Negra
Primeiro momento expansão	2	Candiota
Segunda expansão regionais	2	Piratini
Segunda expansão regionais	2	Canguçu
Terceira expansão Missões	2	Itacurubi e
Direção administrativa (gestões)	4	Hulha Negra e Candiota
Total entrevistas individuais	21	---
Grupos de agricultores/famílias	4	Hulha Negra, Canguçu, Piratini, Herval
Reunião da coordenação dos grupos	1	Candiota
Encontro da Rede Bionatur	1	Candiota
Total entrevistas/momentos coletivos	6	---

Tabela 1 – Detalhamento da amostragem da pesquisa

As entrevistas individuais foram realizadas no período de janeiro a março de 2015, adotando-se o procedimento de agendamento prévio com a família, resultando em uma visita à moradia e conversa (guiada pelo roteiro elaborado)²⁶ com a participação do agricultor e da agricultura, quase como uma reconstituição narrada da vida, regada a chimarrão, café, bolo frito. Esta etapa de realização das

²⁶ Nas entrevistas foi acertado com a família a utilização do gravador. Ao final efetuou-se registro fotográfico da família, e solicitou-se uma foto que na percepção da família identificasse algum momento que tenha marcado a trajetória da família relacionada ao tema da pesquisa.

entrevistas revelou-se em importante momento para as famílias, resgatando a história de vida, sonhos e frustrações, causando por vezes certa comoção:

O melhor ambiente para o desenrolar das entrevistas é, de maneira geral, aquele que proporciona a evocação de memórias, ou seja, lugares que sinalizam quem é o sujeito, que seja mais próximo de suas referências de vida, e, supostamente, menos suscetível às influências externas, oferecendo, portanto, um rico material de observação que auxilia no processo de composição das memórias do narrador.(GRAZZIOTIN e ALMEIDA, 2012)

Em testemunho, para a pesquisadora, a decisão da realização própria da totalidade das entrevistas ficou evidente, sendo o discurso oral recurso insuficiente para compreensão da totalidade do ambiente, suas determinações, símbolos e significados. Ressalta-se a autoestima das famílias provocada indiretamente pelo trabalho, já que se trata de ouvir a história contada pelos sujeitos, e não explicá-la simplesmente pelas determinações exteriores (clima, infraestrutura). Também a surpresa em não tratar-se de questionários, diagnósticos, dentre outros. Observou-se posteriormente, que o trabalho parece ter contribuído na intensificação da participação e produção de sementes por parte destas famílias. Para a pesquisa, o volume de dados levantados e o nível de detalhamento remeteram para a análise um importante desafio.

As entrevistas com os grupos de agricultores ocorreram no período de fevereiro e março de 2015, aproveitando-se as agendas de reunião com os grupos para planejamento de plantio de inverno já estabelecidas pela equipe técnica, sendo dedicado o momento inicial da reunião para realização da entrevista coletiva, utilizando-se o recurso do gravador. Na reunião da coordenação dos grupos, foi construída coletivamente, a partir das intervenções dos agricultores, uma linha do tempo da trajetória da Rede Bionatur no quadro-negro, buscando evidenciar através da memória coletiva os momentos marcadores e elementos de distinção, bem como os desafios e decisões relacionados.

Com relação ao Encontro da Rede Bionatur, ocorrido no período de 25 a 27/05/2015, o qual reuniu aproximadamente 300 participantes, coube à pesquisadora a condução da temática: Evolução dos sistemas de produção da Rede Bionatur - desafios e perspectivas, sendo utilizados dados levantados nas entrevistas individuais. O debate foi sistematizado, contribuindo para análise realizada na elaboração da tese.

Por fim, para encerramento do trabalho de campo, bem como para decisão sobre o aprofundamento de determinados temas nos momentos de reuniões coletivas, conforme já mencionado, considerou-se a percepção do critério de saturação, mesmo que consciente de que qualquer trabalho limita-se inerentemente ao esforço de compreensão de um momento determinado da realidade, e a visão do pesquisador, constituindo-se assim em um processo permanente que busca ampliar o conhecimento a cerca do tema em estudo. Conforme Minayo:

Por critério de saturação se entende o conhecimento formado pelo pesquisador, no campo, de que conseguiu compreender a lógica interna do grupo ou da coletividade em estudo. (MINAYO, 2014)

2.4 A análise das entrevistas

Todas as entrevistas foram inteiramente transcritas pela pesquisadora, sendo este trabalho realizado durante os meses de abril e maio de 2015. Após procedeu-se uma primeira leitura integral de cada entrevista com a intenção de compreender primeiramente a visão do agricultor/família em uma perspectiva ampla, relacionada à lógica de organização do pensamento, qual o fio condutor da trajetória, o que é importante no seu sistema de valores, como compreende a vida na agricultura, como define e desenvolve a organização da produção no lote, entre outros.

Optou-se por não utilizar softwares para análise de conteúdo, visto que o universo de significados, como a linguagem corporal, aspectos emocionais, distanciamento, ênfase, relevância, podem passar despercebidos à razão instrumental, mas não a sensibilidade e a percepção humana, que requer os estudos qualitativos. Também se buscou identificar a predominância de determinadas temáticas, ou acontecimentos, que se estendiam no relato de alguns agricultores/famílias, em prol da omissão de outros, que passavam despercebidos, considerando que a memória é seletiva, e as lembranças e esquecimentos nos dão pistas sobre as significações que constituem os processos identitários.

Em um segundo momento buscou-se reanalisar as entrevistas, considerando as secções previamente definidas na elaboração do roteiro, que se converteram posteriormente na estrutura da tese, e a partir dos componentes propostos para análise dos processos identitários, buscando identificá-los em cada depoimento, momento e secção. Para isso construiu-se algumas questões de apoio, que funcionaram como um instrumento facilitador para análise. Nesta etapa procurou-se

selecionar o que aparece regularmente nas entrevistas, selecionando alguns trechos representativos, bem como os elementos atípicos, buscando compreendê-los no contexto da experiência.

Os resultados foram distribuídos em cinco capítulos, visando possibilitar a reflexão com base nos componentes estabelecidos para análise. A Figura. 4 ilustra os momentos da estruturação da análise e apresentação dos resultados.

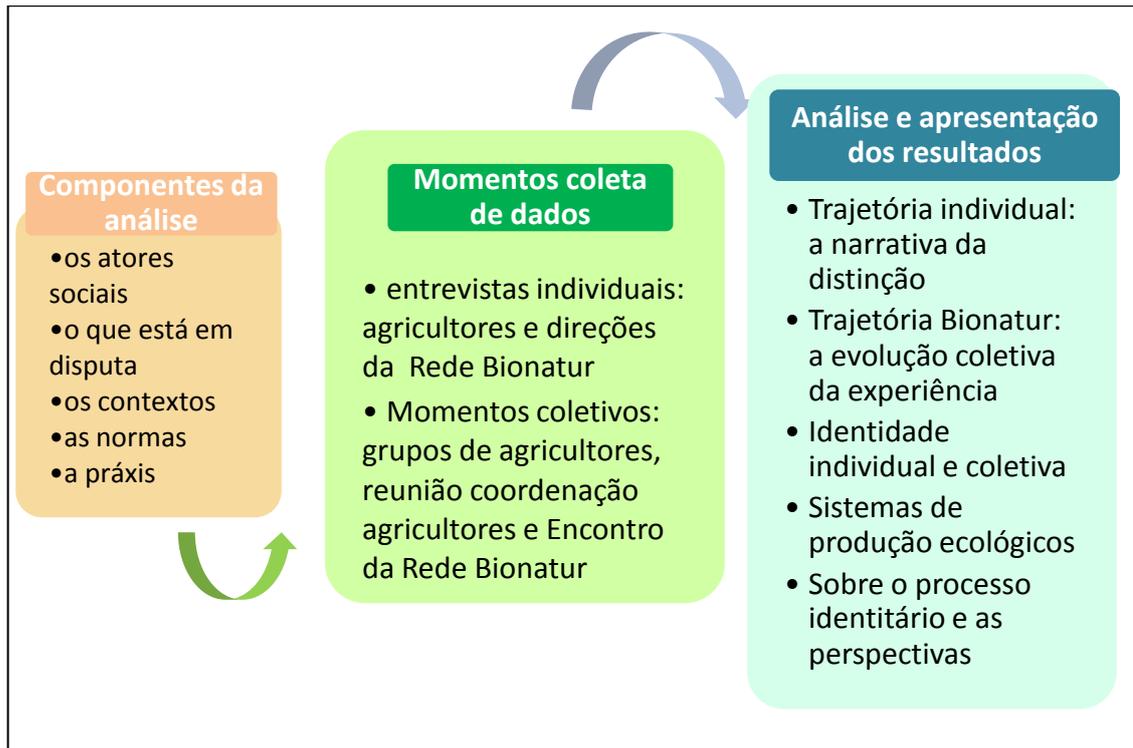


Figura 4 – Estruturação da análise e apresentação dos resultados.
Fonte: Elaboração da autora, 2015.

Em que pese o trabalho em que se traduziu a metodologia utilizada para análise das entrevistas, revelou-se em um momento prazeroso da pesquisa, onde tudo feito até então adquire sentido, e a necessidade de escrever e discutir os resultados torna-se eminente.

3. TRAJETÓRIA: A NARRATIVA DA DISTINÇÃO

Ainda que a experiência em análise tenha se constituído somente a partir da metade da década de 1990, este capítulo remete a um período anterior, buscando reconstituir e compreender a partir da trajetória de vida das famílias, o processo de diferenciação social, identificando os momentos de distinção, de desencontro, de que forma eles afloraram no cotidiano interpelando a vida, quais os elementos comuns na trajetória das famílias e o que eles expressavam em relação ao contexto da época, como na percepção da consciência ocorre essa alteração qualitativa, onde o que não é torna-se prenúncio do que pode vir a ser.

3.1 Antes do acampamento

A naturalidade das famílias de agricultores, que hoje vivem nos assentamentos de reforma agrária na região sul do Rio Grande do Sul, em geral, remete aos municípios da região norte e noroeste do estado, revelando o processo de migração que acompanha a formação e constituição da luta pela reforma agrária no Brasil, e neste estado. Por sua vez, a origem destas famílias associa-se à descendência do processo de colonização e expansão das fronteiras agrícolas ocorrido no RS, a partir da chegada dos imigrantes europeus, predominantemente italianos e alemães, no início do século XX²⁷. A evolução deste processo, o qual integra a gênese do campesinato, traduziu-se em um longo e árduo período de

²⁷ Segundo Ribeiro (2006), no período de 1886 a 1915, ingressou no país quase dois milhões e meio de imigrantes, principalmente italianos e alemães, estabelecendo-se em diferentes regimes de produção, destacando-se: a rota de imigração para o estado de SP em sistemas de colonato, e a rota para os estados do sul, visando desbravar o interior ainda não ocupado pelo latifúndio. Esses movimentos constituíram a gênese do campesinato no Brasil, juntamente com outra vertente, formada pela população mestiça, pobre, impedida de adquirir terras pela Lei de Terras, que estabeleceu-se no nordeste brasileiro (RIBEIRO, 2006).

estabelecimento, que atravessaria os anos que se seguiram, e que ainda hoje se constitui em um desafio: o de trabalhar e viver na (e da) terra.

Em especial, durante o período da modernização da agricultura, pós- segunda guerra, as transformações capitalistas nas relações de produção e trabalho na agricultura desencadearam uma série de implicações que alterariam profundamente o cotidiano de quem vivia na terra:

O principal deles foi o aspecto socioeconômico das transformações que a agricultura brasileira sofreu na década de 1970. A mecanização da lavoura e a introdução, digamos, de uma agricultura com características mais capitalistas expulsaram do campo, de uma maneira muito rápida, grandes contingentes populacionais naquela década. Eram famílias que viviam como arrendatárias, parceiros ou filhos de agricultores que recebiam um lote desmembrado da já pequena propriedade agrícola de seus pais. (STEDILE; FERNANDES, 1999, p.15)

Nas palavras de quem tinha pouca ou nenhuma terra, e que vivia em relações de trabalho denominadas usualmente como meeiro, parceiro, arrendatário, pode-se revivenciar esta história, contada pelas famílias:

Sou da região do Alto Uruguai, de Aratiba e nós trabalhava de agregado, nem o pai nem a mãe tinha terra, a gente trabalhava nas terras de um patrão e tinha que dar parte para ele. No meu patrão, que eu trabalhava com o finado pai, de cada 100 sacos a gente dava 40 que é a quarta parte no caso. Então era bastante, e nos lugar mais de morro a gente fazia e plantava a grama, que era para ele fazê o campo né, daí no momento que terminou a planta ia trocando a terra, porque já tava pronto né. Então não tinha mais como ficar, mas era um patrão bom, não dava para gente se queixar, nós ficamos 11, 12 anos nas terras dele. Aí em 87 a gente foi pro acampamento, em Palmeiras das Missões (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Eu era natural de Miraguaí, nasci e me criei lá, sai de lá com 17 anos, saí pro acampamento, primeira saída longe dos pais. Ficamos um ano e oito meses acampado. Lá no pai, tinha sete hectare de terra que era do vô, e nós plantava outras terras dando as parte pros outros, nós dava a terça, na bolsa. Se era soja, trilhava e ele ia pega lá na lavoura, se era milho também, ia lá ele ia com a carroça dele do lado e a nossa do outro lado, carregava a nossa e a dele. Nós era seis filho homem e uma mulher, tudo a boi, na época tudo a boi, nós nem conhecia trator naquela época, tudo terra dobrada, pedra, ladeira, terra bruta (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Antes de ir pro acampamento nós tinha 2 há de terra, mas nós morava nas terra do sogro, em um pedacinho que ele fez uma casinha para nós morar e eu trabalhava nos dois hectares e plantava entregando 40% de peral que eu plantar, da produção, pro dono da terra, limpo e seco no bolicho. Não, na terra do sogro não plantava, porque ele não tinha terra pra eu plantar, ele tinha mais 5 filhos em casa e 12 há. Nós plantava milho e soja, a boi, porque eu só pegava terra que não entrava trator, cerro e pedra, terra boa de fazer com máquina nada. Aqueles 2 ha que eu tinha era mais de meio há de mato que não dava pra mexer, então eu tinha pouquinha coisa para mim viver (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Na luta pela sobrevivência a realidade acabaria ainda contrapondo duas faces – índios e camponeses: como oponentes, ainda que, cúmplices da mesma sujeição:

Eu era de Miraguaí também. Nós morava na área dos índio. Nós plantava, dava uma porcentagem pra eles, tudo os bicho que tu criava tinha que dar uma parte pra eles. Mas nós plantava lá milho, feijão, dava bem, mas tudo tinha que dá a porcentagem deles, se criava galinha tinha tantas galinha, tinha que dar tantos pra eles, porco também. Era assim, não era só na lavoura. Daí quando nós chegemo a vim acampa nós já tinha saído da área, tava na beirada do asfalto morando. (agricultora, 43 anos, Hulha Negra).

Com relação aos sistemas produção, identifica-se a partir dos relatos, a predominância da produção para o consumo das próprias famílias, nos arredores da casa, e nas áreas de terceiros, a incipiente presença de monocultivos de milho, e soja, conduzidos através de trabalho braçal e tração animal, em um regime de produção que se fundamentava em derrubar a capoeira e preparar a terra através do primeiro cultivo, para o uso posterior pelo proprietário. Cabe ressaltar que, naquele contexto, não eram utilizados insumos químicos nas lavouras conduzidas nestes sistemas, e que a recorrência a estes produtos não pode ser atribuída aos hábitos culturais adquiridos nesta época.

A família tinha um pedaço de terra, nós morava junto, plantava junto, o coletivo plantava para sobrevive, para se sustenta, não tinha que sobrar dinheiro, a propriedade era 17 há. Eram 7 filhos, a sogra e sogro e as duas crianças [] Milho, soja, porco, leite, feijão, mandioca para subsistência, tudo preparo manual, plantado tudo a picapau, não tinha semeadeira, se pagava não sobrava nada (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Lá o pai tinha e tem, em torno de 17 há de terra, sempre na agricultura familiar, desde piazinho, desde criança, trabalho braçal com boi, que lá as terra são acidentada né, pouca máquina, quase nada de máquina. Mas sempre produzindo mesmo naquela época sem nada de produto químico, nem ureia. Lá na época o feijão era mais pro consumo vendia pouco, milho, feijão e daí a miudeza pro consumo, batata, amendoim, abóbora, aipim, tudo. Se produzia muito naquela época também ervilha, lentilha, o pai sempre tinha, até arroz de sequeiro o pai produzia pro autoconsumo. E aí produzia soja e milho pro comércio. Na época quando a lagarta batia o remédio era benzedura, o pessoal benzia pra lagarta né, e funcionava porque o pessoal colhia soja. (agricultor, 47 anos, Piratini)

Nós era de Seberi, a vida da agricultura que nós tinha lá era uma vida muito sofrida né, porque a gente trabalhava na terra dos outros, produzia e ganhava uma partezinha, e a gente tinha a vontade de fazer as coisas do nosso jeito mas não era nosso né. E a gente só conseguiu fazer do jeito que a gente gosta depois que teve o que é da gente. A gente já tinha esta tendência de trabalhar orgânico e sem veneno, mas não tinha como porque a gente trabalhava mandado pelos outros. Dava a terça (agricultora, 59 anos, Piratini).

Entretanto, o decorrer do processo de modernização da agricultura, e a intensificação da mecanização agrícola, desencadearam a elevação do preço da

terra, dificultando ainda mais, o acesso por parte dos camponeses, além de tornarem escassas às áreas, á razão de que, estas eram consideradas aptas para cultivo mecanizado. Nestas condições, sem acesso ao crédito subsidiado, e sem terra para trabalhar diante da crescente ruptura das relações sociais mencionadas, potencializou-se o processo de diferenciação social, resultando, durante o fim dos anos 1970 e na década seguinte, na exclusão de um contingente de famílias de agricultores e trabalhadores rurais, no que viria, logo, a constituir a retomada da luta pela terra e organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Sobre este período, consta:

Na terra Natal, onde que nós saímo só sobrava penhasco. Meu pai antes de ir pro acampamento, a primeira vez que ouviu falar de acampamento de pessoas acampar pra conseguir um pedaço de terra, alemão é alemão [], são vagabundo. Daí compraram 5 há de terra, que conseguiram comprar, penhasco, de vira junta de boi, viraram 3 junta de boi no mesmo ano, cerro abaixo. E lá pelas tanta os irmão (do pai) começam a crescer, e foram campear terra pra compra, e tavam aonde as terra: terra que podia fazer mais fácil, produzir mais fácil tava na mão de plantador de soja e fazendeiros da região, porque têm pessoas lá que tem terra boa e outros que não tem condições de comprar e pequeno agricultor. Bom, e aí só sobra uma situação, tu trabalhar aqueles penhasco pro resto da vida, ou tu achar outra saída. E aí imagina quebrar o orgulho de um alemão, chegá e dizer isso, e tocar de ir pro acampamento tentar lutar por um pedaço de terra que não seja penhasco. Tocou de ir pro acampamento, foram pro acampamento, eu era pequeno a minha irmã também (filho de agricultor/técnico Bionatur, 30 anos, Hulha Negra).

Olha pelo menos o pessoal que eu conheci que foi acampado no tempo meu foi praticamente pelo mesmo objetivo, porque primeiro não tinham terra, plantavam na terra de outros, meu caso era esse também, o que a gente plantava, milho, soja e alguma coisinha na volta da casa pra manutenção. Daí 40% da produção entregue no bolicho, limpo e seco, a gente entregava com tudo, a semente, serviço, tudo limpo, e tinha mais, tu nunca conseguia arrendar terra que desse pra fazer com maquinário, só cerro e pedras onde tinha que fazer a boi ou a mão com a enxada mesmo. Aí quando isso começa a apertar e começou o movimento pra ir acampar, eu fui um que não tive muita dúvida. Então eu consegui convencer mais o meu cunhado o Aloísio, que naquela época era solteiro e resolvemo ir acampar pra conseguir ter uma vida um pouco melhor. Na verdade o que levou o cara a ir pra frente foi tu não ter outra saída. Então o meu caso foi esse (agricultor, 56 anos, Hulha Negra)

Conforme analisam Stedile e Fernandes (1999), dentre os fatores que determinaram o surgimento do MST, deve-se considerar, além das implicações do processo de modernização da agricultura, outras questões, como a contribuição decisiva do caráter do trabalho realizado pela Comissão Pastoral da Terra – CPT, e o contexto político do período, de redemocratização do país após a ditadura militar, possibilitando a ocorrência de reuniões, discussões e expectativas (período de criação da Central Única dos Trabalhadores – CUT, Partido dos Trabalhadores – PT,

dentre outros). Ainda assim, naquele momento, a decisão de ir para o acampamento, algo até então desconhecido, de lutar pela terra, parece ter tido para as famílias um peso maior individualmente:

A decisão de ir pro acampamento ela foi, na verdade, foi difícil né. Foi o início do MST, que não tinha reconhecimento na época, tinha que fazer aquelas reunião bem escondida né, assim e tal. Não era se reunir e discutir, e o pessoal vinha e desistia e daqui um pouco voltava. Se dava lá em casa a reunião, e em Frederico a regional. Mas foi difícil (agricultor, 60 anos, Piratini).

Entre o que fica pra trás, e o que se espera, se busca, desprender-se do dia-dia, do que parece tão pouco, para quase um começar de novo. Certamente, ainda não era possível perceber, daquele tempo o muito que se carregaria.

Plantava de a meia os pior pedaço que tinha davam pra gente né. Daí chegava no fim da colheitinha ainda tinha que repartir com o patrão, um pingo né. Não podia escolher o que o produzir, tinha que ser o que eles determinassem. Quando desinçava aquele pedaço entregava, ó preciso também plantar né. E assim por diante. Era soja e milho. Boi e arado. Aí eu pensava em melhorar a vida, trabalhar e produzir. A gente pensava quando nós tivesse o nosso pedacinho a gente podia pelo menos mandar, pensar o que era melhor pra nós, com o que a gente queria trabalhar, porque lá a gente não podia (agricultor, 55, Canguçu).

Daí chegou o dia (de acampar). Eu tinha a minha mais velha bem novinha quando nós ia acampar, daí eu deixava ela com a mãe para mim pode ir trabalhar, naquele dia nós tinha deixado tudo as enchada que nós tava carpindo, ficou tudo na lavoura, que a gente nunca sabia o dia que ia ser, que ia ir acampa, chegemo da lavoura tava terminando de se lava, tomar banho e chegou o caminhão: que era hoje, é hoje; daí tivemo que saí, foi todo nós, o que nós pudemo leva, levemo, o que não pudemo ficou lá, não voltamo mais pra trás, depois que eu vim acampar, nunca mais eu voltei pra lá. Acostumemo rápido (agricultora, 45 anos, Hulha Negra)

3.2 Acampamento: a construção da identidade sem terra

A luta pela terra ganha forma. No acampamento, todos se encontram nas mesmas condições, da barraca de lona preta à comida, das responsabilidades ao sonho da conquista da terra, tudo passa a ser dividido, compartilhado, discutido coletivamente. Ergue-se uma trincheira que não é material, embora sua existência seja determinada pela materialidade do processo vivido, a trincheira é formada pela coesão e determinação das famílias, algo que só existe na consciência social. É essa consciência social, adquirida no processo de luta que permite as famílias enfrentarem as condições mais adversas, desde as questões objetivas como a precariedade das condições de vida, até a resistência a repressão policial (SILVA, 2010).

Estas palavras redigidas por ocasião da dissertação buscavam expressar a intensidade da experiência do acampamento percebida a partir dos relatos das

famílias, naquele caso, referente ao acampamento da Fazenda Anoni²⁸. Hoje, para este trabalho, outras famílias, diferentes acampamentos, e a situação se repetiu. Ao ouvir os depoimentos, é como se a história parasse, os relatos ficam longos, dando, por vezes, lugar aos causos - uma forma peculiar de contar a história, experiências marcantes, de convivência, sofrimento, partilha, luta e sonho. Testemunhos simples, do cotidiano, nos dão pistas sobre os momentos de distinção:

Pra mim eu tenho muita facilidade de fazer amizade, então eu não tive muita dificuldade dentro do acampamento. A organização ajudou a passar a fase do acampamento. Então a gente avalia isso, a questão da organização que tinha no acampamento, tinha regimento e ele era rigorosamente respeitado, todo mundo sabia que era assim e todo mundo respeitava isso. Então no acampamento tu aprendeu a respeitar os outros, tu saber que o teu limite termina aonde começa o do outro, tu aprendeu a fazer vizinhos, que a gente já sabia, aprendeu um pouco em casa também. A gente aprendeu bastante compartilhar as coisas dentro do acampamento, tanto é que quando nós viemos para cá nós trabalhamos junto, primeiro tempo, nós trabalhamos todo o grupo junto (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Nós já era acostumado em viver em grupo, a família era muito grande. A diferença é que a maioria era gente estranha no início, depois já não era mais. Ficamos três anos no acampamento. Eu (ela) não ficava todo o tempo, ficava um mês fora (na mãe dele) e voltava, as criança tavam sempre doente, não aceitavam o leite, não aceitavam o feijão, a água que não era boa, era quase um lodo. O tempo que demorou para ser assentado, o sofrimento do acampamento, hoje eu não sei se a gente tinha coragem, mas quando a gente é novo, imagina duas crianças pequena, eu ia de manhã 6 horas pro tanque na beira da sanga, e voltava ao meio dia. O acampamento era muito grande, chegou a ter 700 famílias quando tava na barra (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Ah, eu o que mais me marcou nessa luta de acampamento, nessa jornada que a gente teve, foi a escolaridade que a gente teve sem estuda né. Isso não foi só pra nós, mas pros nossos filho também né. Foi uma escola de vida que eles mesmo eram pequenininho né, e hoje eles valorizam as coisa porque foi sofrido. A gente dava uns troquinho pra eles saírem pro colégio, chegavam a enrolar aquele dinheirinho no bolso. E isso aí pra mim foi um exemplo de vida né, porque daí eles não foram esbanjador assim, e sempre valorizaram as pequenas coisas. E eles são assim de valorizar o bem das pessoas, tudo eles são de valorizar o bem estar das pessoas, eles querem pra todo mundo essa coisa assim (agricultor, 60 anos, Piratini)

Fez isso sim, porque lá no acampamento a gente era uma família, um famíliao né, porque a gente se unia a gente decidia as coisa tudo junto, quem não tinha ajudava o outro né. Então o acampamento foi a maior escola de vida pra nós. Eu gostava, pensa que eu não gostava de tá lá junto com os outros, eu gostava mesmo. Então a gente se repartia as coisas com gente que a gente nunca viu né, não sabia nem quem era. A gente ia lá porque sabia que tava precisando né, e ajudava, e até coisas que a gente sabia, a gente ensinava; e coisa que a gente não sabia a gente aprendia né. (agricultura, 59 anos, Piratini)

²⁸ Fazenda de 9500 há localizada no município de Sarandi/RS. O acampamento da fazenda anoni, ocorrido em outubro de 1985, tornou-se uma referência na constituição do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (SILVA, 2010).

Aos poucos ocorre uma mudança qualitativa no comportamento, na forma de ver a vida, perceber-se:

Antes de ir pro acampamento a gente só via até ali, não tinha conhecimento nenhum, do que era o mundo na verdade, a realidade, a região nossa, município tudo pequeno. Tu ir de um município para o outro era uma viagem na verdade. Hoje aqui a diferença a gente aprendeu no acampamento, que as distâncias existem e a gente consegue vencer elas (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

O finado vô falava assim, meu filho aí pra fora tem estância de terra que a gente viajava meio dia inteiro de a cavalo e não chegava ao fim, porque o vô era daqueles que viajou muito de carroça e a cavalo. Eu ficava pensando: mas, será que é verdade, porque eu só conhecia Miraguaí e Tenente Portela, ia uma vez por ano, quando ia, quando vinha na cidade, nós não era de saí. Então o vô contava e eu ficava pensando, e depois que o pai e a mãe voltaram do acampamento, daí eles chegaram e contaram: Mas olha filho, é verdade o que o vô falava! (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Lá fora tudo era pertinho, vocês moravam 5km da cidade, eu morava 3km. Mas nós não saia para fora não tinha condições, então o nosso mundo era aquele mundinho. Conhecia mal apenas o município, tu vai pro acampamento a gente consegue ver diferente, se tivesse sido lá mesmo um mês, um ano depois, fosse ser assentado aqui, nós tinha ido embora. Se do Caró, nos tivesse vindo para cá, nós tinha corrido daqui, porque naqueles quatro cinco meses que tava acampado nós não tava preparado para vir para cá. Nós andamos o estado inteiro, o acampamento que ajudou a formar a cabeça (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Uma coisa no acampamento deu para notar, as injustiças que existiam de fora né, com os governos, com a polícia, com a justiça. Porque onde que nós morava lá, nós não tinha quase dinheiro então a gente não saía muito, então a gente ficava naquele mundão lá parado lá fora no interior, a gente ia na festa da comunidade e tal, mas tu não saia pra fora, tu só escutava nos meio de comunicação. Aquela época a represália contra o Lula, entre 87 e 88, naquela época dos metalúrgico, aquelas briga, a gente via só na televisão e ouvia pelo rádio, depois que a gente foi pro acampamento a gente via as injustiça que existia né, a repressão contra o pobre, e quem buscava se organizar pra alguma coisa (agricultor, 50 anos, Hulha Negra)

Dentre os relatos, o tempo de acampamento foi diferente entre as famílias, a depender da política de implantação de assentamentos do período, porém não menos que um ano e meio de espera. Neste tempo, entre marchas, mobilizações, ocupações, a luta pela terra espalhou-se, multiplicando o número de acampamentos, e adesões. Os acampamentos se juntavam, aproximando as pessoas, e as histórias iam, aos poucos, se expandindo, tornando-se uma só - a trajetória da luta pela terra no RS. Neste caso, os lugares, e as datas, já não fazem tanta diferença, para quem soube atravessar:

Daí no sábado nós ia lá pro sogro, na bodega da comunidade, e no domingo sempre nós ia pra igreja. Aí no domingo cedo nós fomo pra igreja, aí eu vi que passô o fuquinha do cara do sindicato. Daí eu fui lá, e ele disse, hoje a meia noite é a ocupação. Vamo se reunir tudo ali na minha casa. Daí

eu fui pra casa. Daí nós ficamos na ocupação, e daí deu um entrevero que despejaram nós. Aí nós fomos pra área provisória. Depois nós saímos dali, viemos pra Barra, que daí nós se juntamos tudo na Barra, que era o acampamento de Palmeiras e de Caró, né, se juntamos e daí fizemos todas aquelas ocupações, Buriti, viemos pra Júlio de Castilhos, fomos pra Santa Elmira, e nós tava lá. Deu dois anos e meio acampado (agricultor, 51 anos, Hulha Negra)

Ficamos 1 ano e 7 meses acampado. Eu ganhei terra, dia 14 de junho de 89. No acampamento a gente trabalhava por núcleo e a gente aprendeu a compartilhar, porque era tudo junto, a gente tinha um barracão grande do nosso grupo. A bôia era tudo junto, se a gente trazia uma coisa lá de fora para comer, frutas, era compartilhado. Então foi um jeito da gente aprender a compartilhar com os outros, que a gente não tinha antes, se tinha uma família pobre a gente ajudava, trazia, repartia, para mim foi um aprendizado grande, a partilha. Que no acampamento a gente trabalhava bastante a questão da união, de se ajudar, e nós já discutia dentro do acampamento desde Palmeiras, nos primeiros tempos, a questão do cooperativismo. Justamente aí, que nós viemos de lá para cá, já com a ideia de formar a Coptil (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

O que mais te marcou no período do acampamento? Na época eu acho que a garra, a vontade daquele povo que tinha de uma conquista da terra era muito grande. Não tinha tempo ruim, nem barro, nem frio que segurava né. O povo ia né, ninguém se curvava. Mas acho que o que marcou era a vontade do povo, do sonho de chegar na terra, e chegamos né, porque quem ficou no acampamento, quem aguentou, daquele pessoal hoje 100% assentado (agricultor, 47 anos, Piratini).

O sonho de outrora, alimentado pela luta, permaneceu, e o desafio que parecia ter chegado ao fim com a conquista da terra, era só o prenúncio do que estava por vir:

Eu a minha visão que eu pensava assim, de eu ter a minha terra e ter uma morada decente né, em cima ali, deu mostrar. Eu tinha na minha cabeça, uma coisa que eu marcava na minha cabeça, Patrícia, assim, que eu queria era ter a minha terra, pra eu mostrar pros outros que tavam naquele fundo, que eu tinha a minha terra conquistada. E com um valor, com coisas em cima, né. Ter a casa, ter tudo né, pra quem saísse de lá e viesse ver que eu tinha conseguido, né (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

3.3 Chegada à região: crises e os coletivos

Naquele contexto, o governo do estado, pressionado pela situação da luta pela terra, passou a oferecer áreas para assentamentos em outras regiões, principalmente na metade sul do estado, onde as terras eram mais baratas. As impressões da chegada ao município de Bagé²⁹, ocorrida a partir de 1989, podem ser percebidas pelos relatos descritos:

²⁹ Na época da chegada das famílias à região o território referente à implantação dos assentamentos pertencia ao município de Bagé/RS. Atualmente, após a emancipação dos municípios de Candiota/RS, Hulha Negra e, 1992, e Aceguá no ano 2000, os assentamentos estão distribuídos nestes três municípios.

Quando nós chegamos, aquela vez, nós não voltamos porque nós não tínhamos onde ir mesmo. Porque aqui era um deserto, eu vim com jipe dos padres que traziam alimentação, que na época que nós viemos para cá, aqui os que eram a favor eram só os padres, o resto eram só contra. Tu não via uma árvore, tu não via estrada, tu via era açude seco, racha grande por causa da grande seca que existia na época, 88 e 89. Bagé foi o ano das maiores secas que existiram na região, dois anos que não chovia. Então nós dizíamos que era um deserto. Só enxergávamos os capões de mato na beira dos córregos, dos rios, senão não se via nada (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Aí nós estávamos no acampamento, começaram a sortear terra e saiu gente né. Nós estávamos num estágio assim, porque nós saímos da Santa Elmira³⁰ muito abalado, todo mundo, que pra nós qualquer lugar servia, não tínhamos escolha (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

Quando nós chegamos já tinha um pessoal assentado, mas na volta o que se via era chirca, lavoura de arroz nas várzeas, algum tambo, criação e ovelha. Lavoura mesmo era só de arroz, que nós não conhecíamos, nem gostávamos (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

O estranhamento evidenciado na chegada, onde as antigas referências não fazem sentido para compreensão da nova realidade, é agravado pela precariedade em manutenção das questões básicas para sobrevivência, como alimentação, moradia, estrada, dentre outros.

Quando nós chegamos aqui já tinha todos os assentamentos na volta. Nós fomos os últimos daquela leva, já tinha Nova União, Conquista, Santa Elmira, Boa Amizade, Conquista do Arvoredo, nós fomos os últimos dos assentamentos velhos. Nós chegamos a trabalhar a troca de milho verde, porquinho, galinha, abóbora o que tinha pra comer. Nós trabalhávamos por dia, para arrecadar para nós comer. Aí eu consegui aquela vaca emprestada para tirar leite, e nós tomávamos leite de manhã, meio dia e de tarde (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

A gente estranhou mais ainda porque nós morávamos 3 km da cidade, e aqui nós moramos 30 km da cidade, e ainda sem estrada, sem transporte, sem nada. Quantas vezes nós fomos a pé para Hulha, a estrada era uma estrada boiadeira, 5 vezes eu fiz a pé (até Hulha), dava 7 horas de caminhada. Naquela época se era trecho curto eu fazia 7 km por hora, mas com a distância diminuí um pouco, porque tu não consegue caminhar, diminuí o ritmo. A última vez foi dia 12 de fevereiro de 1994, foi quando o guri nasceu. Ela já estava em Bagé fazia 14 dias, aí o Aloísio (vizinho) foi lá e disse tu vai para Bagé porque vai nascer o nenê. Aí no outro dia, carona já era difícil sábado, e de noite choveu ainda, daí botei minha mochila nas costas e fui (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Aqui era um deserto, tinha um vizinho que plantava uns quadros de milho e o resto só criava. Ele Manoel (vizinho) dizia para nós, “mas vocês vieram para morrer aqui”, nós se acampamos tudo aqui, em 50 famílias, não tinha ninguém mais na volta. Ele se apavorou, porque ele dizia para nós: vocês nunca na vida vão ter estrada, não vão ter luz, porque nós moramos aqui há 20 anos e nunca tivemos. E antes dele morrer, nós tínhamos luz, estrada, ele já tinha uma casa de material, coisa que ele só tinha uma casa de capim e barro. E nós aqui já tínhamos cada um sua casinha organizada, tinha planta, um

³⁰ A referência à fazenda Santa Elmira localizada no município Salto do Jacuí/RS, indica o episódio ocorrido em março de 1989, denominado massacre da Santa Elmira. Ver: Gorgen, 1989.

mundaréu de planta, luz, estrada. Então, graças a Deus, por ali, eles começaram a ver que era o certo, né (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Entretanto, até que chegassem esses dias, um longo caminho haveria a ser percorrido, conforme as famílias, inicialmente foram realizados trabalhos por dia à troca de alimentação, parcerias com algum vizinho para abrir as lavouras, e diversas tentativas de cultivo e manejo a partir das práticas e relações herdadas do período anterior ao acampamento. Foi um longo período de aprendizado, frustrações e (re)conhecimento.

Quando viemos pros lote o pensamento era plantá para comer e criar. Aí foi feito lavoura e os recursos foram aplicados achando que ia dar certo, que ia ser que nem lá fora. Outro aprendizado também, achando que ia dar milho que nem lá fora, que ia gastá mil, dois mil para fazer a lavoura e depois ia dar para passar o ano. Mas se fosse vender a produção não dava depois nem quinhentos (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Eu botei os meus pés lá embaixo, onde eu moro hoje, em dia 30 de novembro de 90. Nós chegamo aqui com uma mão na frente e outra atrás, uma área que não tinha uma casinha, não tinha outra coisa que não chirca, o que nós tivemo que fazer pra começar. Os primeiros anos levamo muito ferro, porque nós achava que nós tinha que plantar que nem lá fora, e não era assim, aqui a região é diferente, e tu tem que te adaptar a região e não a região se adaptar a ti (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Entremeio a este contexto, surgem diversas experiências coletivas de gestão das atividades produtivas e da vida, o que pode ser considerado um fenômeno diverso, que aparece atribuído às discussões e convivências relativas ao período da luta pela terra e acampamento. Estas formas de organização originaram-se a partir das necessidades enfrentadas no dia-a-dia, o que pode ser percebido a partir das entrevistas, e cuja importância que tiveram principalmente nos momentos de crise também, revela-se nos próprios relatos. Na região foram constituídas, além de associações e grupos coletivos, três cooperativas, sendo duas de coletivização da produção e uma cooperativa regional de comercialização, respectivamente: Cooperativa de Produção, Trabalho e Integração – COPTIL, fundada em 1990; Cooperativa de Produção Agropecuária Libertadora – COPAUL e a Cooperativa Regional dos Assentados – COOPERAL, ambas em 1991. Estas experiências eram fomentadas pelo próprio movimento (MST), constituindo-se em uma perspectiva alternativa estratégica para o desenvolvimento da produção³¹. Para esta análise, independente do tempo de duração destas experiências coletivas que ocorreram na

³¹ No início da década de 90 existiam, nos assentamentos vinculados ao MST no país, aproximadamente 30 Cooperativas de Produção Agropecuária, as CPA's, inspiradas em um modelo cubano de organização coletiva do trabalho agrícola. (REIS, 2012).

região (algumas permanecem até hoje), a sociabilidade e cultura de participação e discussão, que elas promoveram, constituem apenas alguns dos elementos, que permaneceriam e definiriam os momentos posteriores.

O primeiro ano nós fizemos uma sociedade, nós ajudava o pai do Hugo (vizinho), e falamos com ele para ele plantar milho. Ele plantava e nós colhia. Então ele só vinha com trator e reboque e nós colhia, para nós fazer uma safrinha, porque nós não tinha com o que fazer né. No segundo ano em diante, daí já apareceu um recurso das Cáritas, daí nós já conseguimos fazer uma plantinha. Depois fomos organizando e fazendo uns plantios, cada ano, fizemos um grupo de 11 de família. Daí aqui se gerou mais uns dois, três grupos né. Desde o acampamento, nós já saímos com a idéia de fazer grupo. Cada um botou cem sacos de milho, e nós fizemos um grupo e compramos um trator, plantava melão e miudeza, fazia feira em Bagé. Começamos a se organizar e abrimos um mercadinho, tinha uma casinha com um mercadinho bem organizadinho dentro, compramos uma camionete (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Na época quase não tinha o individual, nós brincava que era o semi coletivo e o semi individual. Não tinha a família individualmente fazer qualquer coisa, era tudo em associação, a Cooperal, a Coptil a Copaul, daí a associação de máquinas, associação coletiva e associação semi coletiva. Que eu saiba, que eu me lembre assim, quando era individual no mínimo tava na associação coletiva e semicoletiva. E o que era o semicoletivo, era o lote individual a produção de autosustento individual, mas tinha uma área ou alguma atividade no coletivo (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

A Coptil era uma necessidade pra tocar a vida aqui. Na época foi muito mais que hoje, não se sabe como teria sido de outro jeito né (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Até que surge a Coptil e naquele momento surge a Copaul, e nós arranca o grupo dali para ir para dita Copaul. Foi 12 anos que durou a Copaul, bem pro fim, nós tava só em 11 família, e um dizia uma coisa, outro dizia outra, e eu resolvi vir embora. E o compadre Élio disse: não, se tu sair eu vou também. Daí fizemo, ainda, primeiro a casa dele e depois a minha (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

E aí a cooperativa não dava o resultado como nós achava porque modo da distância, e manter todas aquelas equipes não era fácil, e aí nós rachamos a questão do coletivo, e na época uns saíram, uns até trocaram de lote e foram embora, e nós viemos pros lotes, cada um pro lote, foi demarcado os lotes, e continuou a cooperativa né, e aí foi que deslanchou mais a questão das família. Porque assim, dentro de uma cooperativa todas as pessoas não são iguais né, um bota os braço, o outro não bota. Então optamo por rachar o coletivo, que durou de 89 até 96, um monte de tempo, claro a crise maior, a crise maior nós passamos no coletivo (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

Ali a gente aprendeu a conviver, de repente se não tivesse saído até poderia estar um pouco melhor de condição, a convivência que aprendeu e ensinou para gente viver, conseguir viver melhor em conjunto, mesmo trabalho achando que ia dar certo, deu certo, depois não deu mais, cada um voltou para seu lote, e estamos aí, se vizinhando e se dando bem, de repente se não tivesse tido aquilo lá, teria inimizade dentro do assentamento, que não aconteceu, e não vai acontecer mais (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Quando dividiram o lote individual, como tu organizaste o lote aqui? Pensar como eu pensava lá antes, e vamo tocar o barco. Na verdade aí começa

muito a história da Cooperal né, uns investiram no leite, eu pensava em lavoura, e daí que também veio a história da Bionatur né (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

As experiências de coletivização das atividades produtivas, fundamentais ao período inicial da implantação dos assentamentos, abrem espaço às novas formas, que caracterizam o momento do estabelecimento das famílias nos respectivos lotes, a construção da morada, e o desenvolvimento da produção familiar, que correspondem às cooperativas de comercialização e fomento da produção. Trata-se de formas já conhecidas, lembranças da região de origem das famílias, entretanto, distintamente, aqui, tudo passaria a ser feito pelos próprios agricultores, desde a fundação, gestão, debate e decisões sobre a produção, dentre outros.

Aí nós passamo o processo de formar e fundar a Cooperal, e nesse período eu fiquei enfiado na coordenação do grupo, todo este tempo pra fundar a Cooperal, estudei estatuto e coisa assim. O objetivo da Cooperal era fazer uma cooperativa diferenciada das outras, de não ter tanta exploração dentro, de qualquer tipo de comércio né. Mas era pra comercializar a produção dos assentados, porque não tinha alternativa, e já tava se espelhando assim na volta, a bacia leiteira. Então nesse tempo a gente formou a cooperativa, trinta associados, eu sou o vinte e sete sócio fundador, formamos né. Aí a gente deu o passo na bacia leiteira, começamo, também fui fundador da rota do leite, nunca paramos, aí a gente enxergou que nós não ia sobreviver só com a bacia leiteira e grão, porque já tava se notando que não tinha potencial pra grão, não tinha comércio (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

Bom, a Cooperal tava totalmente estruturada pra produção de grãos, ninguém tinha se viabilizado as dívidas eram grandes, então a cooperal começou a se movimentar pra estruturar a produção de leite. Porque o leite em primeiro lugar: porque o leite apontava que todas as famílias podiam produzir, então tinha potencial pra atingir todas as famílias. Então começou aos poucos 93, 94, se não me engano, metade de 94, inicio de 95 começou a primeira rota de leite, com o caminhão velho engenbrado e os tarro. Que quebrava três a quatro vezes por frete. Mas fazia a rota do leite, saía lá da Santa Elmira, que os primeiros faziam 7, 8 km a cavalo, traziam até a Santa Elmira. Depois passava na Nova União, saía pela Conquista e encontrava o outro caminhão da Camal lá na entrada da Trigolandia e passava os tarro quando dava, que a maioria das vezes chegava lá e voltava porque o caminhão já tinha ido, esperava tipo das 9 até as 2 da tarde não chegava e ia embora. Então tem os dados lá na cooperal que em junho, de 94, ou 95 agora eu to em dúvida, num mês ela conseguiu fechar a rota 3 vezes. Foi assim, aí começamos a discutir e fazer projetos, e aí veio também as sementes (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Daí de noite pegava e botava na água e no outro dia, esfriava o (leite) novo e levava. Daí pelo menos tinha pro rancho. E depois foi se ajustando, melhorando (agricultora, 51 anos, Hulha Negra).

Os relatos coincidem na importância atribuída à realização de um trabalho referido como diagnóstico das potencialidades produtivas da região, uma parceria entre as organizações Centro de Tecnologias Alternativas Populares – CETAP,

Centro Internacional de Cooperação para o Desenvolvimento Agrícola - CICDA, e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST. O estudo pretendia identificar a viabilidade das atividades produtivas a partir do histórico da região, principalmente com base na trajetória dos agricultores familiares residentes nas antigas colônias (Trigolândia, Salvador Dali e Nova Esperança).

Na verdade o que apontou realmente o diagnóstico da região em 92, quando foi feito pelo Cetap e Cicda, a produção de arroz irrigado, o leite e as sementes de hortaliças. Então a Cooperal também começou a discutir esse processo. Mas já havia muitos produtores nos assentamentos que produziam sementes, inclusive eu (agricultor, 49 anos, Hulha Negra)

3.4 Produção de sementes: conhecimento, euforia e distanciamento

Para reconstituição destes anos, embora haja poucas informações disponíveis, as experiências e percepções dos agricultores evidenciam claramente os aspectos e contradições determinantes:

Quando a gente chegou aqui já existia as empresas produzindo semente, tinha a Isla que há tempo já se estabelecia aqui, a Hortec que não era muito nova mas já estava quando nós chegamos, na época tinha agroceres que já tava na região produzindo alguma coisa de semente, tinha outras, mas em termo de empresas volumosas, mais que a gente acabou tendo contato foram com estas. Nós quando chegamos na Hulha Negra, a empresa que mais se aproximou foi a Hortec que ela tava no início, e a dificuldade de produção de sementes na região, por ela ter um potencial grande ela tinha uma debilidade que era mão de obra, ter gente que produzisse (agricultor, 43 anos, Candiota).

Como elas atuavam antes dos assentamentos?

Eles buscavam áreas de alguns agricultores que tinham, mas como eram poucos, tinham dificuldade. Com a chegada dos assentamentos o que aconteceu, chegou a expansão das áreas deles, porque: mão de obra. Tanto é que se tu for ver, os anos 94, 95, nesse período os assentamentos foram responsáveis por 70% da produção de sementes de olerícolas do Brasil. Então pra você ver que o potencial de produtividade e de produção dessas olerícolas na região era muito grande (agricultor, 43 anos, Candiota).

Conforme se pode observar, ainda que as condições favoráveis à produção de sementes de hortaliças, no ecossistema natural da região, fossem já conhecidas na ocasião da chegada dos assentamentos, conforme atesta a presença das empresas instaladas na região, a oportunidade constituída a partir do estabelecimento dos assentamentos possibilitou a progressiva expansão da produção de sementes de olerícolas.

Neste caso, o requerimento intensivo de mão de obra, inerente ao modelo de produção de sementes de hortaliças praticado pelas empresas naquele contexto,

onde os processos de cultivo e colheita não eram mecanizados, propiciou, tanto para as empresas, como para os agricultores, uma integração (à primeira vista) promissora.

Nós pensava que nós tinha que ter outra produção, essa era idéia, nós tinha que ter mais renda e nós vimos que o pessoal que plantava para as firma eles faziam dinheiro, então nós também enxergava isso (agricultor, 56 anos, Hulha Negra)

A chegada do processo de discussão da produção de sementes na região na época, 91, 92, houve uma informação de que a região era apta a produção de sementes, e o que aconteceu, as empresas começaram a procurar nós. Tinha alguns produtores da Trigolândia e Candiota que a gente já tinha ouvido falar que produziam semente de cebola e cenoura. Então é bem antigo aqui o processo de produção de sementes, tanto é que já existiam empresas em Bagé especializadas em produção de sementes, que era nesta linha. E esse diálogo começou inclusive lá dentro das empresas, o Ciro e o João Roquete trabalhavam e plantavam sementes, o Ciro fez estágio na Hortec, e o João Roquete era produtor da Hortec, e nós se encontrava no balcão e discutia o processo de produção de sementes (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Já tinha semente das firmas tradicionais e na época o cara era novo, tinha força pro trabalho. Na Copaul nós plantemos para Hortec, Top Seed e Coperal, e depois quando viemos para cá plantamos para Top Seed, melancia, as terras eram boa e não colocamos veneno nem adubo, entregamos 115 kg melancia, tudo carpido e conseguimos, mas na época as terra não eram tão inçada como hoje, uns 20 anos atrás. Era por intermédio da Cooperal (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Também as sementes em 91, 92 as famílias já começaram a se envolver, as empresas identificaram o potencial. E aí como já tinha isso, a Cooperal decidiu vamos entrar na produção de sementes, e fez uma parceria com a Top Seed, que tinha a sede no Rio de Janeiro, e se começou a produzir sementes, nesse ano eu plantei cenoura e coentro, foi em 94 eu acho (agricultor, 46 anos, Hulha Negra).

Conforme analisa Reis (2012), o relacionamento jurídico para a produção de sementes, entre as empresas e os agricultores assentados se dava por meio de contratos de integração vertical, onde eram definidos antecipadamente o preço, a forma e as técnicas de produção, além da quantidade e qualidade da semente produzida, ao final caso a produção atendesse as características contratadas, a empresa deveria adquiri-la integralmente (REIS, 2012). Inicialmente a relação era feita com os grupos de produção coletiva e, de outra parte, diretamente com os agricultores individuais, porém à medida que progressivamente as famílias optaram pela produção no próprio lote, a relação tornou-se predominantemente direta. Logo, tal qual a produção, os problemas multiplicaram-se:

As primeiras área tinha sido cultivada no coletivo, depois aí cada um fez a relação direta com a (nome empresa), e eu fiz a relação direta. Tinham outros também, e eu plantei abóbora, e melancia, quiabo, cenoura, coentro. Eu lembro que eu tinha plantado 2 há de abóbora menina pra (nome da

empresa). E daí nós entregamo, e por sacanagem da empresa lá, eu não tinha planta de mogango e eles pegaram semente de mogango no meio, e condenaram toda a semente, aí quando eu esperava pra receber a semente eles ainda deixaram a semente na porta de casa, com a contranota de devolução, e eu nem tava em casa (agricultor, 50 anos, Hulha Negra)

Tinha a empresa já lá produzindo no Nova União II, e uns dois anos depois veio para cá a (nome da empresa), aí nós plantamos uns três anos pra (nome da empresa), o último ano não recebemos até hoje, era coentro e cenoura (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Na época antes de findar a copaul tinha uma área coletiva junto com a Cooperal, da (nome da empresa), tinha essa lavoura de coentro e cenoura, e foi dividido entre os 12 produtores, cada um tinha uma lasca de verga de cenoura. Daí o que aconteceu, cada um colheu a sua lavoura, foi batida com a mesma trilhadeira, a lavoura era mesma só as verga separada, e dentro dessas vergas, 2 produtores não tinha germinação e os outros tinham. Que jeito isso? Se foi batido no mesmo dia, foi colhido no mesmo dia foi trilhado com a mesma máquina, e a pessoa que não recebeu ganhou uma porcentagem dos outros pela trilha. Então mais claro que isso não precisa outra coisa, era na mão deles (filho de agricultor/técnico Bionatur, 30 anos, Hulha Negra)

Aí a gente começou a fazer o trabalho e nesse meio entrou um foco de produção de sementes das empresa, e ele perdurou mais ou menos três anos dentro dos assentamento e daí deu o golpe, de lograr o povo, e até eu fui logrado. Eu fui produtor (nome da empresa), aqui no assentamento tinha 30 produtor de semente pra eles, aí era de tudo, e quantidade grande. Aí era cenoura, cebola, era coentro, quiabo, era de tudo. Aí todo mundo se atracou, era uma fonte de renda né. Daí no primeiro ano foi uma leva de produção e eles pagaram direitinho o povo. Aí no segundo ano a maior parte das semente não deu germinação. E aí eles alegavam que tinha que produzir mais que tava faltando semente no mercado. Aí aumentaram as áreas, só aqui na Santa Elmira tinha 80 há de plantação. Aí a turma, eles traziam insumo botavam de tudo né, e a turma cuidava bem as lavoura, deu uma supersafra, [] e disseram: até tal dia tem que tá toda semente beneficiada que vem a transportadora buscar. Que eles transportavam pra SP a semente. Aí chegou aqui em casa, deu 1200kg a cenoura, 3000kg de quiabo, 1000 e poucos kg de coentro (entre os produtores no total), era sacaria, e a gente não tinha lugar na época pra guardar, então tinha que colher e ir ajeitando pra botar na transportadora. Aí eles passaram aqui vieram com três caminhão da transportadora, chegaram aqui carregando, e foram carregando, em 2 dias eles tiraram tudo daqui, e não tiraram nota das semente. E aí agendaram com todo pessoal, ó quarta feira vocês vão no escritório, que eles tinham um escritório em Bagé, fazer as nota e nós vamos dar um adiantamento pra todo mundo até sair os resultado das semente pra nós pagar. Tu sabe o que aconteceu quando nós chegamo lá na quarta feira, não existia o escritório mais em Bagé, calotearam todo mundo. Nós chegava lá, bem ali no centro, ali, era no terceiro andar, chegemo lá, e o cara perguntou aonde é que nós ia, nós queremos ir no terceiro andar no escritório, não tem mais escritório, faz uma semana que eles fecharam o escritório. Daí todo mundo, nós não encontramos mais ninguém, sumiram, e nunca mais apareceram (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

Com vistas a intermediar a relação com as empresas, e ao mesmo tempo potencializar a atividade de produção de sementes como uma alternativa de renda para as famílias após a realização do diagnóstico, a Cooperal passa a atuar na

mediação do processo de integração, assumindo a responsabilidade jurídica nos contratos com as empresas, e centralizando os processos de recolhimento e pré-beneficiamento das sementes, além do acompanhamento com técnicos da própria cooperativa. A experiência e conhecimentos adquiridos, neste período, inerentemente refletiam na condição de apropriação e autonomia dos processos, fatores que seriam determinantes dos momentos posteriores.

Dito isso, a Cooperal começou a buscar incorporar estas atividades para dentro dos assentamentos. Começou a trabalhar com o leite, começou a trabalhar a produção de sementes. Num primeiro momento a Cooperal trabalhou a produção de sementes numa lógica muito convencional, pegou lá Agroceres, Isla, Feltrim, Hortec, e jogou o máximo que podia pros agricultores. Então lá, a Hortec disponibilizou 10 hectares, vem pra cá, a Isla disponibilizou 30 hectares, vem pra cá, e começamos a incorporar produtores. A Cooperal que fazia a intermediação (agricultor, 46 anos, Hulha Negra).

A Cooperal da época era o Movimento (MST), Movimento – Cooperal, não tinha aquela separação do que era movimento político e a cooperativa. Não é que era a mesma instância, é que a influência praticamente da direção do movimento no dia a dia era muito casada, eu estava numa reunião da Cooperal, daqui a pouco tava numa reunião da direção do movimento. Elas se somavam muito, e o próprio movimento tirou como orientação tentar buscar o máximo de alternativa pro povo, dentro do que se indicou no diagnóstico (agricultor, 46 anos, Hulha Negra).

Chega o momento em que este modelo de produção passa a não ser mais tolerado pelos próprios agricultores. Conforme publicação elaborada pela própria Bionatur, dentre os fatores que determinaram o rompimento na relação da Cooperal com as empresas constam: (i) a progressiva adoção de uma política seletiva de agricultores buscando concentrar as áreas de cultivo e reduzir custos de logística; (ii) a intensificação do uso de insumos químicos para quem se mantinha integrado ao processo, visando maximização dos índices de produtividade, causando endividamento dos agricultores, decréscimo renda e consequências para saúde e ambiente; (iii) a pressão em prol da especialização dos produtores na atividade produtiva de sementes de hortaliças, em detrimento da estratégia de diversificação produtiva, em que diversas atividades compõe a renda, estimulada pelo Movimento e Cooperal (BIONATUR, 2006). Nas palavras dos agricultores:

E dentro desse debate também circulava intensamente o debate, bom, nós tamos entrando num pacote tecnológico que nos expulsou de lá, e viemos para cá e entramos nele de novo. Então tamo aqui no mesmo pacote tecnológico, é defensivos, é não sei o que, e entramos na mesma lógica. Isso no segundo ano de produção (intermediada pela Cooperal) já começou o debate interno (agricultor, 46 anos, Hulha Negra).

Eu tinha observado uns dois dias que tinham um bichinho diferente na cenoura, mas como era a assistência técnica, eles vinham visitar conforme

o período do ciclo, ou no início para passar os venenos pra controle das ervas, folha larga ou folha estreita. E já vinha o pacote. Daí chegou a camionete da (nome da empresa) lá em casa, eu saí olhar, tá o técnico disse: tu tem olhado a tua lavoura? Eu olho todos os dias. Notou alguma coisa? É um bichinho branquinho. Daí ele já pegou a caixa do veneno e já descarregou, ó tu tem que passar isso e isso, eles já sabiam, a assistência técnica era isso, vim conferi qual o tipo de doença que tinha dado, se era fungo se era pulgão, isso ou aquilo, e já traziam dentro da camionete, e tu só assinava a nota, que depois descontava. Depois foi piorando isso, tinha uma época que eles queriam que comprasse o adubo, tudo adiantado, e os produto, assinava a nota e já ia pra lá, então na hora de receber já descontavam tudo isso. Não tinha isso, ah, o que tu acha que vai fazer, não já vinha tudo condicionado (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Depois quando eles começaram a exigir os pacote, nós demos a semente, mas tem que ter tantos sacos de adubo químico, tantas pulverização, uma ou duas por mês depende do tempo, tem que passar o veneno para cebola, eu cáí fora daí. Por isso que foi que também nós decidimos pra entrar para uma questão mais agroecológica, sem veneno não é (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Com as empresas não sobrava área para todo mundo, e além que tinha umas que não pagavam, e também no fim não sobrava mais nada, então não tinha mais saída, pra quem quisesse produzir sementes, ou tu aventurava criar uma marca ou esquecesse, aquilo que podia ser uma parte da renda pra gente (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Percebe-se, claramente, e a partir da reflexão dos próprios agricultores, a identificação com o processo vivido anteriormente, o modelo de modernização da agricultura que havia desencadeado a exclusão de um contingente de camponeses e cuja luta lhes proporcionara um novo recomeço - de volta a terra. Momentos de distinção em que as fronteiras parecem aflorar. Assim, a negação a este modelo, surge, urge, em meio às lembranças e as contradições, não deixando dúvidas, naquele momento, a cerca do que deveria ser deixado para trás.

3.5 Bionatur: A constituição da experiência

Em 1997, a Cooperal decide pelo rompimento da relação com as empresas de sementes, e lança o debate junto aos agricultores, estabelecendo o desafio de implantar a experiência de produção de sementes agroecológicas. No centro do debate as questões da ruptura com o modelo de produção e a necessidade de constituir-se como geração de renda para os agricultores aparecem como determinantes da perspectiva que se buscava, elementos que definiriam o caráter da experiência. A cerca deste momento:

E aí que surgiu o estalo, vamo criar uma empresa de semente, porque nós tava dependendo da Top Seed, nós tava dependendo do pacote deles, o mais breve possível, nós dependia da germinação deles, nós tava

dependendo de tudo deles, e aí que surgiu essa ideia com o João, o Artemio, o Zezinho, Ciro e a equipe toda que tava na Cooperal na época e junto com os núcleo, que sempre era discutido nos núcleo né, vamo criar uma empresa nossa e vamo mudar o jeito de fazer, né (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Entremeio ao debate, 12 agricultores aceitariam o desafio:

Na verdade os agricultores, não houve assim tanto seleção, muito assim, se abriu o processo, e aí aquelas pessoas que nós tínhamos mais confiança, mais desafio, pessoas que queriam algo novo, logicamente que entrou alguns com o pensamento do novo mas também com o pensamento da renda, não era apenas a lógica puramente de um projeto diferente, de tirar o venenos do processo, enfim, cada um também enxergava, boa parte deles enxergava, uma possibilidade de renda sem se expor tanto ao veneno, né. Então esse cenário existia, por exemplo eu sei que naquela época o Almir Gioti, nós tínhamos um grupinho, e nesse grupinho nós tivemos uma área de semente. Nós tínhamos produção com a hortec, produção convencional, com renda razoável, comparável com tudo que era renda na época, semente para nós era sem dúvida nenhuma a melhor renda que entrava na propriedade, tá certo? (agricultor, 46 anos, Hulha Negra)

Em primeiro lugar quem queria, era pela Cooperal, nas primeiras reuniões tinha 40, 50 pessoas mas uns não acreditavam, outros achavam que não dava, e outros, eram 12 se desafiaram a experimentar né. Eu sou dos pioneiro da Bionatur, dos primeiros. Era bom porque tinha muito curioso né, então vinha gente de tudo que é lugar, das universidade (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Em 97, os primeiro doze foram considerado como louco (filho de agricultor/técnico Bionatur, 45 anos, Hulha Negra).

Nas primeiras áreas foram cultivadas aquelas espécies que já eram produzidas na região, em que o manejo e a potencialidade de produção já eram conhecidos. Desta forma, a experiência teve início na safra de inverno, em 1997, através do cultivo de cebola Crioula, cenoura Brasília e coentro Português.

Eram as que mais se produziam na região, então pegamos pela potencialidade regional de clima, pegamos aquelas culturas que a princípio tinha uma dinâmica. Mas iniciamos pelas mais fáceis, pelas que tinham giro no mercado e que na região produzia bem. As básicas sempre vinham da convencional, não tinha nada de alternativo era convencional. Eu não to bem lembrado agora os detalhes da semente básica, se nós pegamos da Embrapa ou se pegamos com a Hortec, porque não tínhamos uma facilidade de conversar com a Hortec, que por mais que eles produzissem convencional era um povo muito parceiro (agricultor, 46 anos, Hulha Negra)

Observa-se que na constituição da experiência, as questões relacionadas à definição das variedades e o sistema formal de produção de sementes mantiveram-se como no período anterior, da integração com as empresas. Logo, confirma-se que esse debate, naquele momento, não estava estabelecido como um fator determinante da ruptura e origem do processo. Relatos apontam a existência de

alguns trabalhos de resgate de sementes crioulas, porém restritos a algumas trocas entre os agricultores.

Com relação ao sistema de manejo agroecológico, os insumos utilizados como as caldas e biofertilizantes (supermagro), eram elaborados em sistema de mutirão entre os agricultores, de forma centralizada. Sobre as práticas de manejo específicas, observa-se desde o início, uma abordagem voltada para construção do conhecimento através da experimentação, em que a inexistência de referências teóricas é amenizada pelo intenso acompanhamento dos técnicos (Projeto LUMIAR e da própria Cooperativa). Deve-se acrescentar, nesse contexto, a valorização do conhecimento dos agricultores associado ao período anterior ao acampamento, referências associadas à memória e identidade, um jeito de fazer, que ali se reinventa.

Porém os problemas estavam, certamente, só começando:

Olha no início teve mais gente dos que foram em frente. Uns foram até uma altura, foram e voltaram, não era formal assim. E no começo deu algum prejuízo. Era via cooperaral, eu plantei até um amendoim, um hectare, quando. Quantas vez entregamo semente que não vimo a cor do dinheiro. O que passava mais era cebola, cenoura e coentro (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Ai que tá o problema. Porque na época quando foi formada a Bionatur os produtor já sabiam que você só recebe se a cooperativa consegue vender as sementes. Porque a cooperaral não tinha dinheiro pra pagar na época, tu recebe a semente fazer teste de germinação e pagar. Então quando tava a semente ali, aí a cooperaral procurava negócio, vê se achava e assim ia. Então tu recebia em parcela, as vezes a lavoura já tava implantada de novo e tu não tinha recebido a outra safra ainda (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Depois começou a explodir a coisa. Cada ano dava umas dificuldade né, eu posso dizer uns três anos eu nunca ganhei um centavo, eu fazia safra, tirava, entregava semente, e não achava de vende e aquilo foi ficando, passava a germinação, não dava mais, uma coisa ou outro todo mundo perdeu. Então foi começado a trabalhar para vender a semente né, cada ano foi aumentando, aumentando, e foram organizando, surgia as discussão, daí já começou vir gente grande aparecer pra que querer ajudar né, gente ali organizando e tentando. E foi conseguindo entregar semente, de pouquinho foram entregando, entregando, e cada vez aumentou né (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Um intenso esforço, que adquiria uma dimensão cada vez maior, desde a produção ao beneficiamento, embalagem, comercialização, gestão, o processo concebido e realizado pelos próprios agricultores, conforme os desafios se apresentavam no dia-a-dia. Novamente, ali se definia o estigma de superação dos desafios e autonomia dos agricultores, valores que atravessariam toda a trajetória da Bionatur, constituindo-se em fortalezas do processo identitário.

Eu ajudei a fazer, levava os envelopes³² nas casas das famílias, pra nós fazer em casa, no tempo dos intervalo do trabalho, de noite ou ao meio dia (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Foi constituído a marca, a primeira UBS improvisada com alguns equipamentos que foram comprados usados, na Cooperal. A estruturação do grupo que eram 12 famílias. Daí de 20, 30, 50, 100 famílias produzindo com diversas empresas, se afunilou em 12 famílias que aceitaram o desafio de produzir diferentes dos outros, com a marca Bionatur, com o modelo e os desafios que iam surgir no próximo período. Então 97, 98, 99 eu me lembro que tem uma foto com o Olívio Dutra na entrada da expointer. A Bionatur foi pra expointer em 99, quer dizer a Bionatur saiu de dentro de Hulha Negra pra se projetar meio que pro mundo (agricultor, 49 anos, Hulha Negra)

3.6 Sobre o processo identitário e a narrativa da distinção

Para fins de análise do processo identitário a reconstituição da percepção sobre a narrativa da distinção permite observar em perspectiva os momentos determinantes e os respectivos elementos marcadores comuns, correspondentes primeiramente às trajetórias individuais, e após, o momento em que as trajetórias se encontram e o processo identitário passa a ser considerado na expressão coletiva em que se constrói. Ressalta-se que em outros estudos referentes à Rede Bionatur, como Reis (2012) e Burg (2007), a trajetória é considerada usualmente a partir do assentamento das famílias, passando despercebida a percepção do vínculo existente com o momento anterior, e de como ele se refaz.

Nessa perspectiva, ao considerar o período anterior ao acampamento observa-se que as trajetórias individuais relatam uma condição de vida semelhante, a qual se traduz em diversos elementos comuns, sendo predominante a dificuldade de acesso a terra, submetendo-se a relações de parceria, parcelamento, meeiro, dentre outros. Estas relações são ameaçadas pelo processo de modernização da agricultura, do qual decorre a expulsão de um contingente de camponeses, constituindo-se claramente em um momento de distinção e diferenciação social.

A partir daí, a decisão da ida para o acampamento e o período da luta pela terra, apresentam-se como um divisor de águas na percepção das famílias, um antes e depois, momentos de distinção, cujos elementos marcadores que se destacam referem-se à simplicidade da vida em baixo da lona, como a convivência

³² Os envelopes eram fechados e selados com utilização de cola tenás, através de mutirões de trabalho, realizados pelos próprios agricultores. Quanto às sementes embaladas em latas, adaptou-se uma máquina utilizada para envasamento de pêssego, adquirida em uma agroindústria familiar, situada na região da colônia de Pelotas/RS (Bionatur, informação verbal).

compartilhada, a forma de organização através da discussão e decisão coletiva, a cooperação, a determinação e evolução na compreensão do mundo. A história, neste momento, adquire uma expressão coletiva.

Dessa forma, concorda-se com Lucini (2007), ao analisar o momento da ruptura com a vida anterior das famílias e o ingresso ao MST, em tese de doutoramento que objetiva analisar a identidade sem terra:

O rompimento das relações anteriores à entrada no MST, pode ser definido como a ruptura com um acordo com a sociedade, advinda de uma violência sofrida que possibilita um novo começo. Esse novo começo implicará a constituição de uma identidade em que o sentimento de pertença constitui o elo que une os sujeitos aos outros, ao mesmo tempo em que, como coletivo, diferencia-se na própria constituição identitária, em que o nós se diferencia dos outros. A identidade então se constitui na diferença (LUCINI, 2007).

Na conquista da terra, em meio a um ambiente novo e desconhecido, a vida se refaz, novamente se distinguindo, trazendo presente diversos elementos dos momentos anteriores na tentativa de (re)conhecimento e produção de sentidos sobre o ambiente. Dentre estes elementos se destacam a recorrência às relações de trabalho anteriores ao acampamento na garantia das condições mínimas de sobrevivência, e após as diversas formas coletivas, em uma clara alusão a vida no acampamento, permitindo atravessar o período de crise em que as condições apresentam-se de forma similar ao período da luta pela terra.

No período que se segue, observa-se a evolução das formas de cooperação, as quais expressam características das antigas cooperativas existentes na região de origem das famílias, bem como elementos da evolução da consciência, de participação social, gestão compartilhada, atribuídos visivelmente à participação no MST. A forma de organização, discussão e decisão herdadas do acampamento são elementos determinantes do processo identitário que permanecem até os dias de hoje.

Avançando o processo de distinção, certamente para este trabalho, o momento fundamental refere-se à ruptura com o modelo de produção de sementes convencional, e a decisão pela constituição da experiência que viria a se tornar a Bionatur. Na análise, perceptivelmente uma junção de elementos determinantes, destacando-se, porém, a rejeição a um modelo de produção que não estava presente no cotidiano da vida na agricultura no período anterior ao acampamento, e inclusive atribuído na compreensão das famílias como fator principal de exclusão

daquele contexto. Consideram-se ainda a determinação e ousadia em enfrentar o desconhecido, elementos que se explicam evidentemente na própria trajetória.

Na construção da experiência, entre o que permanece e o que é deixado para trás, ressalta-se o sistema formal de produção de sementes herdado do período de integração às empresas, e os principais fatores de criação da Bionatur, a produção de sementes em sistemas agroecológicos associada à geração de renda para os agricultores. Elementos definidores que permaneceriam até hoje.

Por fim, buscou-se aqui evidenciar os momentos de distinção e elementos marcadores, determinantes a compreensão do processo identitário e de diferenciação social. Constatou-se que estes se expressam claramente nas entrevistas, demonstrando que estão perceptíveis aos agricultores constituindo assim o que poderia se denominar uma narrativa – a narrativa da distinção.

4. TRAJETÓRIA BIONATUR: A EVOLUÇÃO COLETIVA DO DEBATE E DA EXPERIÊNCIA

Neste capítulo, a ênfase é voltada para análise da evolução da experiência na percepção coletiva, a partir das entrevistas realizadas com as direções administrativas que estiveram à frente da Bionatur, contemplando desde a origem até os dias de hoje. Nesta perspectiva, as histórias individuais, dão lugar, a trajetória coletiva, buscando compreender através da síntese das diferentes fases, o que esteve em evidência, em debate em cada uma delas, qual a reflexão e como se procedeu à construção do posicionamento. Para isso, optou-se por realizar a análise por período e não por temática³³ – em uma proposta de subdivisão que é reconhecida pela própria experiência - visando também, observar, em que momento da trajetória, cada temática se torna relevante para o debate, e como a experiência se define e se reinventa, o que altera e o que permanece, refletindo a dinâmica do processo identitário.

Adotou-se, para este capítulo, o recurso de sistematização da totalidade da narrativa observada na entrevista, recorrendo-se apenas esporadicamente ao recurso de transcrição direta de algum trecho da entrevista, visto que objetiva-se a compreensão da percepção sobre o período em questão. Além disso, utilizou-se a sistematização da reconstituição coletiva da trajetória da Rede Bionatur realizada em reunião da coordenação dos agricultores, para fins deste trabalho.

³³ A opção por temas estaria, por exemplo, relacionada à análise da experiência considerada em relação ao sistema formal, a certificação orgânica, as políticas públicas de comercialização de sementes, entre outros. Porém não atenderia ao propósito da análise da evolução da experiência em sua totalidade.

4.1 Grupo dos doze até a nacionalização³⁴

Durante os primeiros anos, conforme mencionado no capítulo anterior, à constituição dos processos que envolvem as diversas fases da cadeia produtiva, tornou-se o desafio cotidiano principal. Se a experiência iniciou-se pelo manejo da produção, a partir deste momento, estendia-se para o beneficiamento, armazenagem, embalagem, gestão, comercialização, envolvendo tudo e todos.

Com relação à produção, manteve-se o formato inicial descrito, em áreas pequenas, poucas espécies, insumos foliares agroecológicos centralizados em mutirão. Porém, ainda nos primeiros anos, incorporou-se a utilização de esterco de peru, e fosfato natural, que passaram a ser disponibilizados via cooperativa. Dessa forma, à medida que a produção se expandia, mais agricultores adentravam ao processo, constituindo os grupos de agricultores, forma de organização herdada do período de acampamento, e que se manteria até os dias de hoje.

Neste cenário, a comercialização das sementes tornou-se progressivamente outro grande desafio a ser superado. Em vista de todo o esforço que demandava o processo até o embalagem das sementes, não havia se estabelecido um planejamento para a venda, que inicialmente fora realizada junto a organizações e entidades relacionadas à agroecologia, sindicatos e venda direta aos produtores. Todavia, conta-se ainda hoje, as histórias das viagens realizadas, onde se enchia a combi ou camionete com sementes e saía oferecendo nos sindicatos, cooperativas, atravessando o estado do RS e por vezes o oeste de SC.

Em decorrência dessa experiência de comercialização, constatou-se que a venda condicionava-se à diversidade de espécies disponíveis, constituindo-se em um fator de restrição, já que o consumidor das sementes de hortaliças, em geral busca diversidade com vistas à horta para consumo da família, ou para produção direcionada às feiras. Logo, a questão da diversidade das espécies de hortaliças para a produção de sementes tornou-se uma preocupação constante, uma pauta incorporada de 'fora para dentro', nas palavras do entrevistado.

Entremeio às dificuldades cotidianas, a experiência repercutia, dentro do próprio MST, e entre as organizações de agroecologia e movimentos sociais pelo

³⁴ A sistematização desse período deve-se a entrevista realizada com Artêmio Parcianello, integrante da direção administrativa da Bionatur/Cooperal, no período de 1997 a 2003. Considera-se que o próprio texto já se constitui na análise da autora a partir da entrevista.

Brasil afora. No fim da década de 1990, conforme analisa Reis, em um momento de ampliação do poder das transnacionais no mercado de sementes, a Bionatur tornou-se um símbolo de que a construção de uma alternativa baseada em princípios ecológicos era possível (REIS, 2012).

Motivada pela visibilidade da experiência e pelo significado da agroecologia, a Cooperal toma uma decisão radical - a de não comercializar mais adubos químicos e venenos, repercutindo para as demais cooperativas do MST. Esta decisão expressa o sentimento e entusiasmo vivenciados naquele momento na região, em que a agroecologia, materializada pela experiência da Bionatur, passa a ser compreendida como uma perspectiva de desenvolvimento para os assentamentos, e de enfrentamento político com o modelo de modernização da agricultura, dimensão que já aparecia no discurso estadual do MST da época. A respeito disso:

Analisando o cenário atual e o que era na época, eu acho que eu vivi na Bionatur o período que mais se debateu agroecologia, porque era assim, saindo de um modelo pro outro, então era muito mais vivo, novo, algo que te motivava todo dia. Te instigava não só pelos resultados, mais porque era algo novo, que se apresentava como uma alternativa, o debate que dominava era mais político que produtivo. Nós ia no assentamento, e todo mundo participava da reunião, nem que todo mundo não participasse da produção, todo mundo participava da reunião. E não se olhava tanto os limites, se tentava buscar alternativas para superar os limites (agricultor, 46 anos, Hulha Negra).

Porém, por volta dos anos 2000, este cenário altera-se substancialmente. Diversos fatores contribuem cumulativamente para o que seria lembrado, por alguns na evolução da experiência, como um momento de crise, ou divisor de águas. No contexto geral, o endurecimento político referente ao tema da reforma agrária, que vigorou durante o segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (1998 – 2002). Em consequência, as políticas públicas relacionadas ao tema foram encerradas ou restringidas, vide o encerramento do Projeto Projeto Lumiar (1997 – 2000), e o fim do Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária – PROCERA. Este contexto refletiu diretamente no contexto das cooperativas e do próprio MST (BIONATUR, 2006; BURG, 2007).

Ao nível local, no caso da Bionatur, além do impacto destas questões gerais, acrescentam-se ainda outras, como as dificuldades para diversificação da produção de sementes, as quais se tornam evidentes, em grande parte determinadas pelas condições climáticas, levando os agricultores a optarem por determinadas espécies, em detrimento de outras. Além disso, já se constatavam as dificuldades inerentes ao funcionamento da Bionatur como um setor da Cooperal. Se por um lado o potencial

da experiência não condizia, nas palavras do entrevistado, 'com o tratamento na forma de um setor', de outra parte, para a própria Cooperal, a demanda para atuação em outras frentes de produção na região também estava limitada.

É neste cenário, que se geram as reflexões a cerca da necessidade de nacionalização da Bionatur, representando uma evolução na compreensão do potencial produtivo e na relevância política da experiência e sua representação. O caminho a ser percorrido para isso, certamente, não poderia ser outro, senão o próprio MST. Assim, entre os anos 2002 e 2003, este debate adentrou a pauta dos grupos de agricultores que atuavam na Bionatur e nas instâncias organizativas do setor de produção nacional do MST.

Simultaneamente foi realizado um diagnóstico dos sistemas de produção agroecológicos existentes na Bionatur, buscando identificar os limites e as potencialidades. Este estudou contemplou o zoneamento das regiões e estados preferenciais para produção de sementes, tendo em vistas a eminente expansão e a possibilidade de alcançar a almejada diversidade. A importância desse trabalho pra subsidiar a definição das ações que seriam priorizadas, é comparada, pelo entrevistado, ao primeiro diagnóstico mencionado no período da implantação dos assentamentos, revelando uma forma de estudo e tomada de decisão que se define na própria trajetória.

Ressalta-se que a questão das sementes, já estava sendo incorporado à pauta do MST, principalmente em virtude da integração do movimento à Via Campesina, seguida ao lançamento da campanha internacional, 'Sementes: Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade', a qual se constituiu em uma clara alusão ao contexto neoliberal de incentivo aos direitos de propriedade intelectual e aos movimentos de concentração e transnacionalização da indústria das sementes. No relato do entrevistado, a Campanha teve um efeito dinamizador para a Rede, potencializando a questão da nacionalização, já que a Bionatur era um símbolo do MST. Porém, outro debate aflorou neste cenário, o tema das variedades produzidas - entre o sistema formal e informal de produção de sementes, uma discussão que pertenceria ao próximo período.

Enfim, em face às contradições e os desafios, o debate que se estendeu ao longo do ano de 2003 nas instâncias do MST e nos grupos de produção da Bionatur, confirmaria a perspectiva a ser construída, mais uma vez um novo desafio, a constituição de uma rede nacional - a Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur.

4.2 Construção da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur³⁵

Tomada à decisão, inicia-se uma nova fase. Dentre as primeiras ações realizadas para estruturação da Rede, procedeu-se a discussão e a desvinculação da Bionatur da Cooperal, processo realizado com anuência dos associados em assembleia da cooperativa. Logo após, ocorre à constituição da Cooperativa Agroecológica Nacional Terra e Vida – CONATERRA, em junho de 2005, a qual passa a representar juridicamente a Bionatur.

Neste mesmo encontro, ficou definida a localização da sede da nova cooperativa, sendo o assentamento Roça Nova, em Candiota/RS, e planejada a estrutura organizativa e gestão administrativa, sendo estabelecidos diversos desafios para os próximos anos. Na memória do entrevistado, estes desafios ficaram guardados como tarefas, quais sejam: (i) estruturação da unidade de beneficiamento e dos processos de gestão administrativa; (ii) ampliação do número de agricultores e regiões para produção; (iii) diversificação das espécies de hortaliças; (iiii) cenário adverso pautado pela Nova Lei de Sementes, (iiiii) elaboração de um plano de comercialização.

Sobre a questão relacionada à nova Lei de Sementes (LEI 10.711/2003), naqueles anos, o debate sobre os impactos, restrições e proposições efervescia entre os movimentos sociais e organizações não governamentais, ambiente de participação e pertencimento da Bionatur. A reestruturação proposta para o sistema formal através da nova Lei direcionava-se, perceptivelmente, para o ambiente e sistema de atuação das empresas privadas e transnacionais, cuja presença já era dominante no mercado de sementes, conforme analisado anteriormente. Dessa forma, a atuação dos movimentos sociais voltava-se basicamente ao enfrentamento a essa perspectiva e ao reconhecimento às variedades crioulas e sistema de multiplicação e conservação realizado pelos agricultores, bem como a denúncia sobre os impactos à biodiversidade causados pelo sistema formal de produção de sementes.

A Bionatur encontrava-se neste entremeio, visto que a origem da experiência havia sido constituída no âmbito do sistema formal, através de cultivares comerciais

³⁵ À entrevista base para sistematização deste período foi realizada com Marino De Bortoli, agricultor assentado em Hulha Negra, integrante da coordenação da primeira gestão da Conaterra – Bionatur, no período de 2005 a 2009.

varietais, cujo acesso as sementes denominadas básicas, eram adquiridas junto às empresas mantenedoras, e os campos de produção informados, por meio de documentação junto a Secretaria Estadual da Agricultura, órgão competente até então. Com as alterações na legislação, abriu-se o debate sobre os rumos e perspectivas de atuação, se a Bionatur deveria, e principalmente se conseguiria, adequar-se as exigências e procedimentos estabelecidos.

Por outro lado, a atuação exclusiva no sistema informal, através da produção de sementes de variedades crioulas, não chegou a ser pautada como uma opção, já que esta mesma legislação, embora reconhecesse a existência das variedades crioulas, restringia a circulação e comercialização destas, o que tornaria inviável a geração de renda para os agricultores através da comercialização de sementes. Embora o resgate e multiplicação das variedades crioulas direcionadas à conservação, troca entre agricultores e constituição de banco de sementes, já existisse desde a época da Cooperal.

Certamente para além das definições, o impacto deste debate na evolução da compreensão dos agricultores a cerca do que estava ocorrendo na agricultura a nível internacional, e em relação às sementes, adentrou a história da Bionatur, a partir daí se discutiria não só a viabilidade da experiência e da agroecologia, mas o papel que a Bionatur teria a cumprir em relação à questão das sementes, diante deste contexto tão adverso. Um debate que permaneceria ainda hoje.

Por ora, nos anos que seguiram a estruturação da cooperativa, foram adotados os procedimentos necessários ao credenciamento da Conaterra/Bionatur no Registro Nacional de Sementes e Mudas, realizado em 2006, e direcionado todos os esforços para atender as prescrições da nova legislação em todo o processo produtivo. Em uma perspectiva geral, os processos foram constituídos, embora no cotidiano, a funcionalidade do sistema formal, gere por si só, continuamente, novas contradições. Dentre elas, a título de exemplo, a questão do acesso às sementes de geração superior junto aos mantenedores:

Foi um debate bem forte na época, e nós acabamos conseguindo se adaptar, fomos conhecendo melhor como é que funcionava a lei, e dando conta de produzir, de selecionar alguns agricultores que produziam uma semente agroecológica com maior seleção também. Muitos agricultores já vinham selecionando dentro da área de produção, um padrão, por exemplo, repolho, nós queremos um padrão de repolho assim. O agricultor marcava as plantas semelhantes e tirava semente só daquelas. Então foi se acumulando experiência e o conhecimento entre os agricultores e técnicos pra produzir uma semente básica (de geração superior). Mas foi um dos desafios que a gente não conseguiu superar e acabamos tendo que se

adequar a normativa das sementes, que foi flexibilizada e acabamos tendo que flexibilizar né (agricultor, 49 anos, Hulha Negra)

Para fins deste trabalho, não se considera necessário analisar especificamente os estrangulamentos causados pela Lei de Sementes³⁶, mas antes compreender como se constrói a perspectiva de atuação da Bionatur neste ambiente. Considera-se ainda que diversos procedimentos instituídos pela nova Lei ainda não estavam vigorando, o que conferia um ambiente desconhecido para todos, inclusive para as empresas, acrescido no caso da Bionatur, da complexidade dos sistemas agroecológicos. Tema que inclusive encontrava-se, simultaneamente, em processo de construção da regulamentação legal, que corresponde a Lei da Produção Orgânica (Lei 10.831/2003).

Conquanto, de volta aos demais desafios estabelecidos, considera-se na opinião do entrevistado, como grande avanço deste período a estruturação dos processos de beneficiamento e gestão administrativa, principalmente a construção e implantação da unidade de beneficiamento de sementes - UBS, a qual possibilitou a otimização do trabalho e qualificação das atividades de beneficiamento, armazenamento e embalagem das sementes.

Em relação à produção, o próprio diagnóstico havia identificado que a proposta da agroecologia já estava enraizada nas famílias, e no discurso, como uma alternativa de renda e perspectiva de vida, porém os sistemas de produção desenvolvidos ainda estavam assentados na substituição de insumos, nos monocultivos orgânicos isolados sem planejamento de manejo no agroecossistema, e na exclusividade de manejo orgânico na área de produção de sementes, sendo o restante das atividades conduzidas no lote tratadas de forma convencional (Bionatur, 2006). Desta forma adotou-se como perspectiva fortalecer o trabalho da agroecologia na visão do redesenho do agroecossistema considerando a propriedade no seu conjunto, onde a sementes seriam percebidas como mais um elemento na composição da renda.

Em referência a estas considerações e a demanda de expansão para outras regiões e estados, optou-se, de forma geral, por aumentar o número de agricultores e diminuir o tamanho das áreas, na expectativa de que o agricultor pudesse atender dedicar-se a área de produção, mesmo não dependendo exclusivamente dela. Adotou-se também como critério a implantação de no mínimo duas e até três

³⁶ Para maior detalhamento nestas questões ver REIS (2012) e SANTILLI (2009).

espécies de hortaliças por agricultor/safra, visando à almejada diversificação, além de melhoria no manejo agroecológico. Durante a entrevista, foi ressaltado que todas estas questões foram discutidas e definidas ao longo das reuniões da coordenação dos grupos de agricultores.

Analisando este período, que aqui se encerra com a troca de gestão em 2009, pode-se observar que a Bionatur adquiriu outra dimensão, na mesma proporção em que os desafios também se expandiram. Na opinião de quem esteve à frente da gestão, um período onde o debate da agroecologia e a questão das sementes considerada em face às contradições do sistema formal prevaleceram, principalmente em decorrência da constituição da Rede, sendo que o debate da viabilidade comercial da própria cooperativa era realizado, porém estava claramente submetido aos desafios e a perspectiva que estava se construindo.

4.3 Até onde a vista alcança: estabelecendo fronteiras, ampliando a diversidade e construindo a certificação³⁷ orgânica

Ao considerar a subdivisão adotada para distinguir os momentos da evolução da experiência, pode-se à primeira vista associá-las com as respectivas trocas de gestão da Cooperativa. Entretanto, a troca da gestão ocorre no Encontro da Rede de Sementes Bionatur, onde se reúnem todos os agricultores que participam da experiência, e o qual se constitui no principal momento de avaliação coletiva, definições e planejamento dos próximos (três) anos. Isto posto coincide, para efeitos desta análise, com os momentos em que se tornam visíveis as fronteiras estabelecidas, evidenciando o que está em discussão e como à experiência se percebe e reinventa ao mesmo tempo em que se prepara para o que está por vir.

Assim, a avaliação realizada durante o Encontro da Rede Bionatur, em 2009, demonstrava que, embora o esforço daqueles anos para expansão da experiência em outras regiões e estados, e o interesse e expectativa que se despertavam nestes espaços, os custos de logística e gestão desse processo eram elevados demais pra serem custeados a partir da produção na Cooperativa. A Bionatur acabava exercendo um papel social e político, na reflexão com os agricultores, sobre a

³⁷ Este subcapítulo foi elaborado a partir da entrevista realizada junto ao agricultor Amarildo Zanovello, um dos doze pioneiros da experiência, dirigente da Rede Bionatur/Conaterra no período de 2009-2012. A autora deste trabalho também integrou esta gestão, de forma que esta síntese não poderia ser, senão uma construção conjunta sobre a nossa percepção a cerca deste período.

agroecologia, sementes e segurança alimentar, assumindo uma função cuja importância era indiscutível, mas que não retornava em produção de sementes para Cooperativa, até porque os momentos e contextos correntes nas diferentes regiões e assentamentos eram diversos. Dessa forma, a produção permanecia majoritariamente, em torno de 80%, oriunda da região de origem da experiência, e a diversificação apresentava avanços, mas com grande desequilíbrio no volume colhido entre as espécies e variedades.

Além disso, outro fator limitante referia-se a limitada disponibilidade de assistência técnica, seja frente ao crescente volume de procedimentos necessários a regularização da produção de sementes, condicionados pela Nova Legislação, como também a demanda de acompanhamento junto com os agricultores, principalmente nas regiões em expansão da produção de sementes. Esta questão permaneceria ainda hoje, como um desafio, um vácuo nas políticas públicas existentes.

Frente a este contexto e reflexões decidiu-se por estabelecer certas fronteiras na expansão da Rede Bionatur, priorizando a formação e consolidação dos grupos nas regiões do estado do RS, e buscando fortalecer a produção e geração de renda para as famílias envolvidas. Em razão disso ampliou-se a diversidade de espécies para produção de sementes, acrescentando milho, feijão, ornamentais, forrageiras, e diversas outras. As espécies de hortaliças continuariam correspondendo, nas palavras usuais, ao 'carro chefe' da Bionatur, aspecto da origem que atravessa o processo identitário, porém buscava-se ampliar as possibilidades de composição da renda do agricultor ecológico, a partir da produção de sementes. Muitas variedades crioulas foram resgatadas e recolocadas no circuito de troca e comercialização³⁸ a partir dessas definições, realimentando este debate entre os agricultores na própria experiência.

Essas definições, em seu conjunto, expressavam a afirmação da produção de sementes agroecológicas como ação principal da Rede Bionatur, cujo produto final – semente- representava materializado simbolicamente o projeto político e perspectiva de vida e de futuro que se queria defender. Ao longo deste período, é a partir dessa compreensão que iria inserir-se, na pauta, ainda, outro tema: a certificação orgânica,

³⁸ Ressalta-se que a comercialização mencionada refere-se refere à atividade exercida entre pares, no âmbito interno da própria cooperativa, e diretamente nas feiras e encontros direcionados ao público da agricultura familiar, assentados de reforma agrária, indígenas e quilombolas.

ou seja, o reconhecimento *do que se fazia, e de como se fazia*, desde o início da experiência. Um debate que circulava na Rede Bionatur, desde a regulamentação da produção orgânica, em 2003, mas que agora, em função do próprio contexto, colocava-se em definição.

A Rede Bionatur alcançaria, ao final destes anos, aproximadamente 160 agricultores participantes nas diferentes regiões do RS, obviamente, em distintas percepções de engajamento que se refletiam na produção final entregue à cooperativa. A estratégia estabelecida para diversificação das espécies traduziu-se em aproximadamente 100 variedades em produção, destacando-se a linha de flores que envolveram as mulheres agricultoras, e os grãos, especialmente feijão e milho, que agregavam uma complementação na renda das famílias sem alterar demasiadamente o sistema de produção já existente. Além disso, a receptividade às sementes agroecológicas destas espécies através da comercialização, sinalizavam a importância e significado destas culturas, não só no sistema de produção de quem produz as sementes, mas para os agricultores que as recebem/adquirem, estabelecendo laços de cumplicidade, que fortaleceriam ainda mais a percepção do processo identitário.

Porém, tal qual esse processo ocorria, simultaneamente, e em outra proporção, o contexto favorecia o desenvolvimento de um fenômeno, que não tinha nada de novo, mas que se apresentava na esteira da modernização, relações arcaicas reinventadas, em uma denominação singular - o agronegócio. Mais uma vez, cenário de mudanças e disputas.

Analisando este período pode-se perceber na evolução da experiência o processo de definição contínuo a cerca do papel que a Rede Bionatur se propõe a cumprir, colocando-se em evidência a afirmação da produção de sementes agroecológicas, razão pela qual se definem as ações de fortalecimento da produção. Desta forma assume-se a defesa da agroecologia e das sementes pelo que se faz, em razão maior do que se diz. Este caráter que se forja a partir da prática aparece de forma relevante na imagem atribuída à experiência da Bionatur, conforme se pode observar. Além disso, é visível, neste período, a evolução da compreensão sobre as sementes em relação à diversidade dos agroecossistemas e na defesa/permanência dos sistemas de produção dos agricultores familiares.

4.4 Do Reconhecimento à resistência: desafios e perspectivas das sementes orgânicas Bionatur³⁹

Em termos gerais, este período representa a continuidade da perspectiva de atuação definida no Encontro da Rede de 2009. Entretanto, conforme analisado anteriormente, frente às alterações no contexto geral da agricultura no capitalismo correntes nos últimos quinze anos, o cenário de atuação da Rede Bionatur modificou-se substancialmente adquirindo uma complexidade de limitações e oportunidades, que demandam um processo permanente de reflexões com vistas a compreender e delinear o caminho em que a própria experiência se reconhece.

Considera-se a exemplo disso à questão da certificação orgânica. Pressuposto de constituição e princípio da Bionatur desde sempre, o modelo de produção agroecológico nunca esteve em dúvida. Entretanto, o debate sobre a certificação orgânica ficou relegado inicialmente, até o momento, em que o mercado tornou-o uma exigência, em vigor às delimitações da própria Lei da Produção Orgânica. A partir daí, a certificação orgânica tornou-se uma necessidade, e a Rede Bionatur assimilou este processo como fator positivo de reconhecimento ao que já era feito desde o início. Em 2012, após quinze anos de existência, a Bionatur obtém a certificação orgânica por auditoria junto ao Instituto Biodinâmico – IBD.

Ao avaliar este processo, reconhece o entrevistado, que nos dias de hoje, a certificação tornou-se uma reivindicação dos próprios agricultores participantes da experiência⁴⁰ como mecanismo de proteção ao avanço desenfreado do uso de insumos químicos, venenos (aplicação aérea) e a contaminação pelas sementes transgênicas, que ora disputam os limites das propriedades⁴¹, representado pelo avanço do agronegócio. Este contexto de expansão do agronegócio confere

³⁹ A síntese deste período relata a entrevista com Alcemar Inhaia, que tem atuado na representação da Rede Bionatur/Conaterra desde o ano de 2012, e que no presente ano, durante Encontro da Rede, foi indicado à permanência à frente do conselho administrativo, representando para este trabalho, a compreensão do contexto atual.

⁴⁰ Atualmente estão certificados aproximadamente 80% da produção de sementes desenvolvida pela Rede, busca-se chegar a 100%. Está em debate na Cooperativa a construção de um processo de certificação misto, sendo parte por auditoria, e parte através de sistema participativo de garantia, ambos previstos em lei (informação verbal).

⁴¹ Na análise do auditor responsável pela inspeção realizada pelo IBD na Bionatur, a mudança de paisagem provocada pelo agronegócio na região e no entorno às propriedades, constitui-se claramente no principal desafio ao desenvolvimento da produção de sementes orgânicas na região (informação verbal).

inerentemente a Rede Bionatur uma condição de resistência da produção agroecológica/orgânica, similar ao que ocorreria em relação ao tema das sementes.

Nessa perspectiva, visando consolidar a produção diante desse cenário adverso, destacou-se como uma das marcas desse período, a busca de recursos através de projetos direcionados à produção, via Cooperativa. Desde investimentos diretos nos grupos de agricultores como a aquisição de kits de irrigação, pequenos implementos como roçadeiras, e plantadeiras tração animal, recursos de custeio para correção de solo e insumos orgânicos, até a aquisição de tratores para uso gestado pela Cooperativa, e no último ano, projeto para ampliação da capacidade da unidade de beneficiamento. Estas ações buscam racionalizar o trabalho e potencializar a produção nas propriedades, e ao mesmo tempo, ao considerar o processo em seu conjunto a estruturação da UBS ampliará consideravelmente a capacidade de beneficiamento da Cooperativa.

Ao que pode parecer contraditório, uma ousadia frente ao contexto atual, a resistência se traduz em superação, ao mesmo tempo em que se abre um cenário de oportunidades, evidenciado pelo crescimento da demanda associado ao consumo de produtos orgânicos - reflexo do próprio modelo representado agronegócio. Acrescentando ainda, no caso das sementes, ao condicionamento estabelecido pela legislação referente à produção orgânica, o qual estabelece que as sementes e mudas utilizadas em sistemas orgânicos de produção devem ser oriundas de sistemas orgânicos/agroecológicos (SILVA, 2013).

É com base neste contexto e perspectiva, relatados na entrevista, que emerge como um dos principais desafios ao desenvolvimento da Rede Bionatur, para os próximos anos - a expansão da produção de sementes, seja em função da perspectiva do agricultor, seja pela demanda do mercado orgânico/agroecológico, e até pela viabilidade da própria Cooperativa, visto que:

Nós seguimos fazendo, tocando as sementes, a produção, mais ou menos no mesmo nível, não mudou tanto, mas o que mudou é que entrou um monte de coisa nova da legislação, acarretou né, veio a certificação, veio o credenciamento, veio um monte de coisa pra dentro da máquina que antes não tinha. Então aumentou o trabalho, aumentou a burocracia, aumentou o número de pessoas também envolvida no trabalho, aumentou o custo administrativo, e a produção se manteve (agricultor, 34 anos, Candiota).

O que mudou é que veio mais demanda do ponto de vista da formalização do processo, por todos os lados. Mas a natureza da nossa forma de atuar não mudou, e nós demoramos muito tempo pra se orientar nisso, eu acho que a gente demorou muito pra se tocar. E eu digo assim, a nossa crise hoje tá nisso. Nós temo que resolver isso. Aí claro né, se tem vários entendimentos quando se tem crise, sobre quais as tomadas de decisão, e

do que fazer exatamente. O que nós tamo colocando: nós precisamos aumentar a produção (agricultor, 34 anos, Candiota).

Fica claro, a partir desta análise, que atualmente o nível de complexidade e o volume de processos absorvidos pelo cotidiano da Cooperativa, alteraram-se substancialmente durante a trajetória de atuação da Bionatur. Ao passo que, os próprios agricultores envolvidos no processo desde o início, declaram ao ponderar sobre o que eles faziam, como faziam, e como fazem hoje: *'que não mudou muito'*. Esta reflexão, realizada durante o encontro da Rede Bionatur que ocorreu neste ano, demonstra a transformação do processo de produção de sementes sob o contexto do capitalismo, considerando o final da década de 1990 até os dias de hoje, transformações distantes, e de certa forma estranhas ao processo de manejo dos agricultores, na multiplicação das sementes. Para a Bionatur, um processo permanente de reinventar-se, simplesmente, para continuar fazendo o que faz.

Considera-se, ainda, neste imbricado contexto, os desafios impostos pela legislação de sementes, considerando para além dos procedimentos já incorporados no cotidiano, a questão dos mantenedores das cultivares, um novo processo que está na eminência de ser incorporado à Rede Bionatur, a razão de preservar a disponibilidade de uso, aquelas cultivares de interesse da agricultura familiar, hoje em vias de extinção pelo Registro Nacional de Cultivares. Conforme demonstrado neste trabalho, as empresas dominantes no setor de sementes de hortaliças têm priorizado a disponibilização de cultivares híbridas e transgênicas, com alto valor de mercado, retirando de circulação as cultivares de polinização aberta. Esta ação poderia significar a autonomia da Rede Bionatur na produção da própria semente básica, em sistemas agroecológicos.

Imensos desafios, em uma trajetória que se refaz ao caminhar.

4.5 Sobre o processo identitário e a trajetória coletiva:

Ao considerar o processo identitário a partir da trajetória de evolução da experiência percebe-se a capacidade adquirida pela própria experiência em reinventar-se seja diante dos desafios cotidianos, seja frente às alterações e determinações do contexto geral em que se insere. Esta característica pode ser atribuída à consolidação da forma de organização desenvolvida, onde a discussão avaliação e decisão aparecem ao alcance de todos, e a responsabilidade é

compartilhada, conforme se pôde observar na descrição dos debates e decisões. Certamente uma fortaleza do processo identitário.

No decorrer da trajetória, a evolução demonstra a ocorrência de diferentes fases, visualizadas na Fig. 5, que correspondem em síntese: (i) ao momento inicial de construção e afirmação da experiência motivado pela repercussão e resultados na região e após, através da nacionalização; (iii) logo a constituição da Rede de Sementes Bionatur e ampliação da atuação; (iiii) onde observa-se a evolução do debate em relação a produção, sistema de manejo, papel da Bionatur frente aos temas conjunturais como legislação de sementes e produção orgânica, dentre outros; (iiiiii) por fim, em destaque o caráter de resistência atribuído à experiência em face ao modelo de produção representado pelo agronegócio versus agroecologia, como também referente à concentração e dominação das empresas transnacionais na oferta de cultivares híbridas e transgênicas predominantes no mercado.



Figura 5– Ilustração gráfica processo evolutivo da Rede Bionatur
Fonte: elaboração da autora, 2015.

Embora esta síntese abstraia-se do aprofundamento das diferentes fases, ela revela a dinâmica do processo identitário, a dialética e a contradição, considerando a evidente interação em relação ao contexto de desenvolvimento do sistema de produção vigente. Assim, a identidade se considerada em essência, não seria jamais capaz de possibilitar a compreensão da experiência, conforme demonstrados aqui através dos pressupostos do processo identitário.

Nessa perspectiva, é importante considerar que permanecem os elementos descritos anteriormente como pressupostos constituintes da experiência, conforme transparece nas palavras extraídas de uma entrevista “mas a natureza da nossa

forma de atuar não mudou muito”, entretanto alteram-se substancialmente os processos envolvidos para permanência da experiência. Logo se evidencia, durante a trajetória, o desafio constante em manter-se vinculado ao sistema formal de produção de sementes - em razão da forma de atuação da experiência, sendo que o esforço realizado para esta condição, torna-se perceptivelmente cada vez maior.

Cabe ainda, destacar a evolução na compreensão de diversos temas ao longo da trajetória, como agroecologia, sementes, comercialização, legislação, e outros. A inserção da experiência em relação a estas questões, e outros referenciais tem sido analisada detalhadamente em diversos trabalhos, como Reis (2012) ao considerar a Rede Bionatur na dimensão da rede sociotécnica, Burg (2007) em relação ao uso e conservação da biodiversidade, e outros. Embora concorde-se com estes estudos no que tange a forma de inserção da experiência em relação às questões analisadas, considera-se, porém, insuficiente à compreensão do que move a Rede Bionatur, se considerada em especificidade.

Ao final deste capítulo, em que a análise da trajetória possibilitou evidenciar a dinâmica do processo identitário, cabe considerar como esta evolução se expressa na percepção individual e nos espaços coletivos que compõe a experiência.

5. IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA:

Analisar o processo identitário a partir da trajetória de diferenciação social implica em tornar visíveis as relações de poder vigentes e as fronteiras estabelecidas, subjacentes às determinações da exclusão social. Por esta concepção 'o que somos' e o 'que não somos' são dimensões do mesmo processo. Logo a própria constituição da experiência – em seu caráter afirmativo é, também, compreendida em uma perspectiva de resistência as relações dominantes. Este capítulo busca analisar os elementos (afirmativos) constituintes da organicidade e funcionalidade da experiência, aspecto determinante de sua permanência até os dias de hoje. Busca-se compreender as normas, os valores, as dinâmicas de convivência, e quais suas significações na percepção dos agricultores.

Em uma breve aproximação, percebe-se claramente que as normas, aqui referidas usualmente como critérios para aceitação e convívio na Rede Bionatur, desfazem-se do caráter impositivo inerente ao aspecto formal, à medida que correspondem a práticas sociais desenvolvidas pelos próprios agricultores e incorporadas à funcionalidade da Rede.

Nessa perspectiva, cabe compreender estes elementos a partir do processo em que foram concebidos, na síntese do que expressam e afirmam, como produtos e produtores das dinâmicas de convivência e coesão social. Em movimento. Eis a dinâmica organizativa que dá vida à Rede Bionatur.

5.1 Quem participa da Bionatur: critérios e percepção

Se no início da experiência, a forma de organização estava baseada no grupo dos 12 agricultores/famílias pioneiros associados à Cooperal, no decorrer da trajetória a ampliação da Bionatur foi acompanhada pelo desenvolvimento e

consolidação da forma de organização e gestão da cooperativa. Em síntese, esta estrutura organizativa é constituída pelos grupos de produtores, a coordenação dos grupos, a direção da Conaterra e o Encontro da Rede Bionatur/Assembléia, os quais correspondem aos espaços de debate coletivo. Nessa perspectiva, ao considerar o ingresso de novos agricultores/famílias:

Como um agricultor entra na Bionatur hoje? Eu diria que não mudou, ele entra a partir do grupo de produção ou grupo novo (agricultor, 34 anos, Candiota).

Para análise das normas e valores que caracterizam o processo identitário, este é um elemento fundamental na compreensão da experiência, o ingresso à Rede Bionatur está condicionado à participação da forma de organização, representada em primeira instância, pelo grupo de produtores. Percebe-se, dessa forma a validação e assimilação das formas organizativas iniciais da experiência na estrutura formal de funcionamento da Rede Bionatur/Conaterra, adquirindo um caráter normativo.

Ademais, incluem-se neste caráter, os denominados critérios para participação da Bionatur, construídos pelos próprios agricultores, no decorrer da evolução da experiência. Sobre este processo:

Nós reunimos o grupo, o grupo todo dos produtor, e ia levantando ideia, um dizia uma coisa, outro dizia outra, como é que tem que ser, como é que não tem que ser, e aí fomo escrevendo, a gente tem ainda essa ata aí dos critério. Foram construído pelas pessoas do grupo, não é o coordenador dos grupo e nem a direção que criou os critérios, é os próprios agricultor, que se reuniram. Nós tinha critério no nosso grupo até de falta de reunião né, faltou três reunião era banido, primeira reunião, na segunda tinha que dizer porquê (agricultor, 48 anos, Candiota).

Se não tiver critério não funciona nada. Os critérios foram criados pelos grupos (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Como foram construídos os critérios, eles sempre existiram?

Não isso aí foi tudo meio ligado né, eles foram se ligando, porque quando começou a discussão na Bionatur que eu me lembro, já se falava que queimá, pra que queimá matéria orgânica, botá veneno, pra que botá veneno se tu que fazê a planta ecológica. Aí depois, as outras coisas foram se encaixando na discussão (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Então os critérios foram sendo construído na trajetória?

Sim, mas os primeiro passo foi desde o início já, os principal passo foram desde o início (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Foram construído nas reuniões e nos grupos, as definições se tu pegava, porque tu sabe que o ser humano é assim 'ah, eu não passo um veneno pra dessecar o azévem', agora tu ia cuidar ele passava, então esses critérios de ficar fora da Bionatur, não se comprava aquela semente, ele tinha que ficar

dois anos para limpar de novo a propriedade para poder voltar, tudo foi feito na coordenação e nos grupos (agricultor, 48 anos, Candiota).

Embora não se tenha encontrado uma publicação impressa sistematizada que relacionasse os critérios constituídos, estes aparecem espontaneamente nas entrevistas, demonstrando a influência com que atuaram e permanecem na dinâmica da experiência. Os critérios referem-se basicamente às práticas de manejo agroecológico e valores de convivência assimilados a partir da práxis⁴² coletiva, tornando-se, portanto, elementos que identificam a experiência.

Um dos critérios é que no primeiro ano tu separa só uma parte do teu lote que tu usa sem veneno, para experimentar para tu entrar na transição, tem que ter uma transição, e depois é o lote todo. Eu ajudei a expulsar um compadre meu da Bionatur, por causa que ele passava veneno nas lavouras. Depois eu ainda acabei levando a culpa (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Quais os critérios pra ser um produtor da Bionatur? Os critérios tem que ter ética dentro do grupo, da agroecologia, de saber o que é, o que tu pode usar e o que tu não pode (agricultor, 48 anos, Candiota).

Certamente, alguns critérios podem ter passados despercebidos para este trabalho. Entretanto, em síntese, foram relacionados a partir das entrevistas: (i) o ingresso a partir de um grupo de agricultores; (ii) a assiduidade nas reuniões do grupo; (iii) o compromisso ético com a produção agroecológica nas práticas de manejo; (iiii) o prazo para o período de transição para o manejo agroecológico envolvendo todas as atividades do lote; (iiiii) a realização das práticas estabelecidas para produção de sementes; (iiiii) a diversificação da produção para manutenção da família no lote, considerando a produção de sementes como uma das atividades produtivas. (iiiii) a participação no MST.

Observa-se que este conjunto de critérios ou normas, teve maior expressão no período de expansão da Rede Bionatur, demonstrando claramente a preocupação, frente à ampliação do número de produtores, com a manutenção da identidade da Bionatur e com a qualidade das sementes. Certamente pode-se atribuir um perfil de agricultor/família, evidenciado e fomentado a partir dos critérios, embora esta seja uma interpretação indireta da realidade.

Em um processo inverso ao caráter normativo, e para fins de expandir a análise do processo identitário, optou-se por identificar a percepção dos agricultores sobre como é o agricultor que permanece na Rede Bionatur, visando aproximar-se

⁴² O termo práxis é aqui compreendido como a reflexão crítica sistematizada a partir da ação cotidiana.

ao perfil delimitado pela própria evolução da experiência. Para isto, nas entrevistas, incluíram-se algumas questões como: 'Muitos agricultores entram e saem da Bionatur, na tua opinião como é este agricultor que permanece? Quem fica, fica por quê?'. Com a palavra os entrevistados:

No período que eu vivi eu percebia isso né, tem um grupo de agricultores que entra na expectativa quase que específica econômica né, que ele vai entrar, vou produzir pra bionatur, e acabam se frustrando não conseguindo manter aquela perspectiva econômica de faturamento e acabam saindo. Eu acho que tem alguns que não conseguem manter a estrutura de trabalho né, porque ela acaba tendo, digamos assim, uma mão de obra mais manual, no cuidado com a semente, no manejo, no processo, uma necessidade muito maior de planejamento né. E a evolução da produção agrícola não é essa, da década de 70, 80 pra cá, o agricultor não precisou mais pensar, as empresas pensavam por ele, então isso exige né. Uns querem a mudança de pacote, do pacote tradicional pro pacote ecológico, mas que tivesse linhas de produto que fosse pegar e aplicar e resolver. E o projeto da agroecologia da Bionatur não é esse, é de tu planejar, de tu produzir, se autogestar o projeto produtivo. Eu acho que quem fica consegue fazer isso, consegue gestar. Quem fica é porque conseguiu. E automaticamente se consegue fazer isso o resultado econômico também é melhor, consegue alcançar uma produtividade mínima sem um custo muito alto né. Porque a ideia que foi construída sempre foi essa né, de ter autonomia, não depender de compra de insumo, não depender do técnico permanente, aprender a fazer, fazendo e achando as alternativas novas. Eu acho que essa é uma qualidade digamos assim, que eu imagino que quem ficou, deve ter acumulado (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Eu acho que é porque acredita né. É gente que acredita e que bota os braços. Então eles trabalham né (agricultor que afastou-se da Bionatur).

Tudo é um conjunto, tu tem que gosta de planta aquela planta, tem que gostar de mexer com aquela terra, tem que gostar de bota a mão no barro. Porque tem dias que pra achar nós limpo é só de meio dia e de noite, porque como é que tu vai trabalhar sem se sujar. Têm gente que quando o sol tá quente não vai na roça, quando tá meio embarradão, não vai lá pra se atolá os pé no barro, aí não tem condições (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Nós gostemo de lidar meio com tudo, e tem pessoas que não dá certo mesmo (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Nós aqui qual o costume que a gente tem, a gente produz não tudo, mas quase tudo, uma boa parte da alimentação né. Quando é as época de plantio que dá aqui a gente procura plantar as coisa pra come né, tem os entremeio que não dá, daí a gente compra, mas tudo que a gente pode plantar, que dá no tempo certo a gente procura plantar. Eu acho que os produtor da Bionatur tem esse jeito assim (agricultora, 43 anos, Hulha Negra).

Porque eu sempre digo, quem planta pra bionatur não passa fome, sempre tem o que comer (agricultora, 59 anos, Piratini).

A produção, a subsistência, o que segura o produtor da bionatur aqui na região é a subsistência. Pessoal quer ter a melancia pra comer, abóbora pra dar pra um porco, ele é sempre ligado a uma coisa, não vai plantar semente só pra tira dinheiro. É tu ter bóia pra dar pra bicharada, porque o produtor da

Bionatur é aquele que tem bicharada, que é enraizado no lote, tu entendeu (agricultora, 49 anos, Candiota).

Primeira coisa que eu pergunto pra ele, tu gosta da enchada e do arado. Aí o segundo passo, tu não usa veneno em cultura nenhuma, nenhum secante em nada, já é um passo mais adiante. Bota fogo, aí vai se encaixando. Depois o outro passo, tu tem vontade trabalhar o inverno e verão. Daí já vai dá pra tirar uma base se o cara tem vontade mesmo (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

A semente pra mim é uma responsabilidade muito grande. Não precisa ter a lei, eu sempre cuidei da minha semente, sempre fui na minha roça, sempre tirei aquela que não é parecida (agricultora, 49 anos, Candiota).

A percepção dos agricultores revela elementos do processo identitário que configuram um jeito de viver *na* e *da* agricultura. Dentre estes elementos, destaca-se a diversificação das atividades no lote, a segurança alimentar associada à produção para consumo da família, a integração da produção de sementes com as demais atividades produtivas, a forte presença do trabalho manual, a autonomia na gestão do processo produtivo, e outros. Obviamente há distinções nos sistemas de manejo agroecológicos entre os agricultores, porém, os elementos identificados parecem estar associados usualmente aos agricultores/famílias que permanecem na experiência. Somam-se a estes, outros elementos, que embora não estejam especificamente ao alcance dos olhos, não escapam a percepção dos agricultores:

A persistência tem que ser persistente pras coisa, se não, não adianta nada, pega a mudar pra lá e pra cá não adianta nada (agricultor, 51 anos, Canguçu).

Os que permanecem é os que querem seguir sem usar veneno, questão de gostar e saber de que no teu lote não tem risco de ser contaminado com qualquer tipo de produção (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Olha, eu antes da bionatur, eu tenho convicção, de ser um projeto alternativo, um projeto de reforma agrária de produzir alimento, produzir boia não agronegócio, que isso já expulsou nós de lá. E eu acho que a Bionatur é a única ferramenta, único instrumento que temo hoje, pra dizer esse projeto é nosso, de agroecologia, é a Bionatur, dizer que vai mudar o rumo é a Bionatur (agricultor, 50 anos, Hulha Negra)

O que fica é porque ele avançou no processo de conhecimento da produção. Fica porque tem princípio, tem que ter objetivo. Por exemplo ou tu fica porque tu tem conhecimento e acha que aquilo que tão te oferecendo não serve, por exemplo o modelo tecnológico de alta destruição não serve pra mim. Eu acho que esse modelo de produção limpa, e de defesa da vida e do meio ambiente é o novo que nós queremos, porque o novo tem que ser construído, o novo não vai vir pronto. O que vem pronto não serve, é o que tá aí né. Então eu acho que as família que se mantém produzindo e pensando a agroecologia são aquelas que tem além de um princípio de produção agroecológica, tem um princípio ideológico de mudança, através de uma produção limpa e de um novo sistema é que pode mudar (agricultor, 47 anos, Piratini).

É eu acho que esse é uma, entre as outras características da Bionatur, as pessoas que abraçaram o processo, que estão e conseguiram permanecer e se viabilizar, tem esse orgulho de dizer, inclusive se tu faz uma reunião que tem algum produtor da Bionatur, que tem 20 agrônomos, 10 pesquisadores, eles conseguem se pronunciar no mesmo patamar, pela experiência que eles tiveram né. Não sei se a palavra é cidadania né, mas uma palavra nesse sentido né, normalmente nos projetos tradicionais, tu é o agricultor, eu te implementei o pacote, tu tem que fazer aquilo que nós tamos orientando. E na Bionatur não né, na Bionatur muitas vezes o agrônomo para pra escutar o produtor dizer a experiência dele, como é que ele fez, então acho que essa é o principal diferencial das pessoas que se envolveram (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Tem dois tipo mesmo assim de entendimento, tem uns que entram por uma visão assim ele quer fazer dinheiro, ele não tem essa visão, ah mas eu vou produzir orgânico pra mudar o rumo da vida de todo mundo né, e tal. E aquele que entrou e não saiu, ele produz com essa visão de produzir para ele né, pro consumo, e pra consumo da humanidade né, de outras pessoas que vão se alimentar que vão comprar, é uma outra visão de mundo né, que essas pessoas tem, que, aí não saí mais né, ele vê que o rumo do mundo vai ser esse (agricultor, 60 anos, Piratini).

O que faz de você continuar sendo um produtor da bionatur?
Porque é a minha praia. Não tem, não adianta. É uma herança que o cara traz desde berço, e hoje eu tava falando, a guria minha tá com 10 aninhos, e aquelas frutinha ali ela comeu lá em Porto Alegre, na luta do dia das criança que ela foi, trouxe e botou aqui a semente, tá aqui ó, essa muda aqui é do Araça vermelho, que aqui nós temo do amarelo e ela trouxe do vermelho pra plantar aí no lote, tá aqui (agricultor, 51anos, Canguçu).

É aqui que a identidade se expande, relacionando-se com o universo subjetivo da consciência, ao mesmo tempo em que assume um caráter político, de distinção e simultaneamente afirmação. Algo que parece transbordar, não só no discurso dos agricultores da Bionatur, mas na personalidade, associada à persistência e a perseverança, ainda que, para esta análise, se tratem somente de significações.

5.2 Eu e o grupo: convivência, socialização, conhecimento

A importância do grupo de produtores para a Rede Bionatur pode ser evidenciada pela condição estabelecida à participação de um grupo para o ingresso à experiência. Embora o agricultor/família desenvolva a produção em seu lote individual, o grupo de agricultores é considerado a unidade de debate na relação com a cooperativa. Uma herança que remonta o período do acampamento. Através do grupo a individualidade dá lugar ao coletivo e o processo torna-se reconhecido ainda que ao final ele dependa do esforço de cada um. Reconhecer-se na experiência do outro, trocar dia de serviço, apreender observando, ouvir e ser

ouvido, experimentar, discutir e refletir, enfim, a convivência que dá vida ao processo e torna-se sua principal fortaleza (SILVA 2014). Sobre o convívio e o papel do grupo na percepção dos entrevistados:

O grupo tem a função de manter a ética, de produzir sem usar químico. Se o grupo não incentivar o vizinho e companheiro e disser que tem que produzir assim, quem é que vai vir dizer que tem ser daquele jeito (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

O que faz um pouco o compromisso é a discussão dentro do grupo sobre a produção de semente, tu te sente um pouco mais comprometido. O grupo discute o que tu vai produzir, como tu vai produzir, se tu vai comprar adubo, vai fazer em casa. São coisas que sempre se discute. As vezes passa despercebida, mas se tu for olhar um pouquinho interfere bastante (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

Porque a gente vai lá na reunião e a gente sabe a lavoura de cada um, como é que tá, no dia da reunião, lá tu vem pra casa sabendo. Assim como eles sabem da nossa lavoura, a gente fica sabendo da lavoura deles. Daí cada um passa o relato de como é que tá a lavoura, é importante sim, a reunião dos grupos (agricultora, 43 anos, Hulha Negra).

Eu acho que o grupo é importante, porque os grupo eles dão o rumo da cooperativa, o que tá certo e o que tá errado eles tem como debater e arrumar. Se não tiver o debate nos grupo eu acho que perde toda a estabilidade da cooperativa. Seja na organização da cooperativa, seja na organização da produção, eu acho que tem que ter esse debate, influenciado na base e dentro da cooperativa (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

Tu vai numa reunião e as vezes tu já tá pensando “eu acho que eu vou parar”, não vou plantar mais. Que nem agora tu tá dizendo que tem que plantar mais semente, daí: Ah mas eu acho que eu vou mudar a ideia, vou plantar mais. Tu vai lá numa prosa, numa reunião. Eu sou assim, às vezes a gente tá pensando uma coisa, meio querendo se desanimar, vem uma pessoa ali, numa prosa tu já reanima de novo. Já muda o pensamento, já adquire mais força (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

E outra coisa que eu digo que seja participativo no grupo, porque cada reunião que tu perder é um fracasso pra frente. Cada encontro que nós deixar de participar, a gente não consegue acompanhar os outros que tão lá participando, porque sempre tu explica uma coisa diferente. Então a importância é o crescimento. Quanto mais a gente tiver conhecimento das coisas, mais a gente consegue evoluir também na produção (agricultora, 48 anos, Canguçu).

Os depoimentos confirmam o papel mencionado anteriormente, sendo possível perceber a convivência no grupo, e a relação estabelecida a partir da ação onde cada um se compromete com o grupo sobre aquilo que faz e como faz. Logo, o fazer adquire um significado que não é mais exclusivo ao indivíduo, demonstrando a importância do reconhecimento pelo grupo. Essa dinâmica, corrente nos grupos da Rede Bionatur, certamente é um elemento determinante do processo identitário, contribuindo indiretamente para autoestima dos agricultores, fortalecimento e coesão

ao grupo. Colabora para isto o poder atribuído à opinião dos grupos nas decisões sobre os rumos e perspectivas da Rede, conforme ressaltado nas entrevistas.

Para fins desse trabalho, acompanharam-se as reuniões de quatro grupos de agricultores da Rede Bionatur, localizados em diferentes municípios (Hulha Negra, Piratini, Canguçu e Herval) e com tempos de existência diferenciados. Observou-se que as dinâmicas de funcionamento, organização das reuniões e normas, relatadas anteriormente, se repetem entre os diferentes grupos, ocorrendo diferenças significativas, apenas, com relação à consolidação do grupo, o que poderia ser atribuído principalmente ao tempo de existência e funcionalidade do mesmo.

Ressalta-se a referência e papel que o grupo adquire e exerce em relação a agroecologia e a defesa das sementes, repercutindo nas comunidades e assentamentos do entorno e no próprio município, como se pode observar nos grupos de Piratini e Canguçu, ambos com tempo de existência superior há 10 anos. Esta referência é percebida como uma oportunidade para expansão das atividades do grupo e comercialização de outros produtos, inclusive associando à produção de sementes⁴³.

Hoje o grupo, as pessoas que formam o grupo são reconhecida no município já por produzir assim, então ele tem uma identidade, por exemplo o pessoal do município, ah eu queria comprar tal coisa limpa. Ah lá no assentamento da Cica, nos produtor que produzem lá acho que consigo, eles tem lá. E tanto no tu andá, nas lida que tu faz, as pessoas pedem, ah vocês tão produzindo isso, nós queria isso com o pessoal que produz agroecológico, então já criou essa identidade, né (agricultor, 47 anos, grupo Piratini).

E tu acha que a Bionatur contribuiu para essa identidade? Claro, a bionatur é o início do processo. A Bionatur é a mãe da construção do grupo. Ela que acabou dando visibilidade, porque não adianta tu produzir se tu não tem um mercado que te dá sustentabilidade, a Bionatur hoje é o esteio mestre do grupo. É aquele que dá tranquilidade de tu produzir, né. (agricultor, 47 anos, grupo Piratini).

O inicio a gente tinha o banco de sementes de milho da região, eu mesmo assim, já trouxe lá de fora, que eu sempre gostei, é uma semente mais macia assim. Tinha muita gente que tinha aqui semente de milho crioulo, aí na verdade a gente trocava e vendia entre os assentamentos, daí surgiu a idéia de formar um grupo da bionatur, mas as pessoas do início do grupo já eram as que tinham semente (agricultor, 49 anos, grupo Canguçu).

Em determinados momentos o grupo segurou o debate da agroecologia na região. Sim, se não fosse ela e os bons técnicos que ela teve até hoje, foi isso aí que segurou. Porque se não fosse a discussão com os técnico, hoje talvez não tinha ninguém plantando pra Bionatur, entendeu. Basta tá que a

⁴³ Através do aproveitamento de polpas de cucurbitáceas para elaboração de doces, extratos de tomate e conservas, e comercialização de verduras advindas de práticas de raleio, desponte de brócolis, e outros.

época que nós tinha técnico bom, a quantia de variedade de semente que nós tivemos. Nós chegemo de ter 450 variedade de semente, feijão nós tinha de tudo que era cor (agricultor, 51 anos, grupo Canguçu).

Igualmente, deve-se destacar que a expansão da Rede Bionatur para outros municípios e regiões, deu-se a partir da adesão à proposta, resultando usualmente na aproximação daqueles agricultores/famílias que já desenvolviam práticas de conservação e multiplicação de sementes próprias, e identificavam-se com a agroecologia, situação diferenciada em relação ao período de constituição da experiência. Exemplo verificado também no grupo recém-criado no município de Herval.

Concluindo as observações das reuniões, registram-se as percepções realizadas na reunião do grupo de Hulha Negra, composto pelos agricultores/famílias pioneiros da criação da Bionatur, um grupo existente há aproximadamente 17 anos. Destaca-se a informalidade da reunião a qual começou com causos e finalizou com um almoço de carreteiro preparado na brasa. Ali a convivência dá lugar à cumplicidade, e na hora da discussão, o planejamento da produção de sementes ocorre baseado, claramente, em um conhecimento acumulado ao longo da experiência, na experimentação e observação.

Considera-se em síntese, que para análise do processo identitário a dinâmica de convivência nos grupos demonstra a relação entre a identidade individual e coletiva, em um processo de reconhecimento e afirmação, cuja importância fala por si. Aqui a identidade individual se expande, adquirindo um sentido para além de si, que só pode ser realizar coletivamente.

5.3 Quem decide e quem representa: distribuição de poder e autodeterminação

Dentre as reflexões que usualmente constam em trabalhos de análise da dinâmica de funcionamento de grupos sociais, estão àquelas relacionadas à distribuição versus a concentração de poder e representação. Na abordagem estabelecida, para este trabalho, direcionada a análise do processo identitário da experiência, esta questão está remetida à percepção dos agricultores sobre como ela se insere na forma de estruturação da experiência – aspecto normativo, e como ocorre na dinâmica de funcionamento cotidiano – valores e práticas.

Desta forma, ao considerar a estrutura organizativa, observa-se que a lógica formalmente estabelecida para o debate consta do Grupo de Produtores seguido a Coordenação dos grupos (composta pelos coordenadores (as) de todos os grupos, periodicidade a cada 2 ou 3 meses) e após a Assembleia ou Encontro Nacional da Rede Bionatur (reúne todos os produtores vinculados a Rede, ocorrência a cada 3 anos). Logo, a direção administrativa da Rede Bionatur/ Conaterra, eleita durante a Assembleia, e responsável pela representação do dia a dia da cooperativa, conta com estes espaços coletivos para aprofundamento das discussões e decisões.

Visando refletir a cerca da percepção dos agricultores sobre o processo de tomada de decisão e representação da Rede Bionatur, foram elaboradas algumas questões inseridas ao roteiro de entrevista, tais como: “Você se sente tomando as decisões da Rede Bionatur? Como são tomadas as decisões? Qual a importância e papel da coordenação?” Seguem os relatos:

A coordenação dos produtor que eu acho a importância, ela coordena e discute dentro dos grupo e leva coisa que tiver certa e errada pra cooperativa. É a coordenação que toma as decisão (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Eu sim, tanto é que é difícil eu falhar uma reunião da coordenação (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

As definições geralmente vinha as propostas dos grupos, levava na coordenação e a coordenação depois aprovava, mas o poder maior era os grupo, que levava as coisas, isto sempre foi, os grupos existem desde o começo (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Eu acho que sim, só do dia a dia não, a sensação do dia a dia a gente não manda nada né, a gente não tem noção do que tá acontecendo. De rumo sim, todo mundo sabe né, a lógica é os coordenador que mostram o caminho né. Os coordenador que decidem o que vai ser (agricultor, 48 anos, Candiota).

E tu como produtor tu te sente tomando as decisões da Bionatur? Ah, eu sempre tô tomando, eu sempre atuei nas tomada de decisão né. Eu me sinto assim, eu tenho um compromisso com a bionatur, eu me sinto dono da bionatur como é a cooperaral, porque eu se eu for lá e tiver errado, eu vou dizer o que eu penso, e não vou esconder, é assim que eu faço (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Existe a coordenação para isso. Claro quem decide o geral, tudo é a assembléia, porque a assembléia é soberana, se ela aprovou. Mas as decisões tomadas e aprovadas não é a direção sozinha que faz, ela é junto com a coordenação (agricultor, 56 anos, Hulha Negra).

A distância sim, eu talvez não tenha o dia a dia, mas as decisões políticas e de longa distância, de expor minhas ideias, de defender e avançar no princípio né. Eu acho que a Bionatur hoje, nós se representamos em qualquer parte do mundo, dá pra dizer. E eu acho que nessas decisões eu me sinto defensor, e ajudo (agricultor, 47 anos, Piratini).

Conforme os depoimentos pode-se constatar a distribuição de poder nas questões que envolvem as tomadas de decisão, principalmente em momentos de distinção e decisão sobre os rumos e perspectivas da Rede Bionatur⁴⁴. Essa forma de organização é valorizada e cultivada, constituindo um elemento fundamental da singularidade da identidade da experiência, e que possibilita o aprofundamento e apropriação coletiva do debate.

Os grupos, a coordenação, os encontros é uma marca muito forte. Quando a Conaterra foi criada se tinha o debate mas e agora como é que vai funcionar, e o que predominou foi a essa estrutura antiga, é essa visão. Eu acho que sim, por exemplo nas reuniões e nos encontros aparecia muito o processo produtivo, preço, financiamento e tal. Mas no geral do debate era agroecologia que tava sendo debatida. A Conaterra é uma empresa que comercializa as sementes, mas daí tinha o banco de sementes e o encontro que se debatia agroecologia. Que eu imagino assim, o encontro de uma empresa produtora de sementes, ninguém vai discutir o processo produtivo, vão discutir o volume de produção, economia, comercialização, distribuição e tal. E nós não, nós reunia todos os produtores e simpatizantes da Bionatur para discutir agroecologia e sementes. A Conaterra era uma assembleia de 1h, 1 hora e meia, e ficavam três dias de encontro discutindo e analisando num contexto global, sendo que quase todos os encontros teve visita estrangeira (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Com relação à representação da Rede Bionatur, deve-se destacar a percepção dos agricultores, sobre o perfil de quem representa formalmente a experiência, ressaltando o valor atribuído, pelos agricultores, ao reconhecimento de si próprio na imagem do dirigente:

Hoje lá na Bionatur nós temos todo os dirigente que passou por esse processo de semente né, hoje todos que tão lá já passaram pelo plantio. É totalmente diferente, botou a mão na terra igual nós né, o pessoal que trabalham hoje lá né. Já sabe o que é isso, já tem experiência que não é bem assim pra produzir a semente, se não trabalha não produz (agricultor, 43 anos, Hulha Negra).

Mas é um avanço, se tu parar, há três, quatro anos atrás, um tempo não muito longe atrás, os dirigente do movimento eram só dirigente, hoje essa geração de dirigente que nós temos, 80% deles consegue ser dirigente do movimento e consegue produzir no lote. Claro, e isso serve como exemplo, o dirigente não pode ser um cara que faz o discurso e não tem prática. Então se tu tem prática o teu discurso tá embasado naquilo que tu faz. Porque que eu consigo defender agroecologia, porque eu faço agroecologia, eu to no processo de produção, então é por isso que tu consegue, por isso que esse grupo tá conseguindo andar pra frente, porque tem teoria e prática, né? (agricultor, 47 anos, Piratini).

Como tu descreves a responsabilidade em ser um dirigente da Rede Bionatur? Mas é muito grande, eu até não sei como dizer com palavra né. Mas eu digo assim, eu tava na coordenação mas longe né, quando eu senti que eu tinha que fazer parte da direção como representante dos agricultor,

⁴⁴ Verificou-se, em dois depoimentos, a reivindicação para maior frequência na realização das reuniões. Entretanto, estas são associadas pelos próprios agricultores, à importância do debate que é usualmente realizado nestes espaços.

daí que pesou mais né. Porque daí assim, pra mim não tá me trazendo benefício financeiro, se eu comparar os anos antes que eu só plantava na Bionatur e agora, eu não to ganhando financeiramente assim, que vale a pena. Mas como experiência, como pode daqui pra frente, a hora que finda o mandato, a gente pode lembrar que fez parte da direção e que pôde contribuir nalguma coisa é muito bom né, é uma experiência que é única, fazer parte da Bionatur, não é todo dia né (agricultor, 48 anos, Candiota).

Assim, ser reconhecido como representante da experiência é motivo de realização, autoestima, sentimento que se estende aos demais agricultores/famílias que integram a experiência, conforme percebido nas entrevistas a partir da seguinte questão: “Você se sente um representante da Bionatur?”:

Eu acredito que sim, eu tenho aquele orgulho né, claro que sim, traz responsabilidade, isso com tudo (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Sim, sempre me senti representante, trazia a responsabilidade de tu defender o projeto, eu sempre vou ser um defensor da ideia (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

De certo forma sim. Que responsabilidade traz pra ti? Sim, porque a gente sabe que a Bionatur é um coletivo né, tem o agricultor, tem o técnico, tem a cooperativa, a imagem da Bionatur né (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Eu me sinto, imagina, eu faço parte disso né, porque ele faz parte do meu mundo. Porque que tu acha que eu tenho ali aquela lavourinha de arroz sequeiro. [] Ah, trás, (a responsabilidade) de carregar o projeto político, e de repassar pras gerações futuras. Ontem eu ainda tava falando com a minha filha, e disse, minha filha a minha geração já fez, tá na de vocês agora. Nós formava as nossas ideia e temos as nossas ideia formada (agricultora, 49 anos, Candiota).

Ah me sinto, aonde eu for to representando. A nossa responsabilidade desde o início sempre que a gente vai fazer as coisas é muito grande, que a responsabilidade de ser um produtor orgânico, de trabalhar sem produtos químicos nenhum e viver em cima da terra da produção sem comprar semente, sem comprar adubo, desenvolver dentro da propriedade, isso que o pessoal vê quando nos visita, e o pessoal até diz que a gente ta se tornando referência como produtor orgânico, tanto no modo de trabalhar, no modo de organizar a propriedade, assim e tal, isso aumenta a responsabilidade. Porque o mundo inteiro tá indo pra esse rumo né, se liga a televisão, jamais tem um programa de ó tem que botar secante assim, isso não aparece mais né, é só quem tá nesse rumo de agroecologia e produtos orgânicos e tal (agricultor, 60 anos, Piratini).

A responsabilidade de levar adiante esse projeto né. É uma responsabilidade grande, porque a gente sabe que é um projeto que começou através de quase nada né, e é meio que sufocado pelas multinacionais, que se contam donas das sementes né. Então é um projeto de responsabilidade, tanto pro produtor, quanto pra quem dirige ela (agricultora, 48 anos, Canguçu).

Em síntese, ao considerar o processo identitário em relação à estrutura organizativa formal da Rede Bionatur/Conaterra, e aos valores e práticas sociais construídos e cultivados no cotidiano da experiência, é inegável a força e a

expressão adquirida pela experiência, alicerçada obviamente no que faz, mas imprescindivelmente em como faz. Essa forma de organização é zelada e cultivada nas relações cotidianas da Rede Bionatur. Embora não se tratem de elementos estáticos, imanentes à experiência, mas que se refundam constantemente. Para o processo identitário, fica evidente, que a lógica construída é um elemento fundamental à compreensão do que faz com que a experiência permaneça, para além dos desafios e adversidades, em um constante reinventar-se, à razão de seus próprios valores e pressupostos.

5.4 A produção dos sentidos: expansão da consciência

Considerando o processo identitário, buscou-se analisar qual a influência da evolução da experiência, na percepção dos agricultores a cerca da compreensão dos significados e sentidos que compõe a identidade. Uma aproximação ao movimento de expansão da consciência, e como ele se expressa. Esta reflexão não está baseada em uma questão específica inserida às entrevistas, mas na seleção de alguns trechos dos depoimentos, os quais falam por si:

Bah, mas se ajudou (participar da Bionatur), imagina mudou 100%, eu já tinha na cabeça, já sabia que veneno não prestava, não dava certo pra mim. Mas na outra maneira digamos de coordenar o lote, por exemplo, tu faz isso, faz aquilo, sempre a gente tá aprendendo, os técnico ajudando, e a cabeça da gente também vai, hoje eu digo assim, se fosse viver sem a Bionatur não sei como é que seria, é difícil (agricultor, 48 anos, Candiota).

Participar da bionatur deve ter mudado e bastante, porque se não fosse isso, hoje nós taria de repente até plantando transgênico, hoje, com certeza. Porque aí nós não tinha essa chance do conhecimento da natureza, porque hoje, até questão de fazer caldas tu aprendeu a fazer, tu conhece a natureza, tu sabe o valor que cada planta tem, por exemplo repelentes, toda planta que não é atacada por inseto é repelente para ela, tu já viu inseto atacar arruda, urtiga (agricultor, 56anos, Hulha Negra).

A cisterna veio em função disso né, foi um projeto do governo do Olívio, capta água da chuva, vai pra casa, ela mantém. Vai fazer um ano agora que tá instalado o cata vento e já vai gerar energia, a luz do sol é de graça. Pra minha casa vai sobrar energia o que não vai pra mim vai pra rede, só eu não vou consumir tudo. Isso tudo vem crescendo junto, a importância, uma coisa puxa a outra né, o manejo das lavoura, depois tem a cisterna, agora o cata vento (agricultor, 44 anos, Candiota).

Constata-se a partir dos depoimentos, a evolução da compreensão a cerca da agroecologia: da substituição de insumos, que caracterizou o período inicial, para o conhecimento do agroecossistema; da abordagem direcionada ao manejo da lavoura para a percepção ambiental, incluindo preocupações e ações relacionadas à

geração de energia, armazenamento de água, tratamento e aproveitamento de resíduos, e outros. Esta percepção concorda com a reflexão realizada por evidenciada por Gliessman, ao evidenciar que embora a abordagem ecológica comece focalizando componentes particulares de um sistema de cultivo e estratégias alternativas de manejo, ela estabelece, no processo, a base para muito mais, desde os elementos para avaliação das práticas desenvolvidas até o conhecimento ecológico da sustentabilidade dos agroecossistemas (GLIESSMAN, 2000).

Ao considerar o tema das sementes:

Sem dúvida, produzir semente, cada ano tu tem que ir aperfeiçoando e evoluindo. Se parar para pensar cinco anos atrás no que eu fazia, hoje eu to numa evolução bem acima, tu consegue conhecer até o comportamento da planta, e vai melhorando a cada ano. Acho que a evolução do conhecimento sobre a produção de sementes (agricultor, 47 anos, Piratini).

A semente pra mim eu me lembro muito, desde que nós tinha aquele pedacinho de terra, que eu comecei, eu não sei se tu olhou aqui em volta, tu pode olhar. Porque nós temos milho lourando e temo feijão lourando. Porque nós sempre guardemo a nossa própria semente. Eu sempre digo que só a terra não diz nada. Tu só é liberto quando tu tem terra e semente. Tu só é dono de ti, quando tu tiver terra e semente. Porque a semente nem que tu carpi um pedacinho de terra de enxada, tu vai lá e faz ela germinar. Agora se tu não tem não adianta tu ter um trator. Uma coisa que a gente tinha sonho há anos de fazer, era produzir o arroz de sequeiro. Se eu não tiver dinheiro pra comprar arroz, eu soco arroz no pilão e tenho pra comer. O feijão que eu plantei pra mim comer vai dar, a rama de mandioca, a batata doce. A semente pra mim é uma coisa que eu não sei te traduzir, é assim, como um filho que gera, eu não sei (agricultora, 49 anos, Candiota).

A Bionatur contribuiu pra mudar a visão que vocês tinham sobre a semente? Contribui, pra mim ela contribui. Porque o que eu vejo, além de ela ser um patrimônio da humanidade, ela contribui financeiramente, e contribui na história da gente. Se todos os assentados, que tem uma visão política diferente, se conscientizassem da importância de produzir ecológico, de não botar nada veneno, de não usar nada químico que prejudiquem a natureza, se nós conseguisse fazer essa diferença pra sociedade. Era um passo dado nas coisa, né? (agricultora, 48 anos, Canguçu).

Novamente aqui, os elementos basilares da experiência são (re)afirmados, e (re)significados, sendo que no caso das sementes, é perceptível no decorrer da análise do processo identitário, a reconfiguração e importância que este elemento adquire na percepção dos agricultores, uma alteração substancial e qualitativa, em relação ao início da experiência.

Em face desta constatação e a própria evolução da experiência, buscou-se demonstrar a percepção dos agricultores sobre como a identidade da Rede Bionatur se expressa. Para isso partiu-se das seguintes questões: 'Tu achas que a Bionatur

tem uma identidade própria, como tu descreves?’, e ‘Qual a imagem que tu associa a essa identidade?’. Com a palavra, os agricultores:

Mas a fortaleza mesmo assim da Bionatur é por produzir a semente orgânica, olha que em toda a parte que a gente vai se disser que tá produzindo pra Bionatur, todo mundo sabe, conhece a Bionatur, é a semente orgânica, a confiança da semente orgânica (agricultor, 60 anos, Piratini).

Acho que a importância dos grupo, dos agricultor é manter a produção, é levar o projeto da Bionatur adiante, qual é o projeto da Bionatur, o projeto da Bionatur é produzir semente (agricultora, 49 anos, Candiota).

Deve de ser de quem comercializa sementes orgânicas (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Eu acho que é a marca da Bionatur, é o histórico. O diferencial eu na minha avaliação tá na audácia de produzir semente da forma que a Bionatur se constituiu, querer entrar nesse mercado, pra mim tá nisso. Eu acho que ela é reconhecida por isso, na minha avaliação. Essas coisas são bem marcantes assim. Porque se tu olhar para cadeia produtiva de hortaliças, não é uma coisa normal isso acontecer, nem nos dias de hoje, muito menos há 18 anos. Então acho que isso foi um marco assim, que todo mundo reconhece na minha avaliação. Quando olha pra história da Bionatur, reconhece isso. A ousadia (agricultor, 34 anos, Candiota).

Eu acho que é fundamental, o projeto da Bionatur não é um projeto comum, não é uma empresa social, ela tem um diferencial que é o contexto da agroecologia, das sementes não é um processo produtivo simples né. E essa discussão se manteve, é meio que um modo de vida, então nós tamo estruturando um modo de vida que é se preocupar com a vida, com o meio ambiente, com água, com o lixo, com a produção e também com a economia, mas sempre se manteve isso, é essa discussão, é um projeto que a gente tá construindo (agricultor, 49 anos, Hulha Negra).

Eu não tinha essa idéia. Pensei de fazer, que na época nós fazia tal de cooperativa, grupos e cooperativa, então pensei: Bueno nós começemos com um grupinho, eu para mim era um grupo, a mesma coisa que nós tivesse fazendo um grupo para trabalhar junto, então tá vamo fazer um grupo de produção de sementes. Há uns sete, oito anos para cá, que nós começemo ver, que não era mais aquilo que a gente pensava, não era mais uma coisinha, e se tu olhar aonde tá indo a nossa semente, uma coisa que jamais eu pensei que ia chegar neste momento tão grande, né, e cada vez eu penso que cresça, que vá crescendo!(agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Conforme os depoimentos pode-se observar que os agricultores percebem a referência que a Rede Bionatur adquiriu externamente, (re) afirmando como papel principal a produção de sementes em sistemas agroecológicos/orgânicos.

Em síntese, este capítulo buscou identificar os elementos marcadores do processo identitário referente às normas, valores e dinâmicas de convivência, analisando como eles se relacionam nas dimensões individual e coletiva. O percurso da análise pode ser visualizado na Fig. 6. De modo geral, estudos direcionados a identidade social direcionam-se predominantemente a este momento da análise,

onde a identidade revela-se superficialmente na forma mais evidente. Porém, a opção metodológica estabelecida – análise do processo identitário, expõe o caráter relacional e dinâmico em que a identidade deve ser considerada, um constante (re)significar-se, à razão da própria existência.

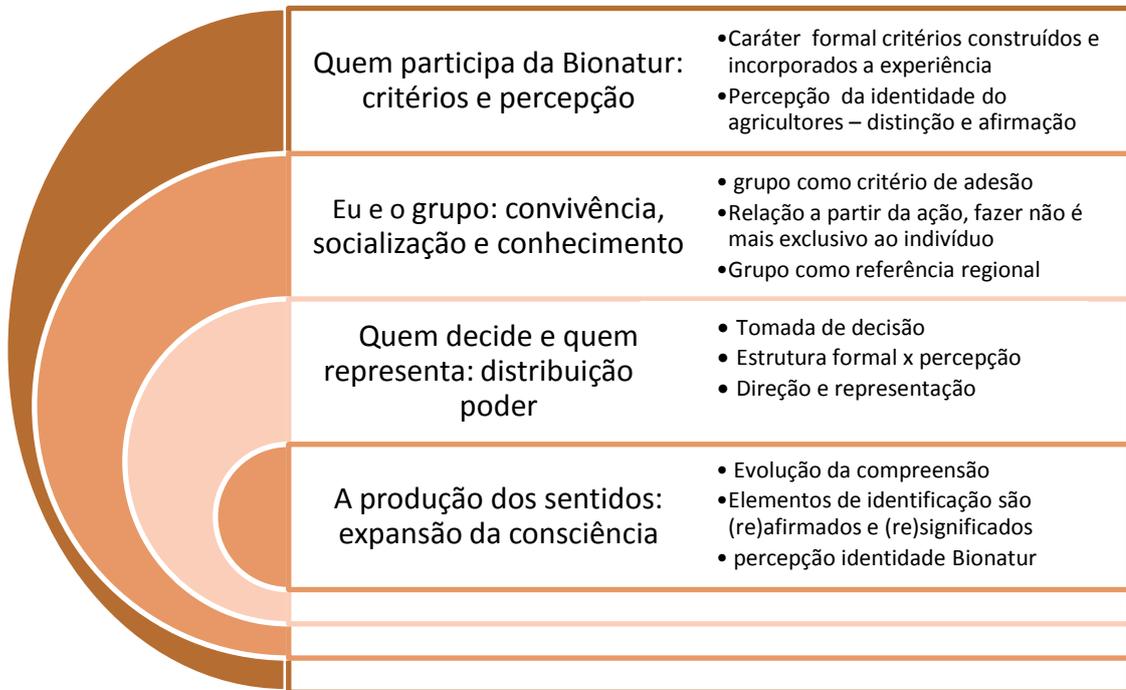


Figura 6 – Ilustração gráfica dos elementos identitários (normas, valores e dinâmicas de convivência) analisados nas dimensões individual e coletiva.

Fonte: elaboração da autora, 2015.

Para fins de contemplar análise proposta, cabe considerar, ainda, o componente da práxis cotidiana, o fazer do agricultor que participa da Rede Bionatur relacionado à agroecologia e a produção de sementes, e qual a relação deste elemento para compreensão do processo identitário da experiência.

6. SISTEMAS DE PRODUÇÃO ECOLÓGICOS: A IDENTIDADE NO FAZER COTIDIANO

Desde o período da constituição da Bionatur, o fazer cotidiano da produção de sementes em sistemas agroecológicos constituiu-se em desafio permanente. Na ausência de referenciais teóricos a experimentação deu lugar à ousadia, conforme apontado anteriormente. Entretanto, antes de parecer um fazer aleatório, espontâneo, a simples convivência desmistifica essa imagem pré-estabelecida, evidenciando que a experimentação está associada a uma lógica de conceber o sistema de produção, qual seja, a racionalidade do agricultor. Um fazer que se alimenta na práxis, e se expande a partir dela.

Compreender esta racionalidade em seu contexto evolutivo, buscando identificar a eventual singularidade que as práticas sociais e os sistemas de produção adquirem relacionados à construção da identidade da experiência. Eis o objetivo deste capítulo.

Deve-se ressaltar, ao considerar os sistemas de produção, que o acompanhamento técnico, certamente, é um elemento fundamental que integra a Rede Bionatur em toda a trajetória evolutiva. O papel que a assistência técnica cumpre e o perfil que assume são percebidos pelo engajamento dos técnicos, e reciprocamente pela confiança dos agricultores. Porém, para este trabalho, delimitou-se como perspectiva estabelecida, a análise do processo identitário, em relação à percepção dos agricultores. Segue a análise.

6.1 Heranças da lógica: sistemas de pousio e rodízio

O sistema de produção desenvolvido pelos agricultores no período que corresponde aos primeiros anos de constituição da produção de sementes

ecológicas, estava baseado na abertura de áreas novas para plantio, através do corte da vegetação nativa, cujas espécies que predominavam nas áreas dos assentamentos da região correspondem a chirca (*Eupatorium Pinnatifidum*) e vassoura (*Baccharis dracunculifolia* DC). Esta vegetação dominante está relacionada ao sistema de manejo associado à criação de gado extensiva, corrente na região, no período anterior a chegada dos assentamentos.

Assim, a lógica consistia na abertura e cultivo da área por um ou dois anos, utilizando-se basicamente tração animal, aproveitamento intensivo da mão-de-obra disponível nas práticas agrícolas, e reduzida utilização de insumos assentando-se na fertilidade natural do solo. Após este período de cultivo adotava-se a prática de pousio, deixando a área em descanso para recuperação da fertilidade, o que resultava em um sistema de rodízio de áreas de cultivo na propriedade. Conforme os agricultores:

Os primeiros anos da Bionatur a produção era muito boa. As terra era fortíssima na época, eram campo nativo com chirca, eram anos que não mexiam mais, as terra minha eram virada num vassoral altíssimo, nós tinha o trator da cooperativa para abrir o primeiro ano, mas depois para sulca, para puxar a terra, limpa, era tudo de enxada e boi mesmo (agricultor, 50 anos, Hulha Negra)

Fazia rotação de cultura, adubação verde com nabo, eu tinha feito uma adubação verde que o nabo veio de uma altura e eu passei o rolo faca e plantei o quiabo, deu quiabo que fazia duas pessoa de altura, tinha que cortar as pontas para poder colher (agricultor, 50 anos, Hulha Negra)

É que era assim, antes a gente tinha bastante sobra de terra eu digo, a gente mexia um pedaço de terra aqui esse ano, plantava um ano, dois, aí descansava aquele, passava pra outro, e aí daí um ano dois plantava ali, passava pra outro, e foi fazendo a volta em roda, até chegar, aonde começou, hoje ainda tenho terra ainda que não foi virada depois que cheguei aqui, já desde 2000. Tenho ainda uns 2, 3 há que eu não mexi ainda, só rocei (agricultor, 48 anos, Candiota).

Na verdade o que acontece, a terra aqui se tu bate todos ano ela, tu começa virá, só virá, virá, tu termina com a terra. Eu até hoje, eu planto quatro anos, eu viro uma terra aqui, primeiro ano eu planto, segundo ano já eu deixo em pastagem, meto uma pastagem e vou deixando, e só vou vira ela daqui quatro anos de volta, aquele pedaço eu não viro, eu sempre fiz isso ou deixo o pedaço vira em chirca, como tinha lá vassoral (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Eram áreas pequenas, tu ajeitava pra virar meio há de terra com trator e aquela área ali tu transformava em 5, 6 areazinhas com variedades cruzando dentro do regulamento de não dar cruzamento uma da outra (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

Nós sempre tentemo não bota as mesmas cultura repetindo no outro ano. Maioria das vezes fizemo pousio. Que nem agora nós tiremo a cebola, tá lá, capoeirão dessa altura assim, tudo nativo (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Com relação à utilização de insumos, desde o início adotou-se a prática da elaboração de produtos ecológicos de forma artesanal, como caldas, biofertilizantes, repelentes caseiros, e outros, em sistemas de mutirão entre os agricultores. Contudo, ainda nos primeiros anos recorreu-se a disponibilização de insumos externos às propriedades, como esterco de peru e de aviário.

O preparo da terra era com boi, cavalo, aradora para primeiro corte, depois era tudo manual. Esterco de casa e depois veio dos aviários os esterco de peru, que mataram as abóboras. Se usava o cobre na cebola, isso sempre se usou. Usava sulfocálcia, com enxofre, fazia os mutirão, cozinhava e depois distribuía. Banhava com biofertilizante (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

As primeiras áreas nós manejamos a boi e enxada. Botava esterco de galinha, esterco de vaca, e esterco de peru que vinha bastante de fora, e as caldas nós fazia em casa, fazia por exemplo assim, hoje fazia um dia de campo aqui em casa, então nós fazia uma quantia nos tacho grande e repartia, fazia a partilha já né, pra onze doze, dava até mais porque vinha bastante técnico, esse mês aqui em casa, mês que vem na casa de um outro (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

No começo, isso sempre teve, desde o começo uma época lá veio o tal de esterco de peru, daí o que que nós fazia, tudo vai mudando né, na época nós fazia aí eu fazia tudo as terra com boi, aonde cabia um boi ia os dois, aí essas plantinha de verão, nós fazia as verga, daí botava um punhado ou dois, um pouco de terra e a semente em cima, teve vez que deu bom resultado, quando foi botado logo que choveu. Agora aonde deu só uma umidadezinha e aquilo fermentou daí deu problema (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

A recorrência à utilização de insumos externos, ainda que ecológicos/orgânicos, remete à racionalidade associada ao sistema de produção de sementes convencional, neste caso correspondente ao período de integração às empresas, o que levaria a denominação posterior, aceita usualmente, como substituição de insumos – convencional para ecológico/orgânico. Embora esta não pareça ser a lógica sob a qual se assentava a Bionatur, já que essa utilização dava-se em baixa escala, justificada pela baixa disponibilidade de resíduos animais existentes nas propriedades naquele período.

Contribuía para este sistema de pousio e rodízio, que caracterizou o período inicial da Bionatur, a baixa pressão de uso da terra, devido às atividades existentes no lote que correspondiam basicamente à produção para consumo interno na propriedade, conforme relatado no capítulo referente ao período da chegada dos assentamentos.

No começo abria poucos pedaços, fazia rodízio, plantava dois três anos na mesma área, mas sempre culturas diferentes, aí depois quando via que a enxada não conseguia mais, abandonava aquilo prá vaca e abria outro

pedaço. Hoje tá tudo usado, naquela época tinha meia dúzia de criação (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Nessa perspectiva, na medida em que a experiência foi se consolidando, a importância da atividade da produção de sementes na composição da renda das famílias, pode ser percebida nos depoimentos:

Eu acho que nós era quase que a renda total que a gente tinha, nós não tinha leite. Eu me lembro que as vezes eu fico dizendo como é que a gente vivia. Na verdade a gente comprava aquilo que precisava, que não tinha aqui, e não tinha energia, não tinha telefone, não tinha gasto, né? (agricultora, 49 anos, Candiota).

Aí no inverno a gente começou a plantar cenoura, a gente foi aprendendo aos poucos né, tudo era diferente. Daí eu plantei 1 há e meio de cebola e tirei 350 kg de semente. Daí aquele ano no verão a gente tirou 150 kg de pepino caipira e 80 kg de semente de melancia crinsown. Nós usava esterco que nós juntava dos vizinho, e também usava fosfato natural na cova, isso no verão. E na cebola não adubamo nada, só na terra, e limpava de enxada. Nós chegamo a comprar junta de boi, compramo TV nova, tudo pra dentro de casa, pagando a vista, primeiro telefone, a primeira mesa com seis cadeiras (agricultora, 49 anos, Candiota).

Aí começemo a produzir semente, ervilha, mugango, moranga, essas coisa, aí veio uma cebola, acho que no terceiro ano que nós plantava pra bionatur, veio cebola e eu nem conhecia cebola e nem cenoura, conhecia pra comer, mas não pra produzir semente né. Aí peguei e plantei, no primeiro ano já colhi 320 kg de semente de cebola. Daí valia bem. Nessa época a bionatur representava 70% ou mais da nossa renda. [] Só pra tu ter ideia, que lá fora a gente não conseguia, eu levei sete ano pra comprar uma bicicleta pro piá. E no primeiro ano que eu plantei cebola, deu até pra entender assim ó, imagina 320 kg de cebola a R\$ 30,00 aí já daria pra comprar um carro, fora o repolho e a ervilha e as outras coisa que nós fizemo aquele ano. Só que a gente também investiu em um monte de coisa. E os vizinho aqui na volta quem plantava com a Bionatur conseguiu se estabilizar um pouco, e o resto parou, ficaram ali assim, até admirando como é que nós tava crescendo, e aí as pessoa não cresciam, não conseguiam né. Porque era só o leite, e aí só o leite não tinha muito investimento pra compra vaca né, nunca teve (agricultor, 48 anos, Candiota).

Constata-se assim, que os sistemas de produção e manejo do lote, desenvolvidos pelos assentados, nos primeiros anos da Bionatur, apresentavam sua constituição baseada na produção direcionada ao consumo familiar e na produção de sementes como um dos principais elementos de geração de renda para as famílias, sendo em alguns casos a principal. Contudo há que se destacar, conforme analisado anteriormente, que no que tange á Bionatur, a produção de sementes concentrava-se em poucas espécies, justamente aquelas de maior valor agregado para o agricultor, o que por outro lado, apresentava-se como um limitante ao processo de consolidação e expansão da experiência.

Com o decorrer dos anos, esse sistema de condução do lote foi alterando-se gradativamente, e embora essa evolução seja diversa ao considerar os diferentes

agricultores, ambientes e outros fatores envolvidos, observou-se certa linearidade no processo evolutivo. Conforme as entrevistas, o que parece ser determinante para esta transição, deve-se a entrada dos animais nesse sistema, a saber, o espaço das vacas.

6.2 Pressão de uso da terra: o espaço das vacas

O desenvolvimento dos assentamentos e a expansão das atividades produtivas promoveram alterações nos sistemas de produção, até então, predominantes. Conforme demonstrado anteriormente, no período da implantação dos assentamentos na região, o debate havia identificado dentre as atividades produtivas potenciais: a produção de sementes e a bovinocultura leiteira, entre outros. Logo, simultaneamente ao esforço realizado para consolidação da experiência de produção de sementes, estruturou-se, através da organização dos assentados, a cadeia produtiva do leite, em muitos aspectos similares à própria experiência aqui descrita.

Dessa forma, seja através de recursos de crédito direcionados, seja com investimentos próprios dos agricultores, a entrada das vacas nas propriedades e a relevância que adquirem no sistema produtivo, e na renda, causaram impactos à lógica mencionada. A intensificação na pressão de uso da terra desestabilizou o sistema de pousio e rodízio, não escapando a percepção dos agricultores:

Não é que eu parei com os pousio, é que agora diminuiu as áreas boas, melhor né, e as outras, as vacas, aumentou as áreas pras vaca, que as vaca exigem muito né, então aí a gente não tem área (agricultor, 48 anos, Candiota).

Eu acho que tá quase meio dividido, só que não tem mais nenhum pedacinho do lote que não foi mexido, tá todo mexido, não tem reserva (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

Só que hoje tá tudo em campo, só tem as parte que tá virada pra planta milho e o resto é tudo pastagem, então se tu tocá de vira, tu vai ter que virar o pasto, então aonde que tu começa a ter uma dificuldade, de dizer bueno, aqui agora, vou ter que semear um pasto para cá, e vou ter virar um pedaço de pasto lá pra fazer um plantio para ficar mais adubado, porque lá o bicho esterca e fica e tal, e daí tu consegue não deixar terminar a terra. Hoje tenho mais área de pasto que tá mais baixo, e ficou menos terra, agora o lote tá dividido (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Em um primeiro momento, o aumento na disponibilidade de resíduo animal foi percebido como potencial a ser aproveitado para elaboração de compostos,

direcionados as áreas de produção de sementes, possibilitando a superação da aquisição de insumos externos principalmente esterco de peru.

Antigamente, juntava mais que trinta carroçada de esterco, um montão que a gente não enchergava por cima, lá no proteiro, era só aquilo lá pra bota na planta e botava tudo. Naquela época botava de carroçada. Nos primeiros anos que não tinha quase criação, que era comprado, era pouco, aí depois botava a vontade. Hoje teria muito mais, mas falta tempo para fazer a coleta. Falta tempo e força (agricultora, 51 anos, Hulha Negra).

Em sentido inverso, destaca-se que o conhecimento sobre manejo agroecológico desenvolvido a partir da produção de sementes, foi estendido, em partes, ao manejo dos animais:

Bem no começo não usava biofertilizante, depois as regras eram fazer, minhocário, no começo não sabia nada, se entrasse uma praga tu não sabia. Quando é que na minha vida eu pensei que erva de santa Maria, tu não precisava banhar gado com outra coisa. Mas eu te digo, nunca banhava minhas vaca com outro remédio era só com erva de santa Maria, nós tinha 14 cabeça de vaca que tirava leite (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

E outra coisa que eu digo, durante 6, 7, 8 anos pra cá, dentro do meu manejo da minha propriedade com gado e a minha plantação de sementes, eu não tenho problema de doenças com gado, não tenho problema de carrapato, não tenho problema de nada, faz anos (agricultor, 51 anos, Hulha Negra).

Porém, os desafios relacionados à reorganização do sistema produtivo tornar-se-iam visíveis ao longo do tempo, expondo os limites na manutenção da qualidade do solo, advindos das dificuldades em manter o tempo de pousio, e frente à pressão de uso da terra. Na percepção dos agricultores, aparecem os indicadores:

Perdeu fertilidade. O solo não tem mais aquele tempo de descanso, assim, descansava uns três, cinco anos, virava aquele chircal de novo. Nos primeiros anos nós botava esterco como botava antigamente o adubo no milho, botava onde o milho tá mais baixo um grãozinho aqui lá dois, outro lá, uma carroçada de esterco esse de peru fazia meio há, hoje tu leva vinte carroça de esterco num há e não dá a mesma planta como dava aquela carroçada (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Que acontece, tu tira o produto e larga a vaca, ela tira toda a sobra que podia incorporar como matéria orgânica, a vaca come né. Além de comer, soca, vai tar mais dura pra mim preparar o próximo plantio. Então esse é um prejuízo, naquela área que eu podia preparar sem custo, ou com o meu custo diário, eu não consigo e tenho o custo de botar um trator ali. Então como eu tenho a cultura de manter a produção com tração animal, tenho junta de boi, tem arado. Então aonde eu fazia com os boi, porque eu usei as vaca de leite, eu não consigo fazer. Isso eu quero retomar de novo (agricultor, 47 anos, Piratini).

Hoje, nós não temos mais mão de obra, as forças já diminuíram, e a questão da terra não são mais as mesmas como eram, aí entra as questões das vacas, vão demolindo a terá, naquela época tu abria uma há ou 2 e colhia o milho para o gasto, hoje não dá mais, não tem mais chirca pra isso, aí tu virava um chircal ele é limpo dá pouco trabalho, hoje é tudo inçado de ponta a ponta né, é graminha, capim anoni, milha, coriola, essa dificuldade

não é fácil o manejo já nos últimos, isso não é de um ano para cá, já faz anos que tá muito difícil (agricultor 53 anos, Hulha Negra).

Esses são os principais problemas que nós temo na produção hoje, fertilidade, falta de mão de obra, e as vaca que precisam ocupar mais espaço, e eu to disputando, o espaço que antes era só da lavoura, eu to disputando com as vaca, porque dá um pastinho lá na lavoura, e aquilo sobrava antes, e a gente até fala em deixar uma área de descanso em pousio. Mas eu não tenho mais condição de fazer isso, porque se eu deixar uma área verde lá de pastagem, que era pra plantar no verão, fazer agora no inverno para plantar no verão, as vaca vão morrer de fome. Eu acho que é falta de fertilidade no solo, porque antes dava e agora não dá mais né, o pasto vem muito mingado (agricultor, 48 anos, Candiota).

Conforme aponta a agricultora, com o passar do tempo, a limitação na disponibilidade de mão de obra, tem apresentado-se como um fator de restrição ao considerar as famílias integrantes da Rede Bionatur, ratificando tendência geral de envelhecimento no meio rural. Dados levantados, no corrente ano, por estudo realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina⁴⁵ indicam ao caracterizar a tipologia das famílias que compõe a Rede Bionatur que a moda é composta por famílias pequenas (3 a 4 pessoas), que têm a agricultura como principal ocupação. Quanto ao responsável pelo lote prevalecem os homens, de baixa escolaridade e perfil etário mais velho (prevalecem idade 41-60 anos), sendo que os filhos, em idade escolar, quase não contribuem nas atividades do lote.

Em que pese às dificuldades relacionadas ao manejo, os próprios agricultores reconhecem a importância da produção de leite como garantia de renda mensal e o incremento advindo deste ingresso na composição total da renda das famílias. Atualmente os sistemas de produção desenvolvidos pelas famílias participantes da Rede Bionatur, caracterizam-se basicamente pelas atividades de produção de leite, sementes e produção para consumo familiar. Sendo que a renda das sementes apresenta-se geralmente complementar a renda do leite, em uma variação relativa que difere entre as famílias. Esta é uma alteração significativa em relação ao sistema anterior. Conforme os depoimentos:

Hoje é leite, sementes e subsistência, milho muito pouco, feijão, mandioca. (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

A tua renda principal é? Hoje é leite. Hoje a Bionatur, o que eu produzo de semente vai todo pra Bionatur, tanto de feijão, milho, barão, então todo o cultivo que eu faço se for pra mercado, é semente que vai pra Bionatur. Acho que deve chegar a uns 30% da renda (agricultor, 47 anos, Piratini).

⁴⁵ Este estudo, desenvolvido por convênio entre INCRA, UFSC e LECERA, encontra-se em fase de publicação, conforme relatório final do projeto: Análise de Mercado, Produção, Beneficiamento e Comercialização de Alimentos Agroecológicos para o Mercado Institucional da Região Sul do Brasil, RS-SC-PR. (INCRA, UFSC, LECERA).

O forte era leite que era todo mês, e em segundo plano a semente. Tem épocas que eu da Bionatur por ano tirava 4 a 5 mil, tem anos que eu tirei 10 mil, mas bota uma média né, porque os anos do auge que a gente produziu foi uma produção de cebola e cenoura que eu cheguei a tirar acima das outras empresas, não dava doença não dava nada, cenoura a gente colhia era tudo a braço, mas a produção um absurdo (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Aí eu disse, ó esse ano passado eu fiz 25 mil de leite, fiz 12 mil de semente, e não lutei com veneno e todo o fim de semana tava tomando a minha cerveja (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

A gente fez essa conta até pra apresentar num encontro em Sta Maria, eu ainda tenho as fichas, representou 38% da renda nossa do ano 2013. O leite 18% e o restante é o mel (agricultor, 60 anos, Piratini).

Ela não deixou de representar essa quantia de renda tu entendeu. Só que o nosso padrão de vida evoluiu muito. A qualidade de vida melhorou muito. Ela continua sendo uma renda, mas hoje nós temos outras despesa. Naquela época nós não tinha energia, hoje nós pagamo 150 reais por mês, plano de dois telefone, nós pagamos o PRONAF em dia (agricultora, 49 anos, Candiota).

O que remete a reflexão:

Não vejo outro jeito se tu pensar assim, o leite não vem como um atrapalho na propriedade pro agricultor eu não vejo que atrapalha a Bionatur, eu vejo que ele tá mal aproveitado, porque assim o leite ele ajuda na renda, porque a Bionatur não tem a pretensão de só querer que nós plante pra Bionatur né. Não é isso, nós tem que ter variadas meio de ganhar nossos pila aí né, se manter na terra, né. Então eu vejo que o leite tem que enxergar ele como uma ajuda pras lavoura, porque assim, sem uma vaca a gente não tem o esterco necessário, a urina e as coisa pra jogar nas lavoura (agricultor, 48 anos, Candiota).

É assim que o sistema se reinventa, obviamente os desafios não estão superados, mas em meio às contradições, surgem as possibilidades, perspectivas, pra quem já demonstrou que ousa experimentar:

Então nós tinha que levar de volta o adubo pras lavoura, eu quero chegar lá de arrumar um galpão bom com piso pra ordenha e fazer uma esterqueira e levar esse adubo em líquido pra lavoura, pra jogar tanto nas lavoura, como nas pastagem (agricultor, 48 anos, Candiota).

Como é que tu maneja as área da bionatur pra manter fertilidade? Eu hoje tô nas minhas áreas, eu área com cobertura eu não tenho feito, eu tenho feito mais manejo com trocas de área, deixar descansar, dois, três anos e eu vira ela e daí dá uma sequencia de dois três anos de planta em cima dela, e depois ir pra área de pastagem, outra coisa, e não plantar ela, então é o que eu tenho feito. E apartir dos últimos três anos pra cá eu tenho botado muito insumo pra dentro das área. Eu to botando adubo orgânico, to botando fosfato, o ano retrasado eu botei um pouco de calcário, o ano passado botei alguma coisa de calcário e esse ano botei mais. Ontem mesmo eu tava mostrando pro Nei, olhando nas plantas, e na produção tu consegue ter o retorno (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Então hoje numa área que tu levava o pousio, tu por um trevo e um cornichão pra lá, tu utiliza meia boca o gado e meia não, prá depois tu voltar

pra lá. E aí não esquecendo de ficar recuperando aquele terreno, porque não adianta tu dizer não eu vou botar uma plantação de trevo lá, e daí eu boto o gado e depois eu viro aquela terra, ficou três anos depois eu planto e dá na mesma. Só que se tu não botou nada, tu só tirou também, então tu tem que ir recuperando aquela pastagem, porque se tu for virar ela ainda tá sobrando coisa nela (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

Eu consigo ver o retorno já. É um grande investimento que foi feito, se avaliá pra cada agricultor foi pouquinho ainda, mas já melhorou, já fez diferença, porque antes tu não tinha uma máquina pra passar biofertilizante, quando tinha, tinha que arrumar emprestado, hoje tu já tem, tem até pulverizador grande de 7m, nós temo vários aí né. Nós temo trator, a Bionatur tem três trator pra tocar as lavouras né. Porque antes não tinha isso aí né (agricultor, 48 anos, Candiota).

Neste rearranjo, (re)aparece a utilização de insumos externos, além de investimentos em mecanização, visando a otimização da utilização da mão de obra e áreas disponíveis. Elementos associados à percepção de que a lógica subjacente ao sistema de produção anterior tornou-se evidentemente obsoleta. No redesenho do sistema produtivo, a própria Rede Bionatur representada pela Conaterra, tem atuado na intermediação de investimentos para produção.

Porém, a pressão de uso da terra, tendência inerente ao desenvolvimento e expansão do capitalismo na agricultura, atuaria ainda em outra perspectiva, alterando, novamente e substancialmente o sistema de produção em curso, uma pressão de fora pra dentro, representada, nos dias de hoje, pelo agronegócio.

6.3 Sistemas de produção ecológicos: distinção e permanência

As alterações decorrentes da expansão do agronegócio, as quais se intensificaram na região sul do estado nos últimos anos, podem ser evidenciadas, à primeira vista, na mudança da paisagem, associada ao crescimento da área ocupada pelo cultivo de soja, que se tornou referência do modelo de produção assentado na larga utilização de agrotóxicos, fertilizantes químicos e intensiva mecanização. Certamente os impactos advindos desse processo remeteriam a reflexão em diversas dimensões, no entanto, aqui consideramos esse contexto na medida em que atua influenciando no desenvolvimento da experiência em análise.

Nesta perspectiva, deve-se considerar que a pressão de uso da terra exercida pelo agronegócio não reconhece fronteiras, nem limites, conforme demonstrado na percepção dos agricultores:

Tá fechando de soja na volta quase, a não ser os que tão na Bionatur ainda, e o Aloísio que não planta soja, o restante, o valdemar arrendou, o vizinho

aqui que plantava a cavalo agora já arrendou para soja, e tá fechando o cerco (agricultor, 53 anos, Hulha Negra).

O que mais me preocupa, é esse negócio dos veneno né, ainda eu avalio que o nosso lote ele tem as reservazinha de quebra vento e barreira, aqui por exemplo ali tem a estrada, já não tem planta na beirada, aqui tem a cerca e as árvore de fora a fora, eu mostrei uma vez pro meu comrade que é o vizinho ali, uma vez quando ele passou dessecando, olha quantos metro para lá queimou, olha para tu vê como é que pra lá as planta tão verde e ali tá seco (agricultor, 45 anos, Hulha Negra).

A preocupação é o veneno que tá entrando dentro da minha casa. Eu vou te dizer isso, esses dias atrás veio um pessoal visitá aqui, elas vieram aqui, e ela me disse, mas como é que tu vai deixar um homem planta soja na frente da tua casa assim. E eu digo, e eu tenho o que fazer? Se tu olhar eu gostaria né, até pedi pra ele assim ó, pro dono da terra e pro cara que veio ali plantar, para ele pegar e passar veneno quando o vento tivesse daqui para lá. A Bionatur tá tentando fazer que se ele prejudicar, eu possa cobrar na justiça, eu tenho a certificação orgânica (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

E hoje tá se acirrando, vive na Bionatur aquele teimoso, imagina eu aqui cercado 100%. No começo não tinha essa disputa. Hoje tá difícil até de ir rezar, tu vai lá com aquele que te mata as tuas galinha, aqui na frente fizeram uma lavoura, plantaram de noite, no outro dia a Elza saiu pro médico e eu fui trabalhar por aí, quando volto, todas as galinha morta, e agora cada vez mais agravando, eu to com 15 caixa de abelha nova ali, enquanto que eu perdi 17 enxame. A agroecologia nos traz vida, com a própria natureza trazer rendimento econômico também, no caso o mel, e tão destruindo, eu perdi 17 enxame por causa do veneno. Então isso tem mostrado que a gente pode sim, tem o dever humano de produzir sadio, limpo, pra mesa de outro e pra nossa mesa, produto sadio. Então isso não adianta tu perguntar pra mim, que esse vai ser sempre o meu discurso, é o teu também, e não é discurso, é o que a gente é, e eu não vou recuar (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

Em face deste cenário, a ameaça à contaminação das sementes e ao manejo agroecológico desenvolvido pelos agricultores participantes da Rede Bionatur, constitui-se em motivo de preocupação constante, razão pela qual a certificação orgânica é percebida, atualmente, pela experiência, como instrumento de proteção aos sistemas de produção desenvolvidos. Além disso, os impactos à saúde das pessoas, solo e ambiente, incluem-se na percepção dos agricultores, atestando à dimensão em que deve ser considerado o processo identitário analisado. A experiência aqui assume um caráter de resistência, expressando significações relacionadas à identidade.

De outra parte, sob os mesmos preceitos constituintes dos sistemas de produção preconizados pelo agronegócio, devem-se considerar as alterações nos sistemas de produção de sementes de hortaliças convencionais desenvolvidos pelas empresas atuantes na região. A evolução dos respectivos sistemas de produção é percebida pelos agricultores, ao identificarem características como (i) a diminuição

do número de produtores e trabalhadores envolvidos; (ii) o aumento do tamanho das áreas de produção por agricultor; (iii) a mecanização dos processos produtivos desde o preparo do solo à colheita; (iiii) ampla utilização de agrotóxicos e fertilizantes químicos. Como parte do processo acrescenta-se o deslocamento da produção de sementes de hortaliças por parte das empresas, para outras regiões e países, conforme descrito em capítulo anterior.

Assim, verifica-se que a evolução dos sistemas de produção mencionados em relação à experiência considerada, ocorre acentuando a distinção estabelecida tanto em relação ao fazer cotidiano, quanto à lógica que os constitui. Na Bionatur a produção de sementes é realizada com intenso trabalho manual, exceto a etapa do preparo do solo o qual tem sido mecanizada. Nos tratamentos culturais prevalecem o uso de tração animal, e a colheita é exclusivamente manual com uso de foice, seguida muitas vezes da debulha a manguá, salvo algumas espécies em que se associa o uso de trilhadeira estacionária. Acrescenta-se a estes processos, as práticas específicas à garantia da qualidade das sementes, realizadas continuamente a partir da observação cotidiana dos agricultores.

O intenso convívio que determina esse fazer cotidiano da produção de sementes praticada pelos agricultores da Rede Bionatur, ao mesmo tempo em que confere peculiaridade ao sistema de produção, possibilita a evolução do conhecimento dos agricultores a cerca do que fazem, e como o fazem, uma síntese que se expressa e se distingue na identidade individual do agricultor participante da Bionatur.

Além disso, ao considerar o sistema de produção expandindo-a a percepção para o manejo do conjunto das atividades desenvolvidas na propriedade, constata-se a partir da evolução analisada no decorrer deste capítulo, entre o que permanece e que é deixado para trás na lógica de conceber o sistema produtivo, a produção de sementes na Rede Bionatur apresenta-se inserida e associada a uma forma peculiar de organizar a vida na agricultura. Esta racionalidade pode ser compreendida no depoimento⁴⁶ a seguir:

Como é que tu pensou a forma que tu ia manejar o lote? A gente agarrou e sentou assim, vários dias, bom aonde é que vai ser a casa, porque da casa aqui né, pro lado de baixo da fonte de água pra não precisar pagar luz pra água vim até a casa, vim com queda natural. Aonde que vai ser a área de subsistência né a gente não bota o gado, é ali. A gente fez um planejamento de como vai trabalhar o lote, e planejamento de produção. E aí aonde que

⁴⁶ Agricultor, 60 anos, grupo Piratini.

vai ser os prv, os piquete pras vaca, aonde que vai ser o apiário, isso tudo a gente pensou né, então fez um planejamento, e o que a gente vai produzir, e como vai se produzir.

Então daí a gente planejou qual era as linha de produção né, é leite, é apicultura, é produção de sementes pra bionatur, é a subsistência pro boião né, sobra e vende. Mas pra isso a gente, sobre a apicultura, a gente não só explora a apicultura, bom vamo reflorestar né, reflorestar com que tipo de árvore, com a árvore que produz mel né, qual são elas, aroeira, eucalipto, e outras árvore que tem aí debaixo das aroeira, astrapéia, e aí aproveitou e ornamentou a frente da casa, mas com árvores produtivas né, pensando na apicultura. E aí quando planta pras vaca, cornichão, pastagem, que sirva pras vaca, mas que sirva também pra produção de mel, pra fazer feno, que é o cornichão o próprio azevém, aveia, tudo se casa e deixa florescer, faz feno e bota as vaca pra pastar também.

E a semente da bionatur como ela se casa? Pois é a semente da bionatur ela é bem vinda, porque ela, a gente comercializa semente pra bionatur inclusive com um valor bem agregado. Então a gente agrega vários valor nessa produção de sementes, a abelha lá fazendo produzir mais sementes e aí vai render no mel e vai render na semente. É tudo interligado uma produção com a outra né.

Mas isso tu foi aprendendo com o próprio manejo? Com o próprio manejo, eu trabalho no lote no dia a dia assim, sempre observando, né o que podia ser melhor pra produzir mais né, então foi com o próprio manejo, as coisa foram se casando.

Aí por exemplo assim, nós já tinha apicultura né, começando. Aí já tava bem de produção de mel entramo com as vaca de leite também, produção de leite, produção de mel e a subsistência. Na verdade hoje, desde o início até hoje a gente gasta muito pouco dinheiro quando vai no mercado. Porque na verdade produz leite, mel, o boião, mandioca, batata, pipoca, amendoim, carne, hortaliça no geral. Então isso é, e isso tudo ajuda assim na alimentação, que sobra até pra vender.

A gente produz também a semente, não se compra a semente, de feijão, de milho, ervilhaca, azevém, o lote sempre tapado no inverno e verão.

Não eu sempre digo que tem duas coisa que nasceu pros pequeno agricultor de pouca terra, que se casam e que não teriam e não tem problema nenhum, e eu sempre dizia a gente vai começar a tirar leite mas não entregar tudo as terra pras vaca. É separado né, porque aí se casa muito bem, as lavoura que a gente planta pra bionatur não são áreas grande, e claro as vaca precisam de uma área maior né, pra produzir leite. Mas não envolve tantas áreas pra bionatur, então é pra quem tem pouca terra né, seria ótimo, e faz uma rotação, o que eu tenho feito duns ano pra cá é uma rotação, assim de manejo, até quatro anos é prv, cinco ano, depois faz um manejo e tamo tendo um bom resultado. Aí onde era área de subsistência é os prv hoje, então olha fica adubada a terra, não dá erosão, e é uma forma de limpa os campo também por causa dos caraguatá e tal, na questão econômica então.

No ano passado nós andamo atingindo quase 5 mil de sementes, isso da forma que nós temo, que gastemo pouco né, eu digo assim, é muito dinheiro é um bom dinheiro, pequenas áreas. Tinha mogango, salsa, brócolis, milho, tinha rúcula e tinha abóbora, então era diversidade de coisas, tudo pequenas áreas, juntou tudo e deu quase 5 mil. Que a chance de fazer dinheiro é muito grande quando se tem diversidade de coisas, se

não dá uma outra dá né. E alimentação né, porque a gente sempre vai lá e é com a bionatur, mas vai lá e tira salsa, tira brócolis, tá comendo né.

Conforme já mencionado, ressalvadas as diferenças existentes entre os agricultores, é perceptível e distinguível a ocorrência de diversos elementos presentes neste relato, ao considerar os demais agricultores da Rede Bionatur. Dentre estes, destacam-se: (i) a diversidade de atividades produtivas e a inter-relação entre elas; (ii) a produção de alimentos para o consumo familiar; (iii) a percepção das sementes como um componente da renda; (iiii) a diversidade de espécies manejadas para a produção de sementes, e o aproveitamento desses cultivos na alimentação animal e humana; (iiii) por fim, o cuidado com a casa e o entorno, o ambiente e a saúde.

É assim que ao considerar o processo identitário, a práxis assume uma singularidade que salta aos olhos ao visitar um agricultor/família participante da Rede Bionatur. Observa-se que o desenvolvimento da experiência foi acompanhado da evolução na percepção dos sistemas de produção e manejo, ilustrados na Fig. 7, em contínua relação ao contexto geral e ao ambiente em que estão inseridos e se relacionam.

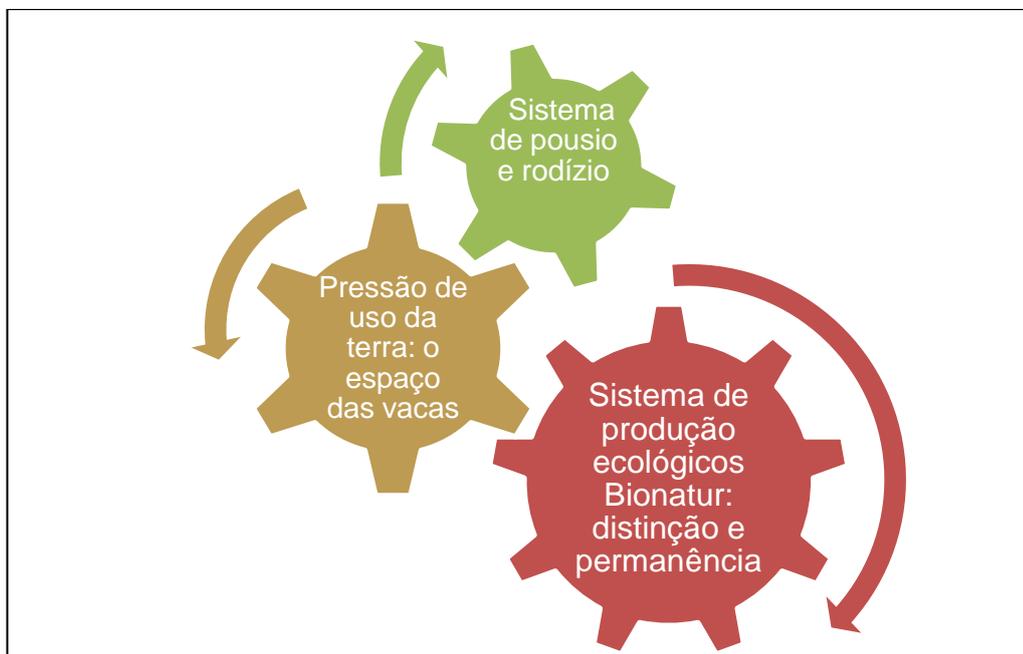


Figura 7 – Engrenagem ilustrativa da evolução dos sistemas de produção ecológicos Bionatur
Fonte: Elaboração da autora, 2015.

Constata-se também, que a estabilidade e segurança alimentar proporcionadas pelo atual sistema produtivo caracterizado, o configura certamente como um elemento determinante na permanência e compreensão da experiência,

fundamental ao estudo do processo identitário. Porém para o agricultor, por vezes, a racionalidade transparece quase como uma obviedade, espontaneamente:

E eu tomei exemplo nisso foi quando vi gente com 90 anos plantando pinheiro, pra quem que ele ia plantar isso, era pra ele? Claro que não, para quem? Ele planta e nem tá perguntando pra quem, tá fazendo as coisa e não tá perguntando pra quê. É assim (agricultor, 50 anos, Hulha Negra).

7. SOBRE O PROCESSO IDENTITÁRIO E A DELIMITAÇÃO DAS PERSPECTIVAS

Dentre as perguntas que estiveram na origem desta tese, a reflexão a cerca da permanência e desenvolvimento da Rede Bionatur em meio a um contexto tão adverso certamente integra às questões delimitadoras. Em vista disso, a análise do processo identitário, tornou-se objetivo central à compreensão da dinâmica de evolução da experiência. Contudo, ante a análise, poder-se-ia considerar ainda, em complemento a esta reflexão, em que razão o processo identitário atua na delimitação das perspectivas para atuação da Rede Bionatur.

À luz das reflexões a cerca do contexto atual que configura o mercado de sementes, evidenciou-se a dominância e concentração através das empresas transnacionais atuando na determinação dos rumos e perspectivas para o setor. Ao considerar, neste mercado, a especificidade das sementes de hortaliças a situação não se difere, ressaltando a tendência acentuada na predominância de cultivares híbridas e transgênicas, um funil da diversidade das cultivares disponíveis no mercado.

Em face desse contexto, ressalta-se o papel que a Rede Bionatur passa a desempenhar na manutenção das cultivares varietais, tradicionalmente utilizadas pelos agricultores, em risco de erosão do mercado e do Registro Nacional de Cultivares, conforme analisado anteriormente. Condição atribuída exclusivamente às alterações do contexto, já que a Rede Bionatur, em relação a essa questão, não modificou a sua forma de atuação. Entretanto, para continuar fazendo o que faz, além dos procedimentos já incorporados a Rede, estabelecidos pela legislação de sementes vigente, inscreve-se às perspectivas, a requisição da condição de mantenedor das cultivares produzidas.

Além disso, o diferencial associado ao manejo agroecológico, pressuposto de constituição da experiência, adquire a partir da regulamentação da produção orgânica, além do reconhecimento uma oportunidade, tendo em vista a repercussão na demanda do mercado por produtos orgânicos. Para a Rede Bionatur, novamente, não se altera a forma de atuação, mas substancialmente o volume de trabalho requerido para validação do processo de produção. Deve-se considerar ainda, conforme demonstrado na análise, os desafios que colocam a prova às perspectivas, representados pela expansão do agronegócio, seja na dimensão dos limites da propriedade, como no aprofundamento do marco jurídico, fronteiras das relações de poder estabelecidas.

Observa-se a partir das questões analisadas que o ambiente que circunscreve a trajetória de atuação da Rede Bionatur é delimitado a partir do(as) (alterações) contexto da produção de sementes no modo de produção vigente. Entretanto, considerar a construção social da identidade da Rede Bionatur a partir das alterações e determinações desse cenário em sua especificidade, restringiria a compreensão da experiência.

Nessa perspectiva a análise do processo identitário da Rede Bionatur fala por si ao demonstrar a natureza das fronteiras estabelecidas. Observam-se ao longo da trajetória evolutiva as relações de poder e o processo de diferenciação social que caracterizam o modo de produção capitalista vigente, desafiando a sobrevivência e a permanência da experiência. Seja na expulsão do campo, na identidade sem terra, na chegada ao assentamento, como na integração às empresas convencionais de produção de sementes, a luta cotidiana pelas condições de sobrevivência – na e da agricultura, manifesta-se como elemento determinante na trajetória das famílias. Em relação à trajetória coletiva, o desafio permanece representado na dificuldade em manter as condições estabelecidas para atuação no sistema formal de produção, na viabilidade econômica da Cooperativa frente às empresas transnacionais, na resistência do sistema de produção frente à fugacidade da indústria das inovações tecnológicas, na defesa das sementes e da biodiversidade. Nas palavras de quem vive o dia a dia da Rede Bionatur ‘é como se tivesse que matar um leão por dia só pra continuar de pé’.

Logo, verifica-se a abordagem inicial estabelecida para análise, concordando com Tomás Tadeu da Silva (2008) ao afirmar que:

Aqui mais do que a partida ou a chegada, é cruzar a fronteira, é estar ou permanecer na fronteira que é o acontecimento crítico (SILVA, T.T. da. 2008).

À vista disso, as fronteiras aparecem, revelando em síntese, a condição de exclusão de quem vive à margem⁴⁷ do sistema de produção vigente. É assim que a identidade manifesta-se em seu caráter político, não instrumental, nem imanente, mas a partir da realidade concreta, um dia após o outro. Desfaz-se a retórica da modernidade e da opção voluntária pela autoidentificação em prevalência às relações de poder e suas determinações.

Cita-se o estudo realizado por Oliveira, em tese de doutorado, ao analisar a constituição da identidade sem terra, buscando apreender a presença da religião na construção da identidade. O autor, por vias distintas de análise, aponta considerações similares:

Cheguei ao final desse trabalho para ver que as motivações dessas pessoas, tanto os militantes quanto sua base estão menos informadas por tal instrumentalismo (religião) e muito mais relacionadas com as questões mais objetivas e urgentes de suas vidas. Mas também estão carregadas de sentimentos, religiosos, místicos, militantes. (OLIVEIRA, 2009).

Nesse sentido, a capacidade de reinventar-se diante das adversidades, expressa na superação seja na dimensão individual ou coletiva, a partir da própria lógica e valores construídos, reflete no sentimento de pertencimento, adquirindo significações, traços distintivos do processo identitário da experiência.

Eu acho que nós tamos construindo uma historia, tu faz parte desta história que tu constrói, não é tu pegar um livro e ler a história dos outros, tu tá junto fazendo aquela história (agricultor, 56 anos, Hulha Negra)

Olha, uma vez eu tinha mais essa avaliação que era uma experiência de resistência, mas eu hoje não tenho mais essa avaliação totalmente. Eu acho que a Bionatur, ela também é uma experiência de resistência, mas ela foi além. Tá mais no campo da ousadia propriamente, do que no fato de resistir (agricultor, 34 anos, Candiota).

Dentre as fortalezas, observadas no processo identitário, que conferem a experiência essa capacidade de resistência, destacam-se a forma de organização e os sistemas de produção desenvolvidos ao longo da trajetória. Com relação à forma de organização, identificou-se que as dinâmicas de convivência, normas e valores compartilhados são elementos que conferem sentido, fôlego e vida a experiência. Para as perspectivas, inscreve-se o desafio de refundar continuamente essa

⁴⁷ O sentido pejorativo atribuído à palavra marginal, de quem vive a margem do sistema econômico, só pode ser compreendido como representação simbólica, significações da cultura dominante.

capacidade de organização, sentido e representação, agregando desde o cotidiano dos agricultores até a discussão dos rumos da Cooperativa.

Quanto ao elemento da práxis, associada ao sistema de produção, é explícita a construção da identidade ocorre em correspondência ao fazer do agricultor. Em outras palavras, não há razão instrumental que determine o fazer, o agricultor não produz sementes agroecológicas por razões ideológicas, ao contrário as sementes fazem parte da lógica que constitui o sistema de produção, em diferentes desenhos. Nessa perspectiva, os sistemas de produção analisados expressam um jeito de organizar e conceber a vida na agricultura. Para a discussão das perspectivas, deve-se considerar que a lógica que os orienta (sistemas de produção), ao mesmo tempo em que é um elemento de resistência da experiência, também se configura em um limitante á expansão da Cooperativa.

É assim, contraditoriamente que a Rede Bionatur define-se: como uma cooperativa de produção de sementes, que carrega em si, um conteúdo explosivo - as sementes agroecológicas como expressão de um modo de vida.

O agricultor que se realiza no que faz e como o faz. Para as perspectivas, o desafio não poderia ser outro, senão, continuar existindo e se multiplicando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permitiu aprofundar e expandir o conhecimento a cerca da dinâmica da Rede Bionatur, em uma dimensão não concebível durante os quase dez anos de atuação direta na experiência. Essa percepção confirma a proposição inicial estabelecida, a de compreender a experiência a partir do processo identitário que define e possibilita sua existência. Para tanto, foi necessário considerá-la no todo (contexto das relações de produção) que a determina, ao mesmo tempo em que se deteve o olhar para a vida cotidiana, buscando apreender como ela se apresenta e se impõe na definição da experiência.

A análise do processo identitário a partir dos elementos propostos, os quais se converteram nos objetivos específicos, possibilitou a compreensão em movimento do processo de diferenciação social da experiência, da produção dos sentidos, normas e valores que expressam a identidade e suas significações, além da conexão com e na práxis dos agricultores. A identidade demonstrou-se em cada um dos elementos e na totalidade, em uma estreita relação com o contexto, evidenciada através da abordagem evolutiva adotada em cada capítulo.

Ressalta-se o protagonismo dos atores sociais (agricultores envolvidos) na construção e desenvolvimento da Rede Bionatur, elemento explicitado transversalmente na análise do processo identitário, ainda que delimitado, obviamente, pelas condições objetivas do contexto das relações sociais de produção existentes. Dessa forma, superou-se a retórica da identidade como expressão do sagrado, intocado, subjetivo. Como a razão instrumental (ideológica ou divina) que determina a ação objetiva. Compreender o caráter subjetivo a partir da própria objetividade, em uma dualidade indivisível – na totalidade. É o que se apreendeu da análise, através da qual o processo de constituição da experiência revelou-se em maior evidência do que o produto em si - semente. Demonstrando que há uma

unidade na diversidade de trajetórias individuais, não homogeneizadora, mas que constituiu ela própria a totalidade a ser apreendida.

A caracterização da trajetória evolutiva da experiência analisada nos capítulos 3 e 4 constituem a narrativa fundadora da identidade, a história contada a partir da percepção dos agricultores. A distinção entre os capítulos cedeu lugar à narrativa individual, os elementos de aproximação – diferenciação social, e a construção e evolução da experiência na percepção do debate coletivo. Verificou-se que o processo de diferenciação social percorre a trajetória evolutiva atuando na determinação da experiência, e deixando evidentes as relações de poder e as fronteiras estabelecidas, nos diferentes momentos analisados.

Ao considerar a trajetória individual, é notória a ocorrência dos momentos de distinção similares, perceptíveis nas narrativas dos agricultores. No que se refere à evolução da experiência, observou-se a construção da identidade social ocorre em relação direta às alterações do contexto e a percepção sobre elas, expandindo a capacidade da experiência em reinventar-se diante das adversidades. Nesta dinâmica, alguns elementos alteram-se na relevância e nas significações, a exemplo da importância atribuída às sementes, manejo agroecológico e certificação orgânica. Essa constatação ratifica que os elementos de identificação não são imanentes, nem estáticos, mas resignificados continuamente.

Em relação aos elementos definidores do processo identitário referentes às normas, valores e dinâmicas de convivência (capítulo 5), deve-se considerar que estes se correlacionam as práticas sociais desenvolvidas e incorporadas à experiência. Logo, para além do caráter formal/normativo constatou-se que a estrutura organizativa da Rede Bionatur/Conaterra em conjunto com os valores e dinâmicas de convivência constituem-se em uma fortaleza do processo identitário, cultivada e zelada cotidianamente pelos próprios agricultores. A identidade manifesta-se na dimensão individual e coletiva, adquirindo um sentido para além do indivíduo e do próprio grupo, mas na representação da experiência.

A avaliação dos sistemas de produção agroecológicos possibilitou a compreensão da racionalidade do agricultor no fazer cotidiano, e as percepções advindas das pressões internas e externas ao lote, determinadas pelo desenvolvimento da agricultura sob o modo de produção capitalista vigente. Ao longo desse processo, a produção de sementes manifesta-se associada a uma forma peculiar de organizar a vida na agricultura, sendo que a importância da renda

oriunda das sementes torna-se relativa, na medida em que integra e interage com as demais atividades produtivas do lote.

Por conseguinte, o estudo revela que a identidade da Rede Bionatur, não se explica a partir da produção de sementes direcionada à geração de renda, de natureza igual ao período inicial. Essa alteração substantiva, identificada neste trabalho, remete a gestão da Cooperativa o desafio de alcançar a viabilidade econômica, alicerçado em um sistema de produção relativamente estabilizado. Por outro lado, esse sistema produtivo configura-se em mais uma fortaleza do processo identitário, cuja capacidade de resistência e autonomia confere a experiência à capacidade de persistir diante de um contexto tão adverso. A identidade assume um caráter político, afirmativo, na defesa de um jeito de viver na e da agricultura.

A partir das percepções realizadas ao longo deste trabalho, ratifica-se que a identidade demonstrou-se a partir da diferenciação social, em movimento, na dinâmica e na contradição, em estreita relação com o contexto, em um constante reinventar-se a razão de sua própria lógica. Desse modo, ao rejeitar a perspectiva essencialista, não há um perder ou manter a identidade, esquecer quem é, na linguagem usual quando se refere a determinados grupos sociais. Ao contrário, aprofundar o conhecimento sobre o grupo, buscando reconhecer-se nas contradições e nas fortalezas, tratar a realidade na materialidade em se que apresenta, considerando as determinações do contexto em que está inserida, é o que permite a experiência persistir em um contexto tão adverso.

Logo, as contribuições deste estudo, para a Rede Bionatur, visam auxiliar a tomada de decisão e gestão da experiência, ampliando o conhecimento a cerca de sua própria lógica de constituição e sistemas de valores, permitindo reconhecer os limites e as potencialidades, ao mesmo tempo em que se consideram as perspectivas.

Para o meio acadêmico, esta tese resulta em uma perspectiva crítica evidenciando indiretamente o limite das abordagens específicas, tais como transferência de tecnologia, estudos de viabilidade econômica através de metas e projeções que não consideram a totalidade do ambiente à que se referem, tão comuns às ações dos mediadores sociais na abordagem as experiências. Os resultados destas abordagens específicas, via de regra, configuram frustração em ambos os atores sociais envolvidos, pesando na balança à atribuição aos agricultores. A ciência gerada a partir da e na práxis, eis o que se busca.

Encerra-se este estudo apresentando novos desafios que emergiram a partir do trabalho realizado, e que demandam outras reflexões e aprofundamento tais como: os impactos da expansão do agronegócio na região sul do estado, o manejo da qualidade do solo em sistemas de produção agroecológicos, a otimização do trabalho nos sistemas de produção de sementes agroecológicos, dentre outros.

Ao final, novos desafios, um saber que não se acaba, incansável e insaciável, á espera de um novo começo.

REFERÊNCIAS

ALBERGONI, L.; PELAEZ, V. Da revolução verde a agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? **Revista de Economia**. Editora UFPR, Vol.33, nº1 (ano31), p.31-53, jan/jun, 2007.

ALMEIDA, P.; SCHMITT, C. Construções de conceitos e marcos de referências de garantia dos direitos dos agricultores sobre a biodiversidade. Associação Agroecológica Tijupá. Relatório final do Projeto: Constituição e monitoramento de políticas públicas de uso e conservação da agrobiodiversidade através da articulação em rede de experiência (Projeto PDA Mata Atlântica Chamada 5: Apoio a projetos em rede). São Luiz, 2010. 80p.

BIONATUR. **Sementes, patrimônio dos povos a serviço da humanidade**. (Org.) CORTEZ, A.; CORREA, C.; MOREIRA, V. Candiota: Rede Bionatur de Sementes Agroecológicas, 2006.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Registro Nacional de Cultivares**. Brasília: MAPA. 2012. Disponível em:

_____. **Lei de Propriedade Industrial**: Lei nº 9.279 de 14 de maio de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9279.htm . Acesso em: 13 out. 2015.

_____. **Lei de Proteção de Cultivares**: Lei nº 9.456 de 25 de abril de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9456.htm . Acesso em: 13 out. 2015.

_____. **Lei de sementes**: Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003. Dispõe sobre o sistema nacional de sementes e mudas e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.711.htm . Acesso em: 13 out. 2015.

_____. **Instrução normativa**: INº46/2011, de 06 de outubro de 2011. MAPA. Regulamento técnico para os sistemas orgânicos de produção animal e vegetal. Disponível em: <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/sislegis/action/detalhaAto.do?method=consultarLegislacaoFederal> . Acesso em: nov. 2015.

_____. **Regulamentação do Sistema Nacional de Sementes e Mudas**: Decreto n. 5.153 de 23 de julho de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2004/Decreto/D5153.htm . Acesso em: 13 out. 2015.

BURG, I.C. Bionatur: a produção de sementes de hortaliças agroecológicas a partir de um processo de construção popular. In: **Uso e Conservação da Biodiversidade**. Cadernos do II ENA. Articulação Nacional de Agroecologia: Rio de Janeiro, 2007.

CARVALHO, S.M.P de; PESSANHA, L.D.R. Propriedade intelectual, estratégias empresariais e mecanismos de apropriação do esforço de inovação no mercado brasileiro de sementes. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro 5, n.1, p.151-182, jan.-jun. 2001.

CASTELLS, M. **O fim do milênio**. vol.3. São Paulo: Paz e Terra Ltda., 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade** - A era da informação: economia, sociedade e cultura. vol.2. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra Ltda., 2013. 427p.

COSTA, C.P da. Mudanças de paradigmas no setor sementeiro de hortaliças no Brasil. 2007. Palestra. Disponível em:

<<http://www.abhorticultura.com.br/eventosx/ViewTrabalho.aspx?idtrabalho=1345&idevento=1&tipo=PALESTRAS>> . Acesso em: nov. 2015.

CUNHA, F.L. da. **Sementes da Paixão e as políticas públicas de distribuição de sementes na Paraíba**. 2013. 184p. Dissertação (Mestrado em Ciências), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DELGADO, G.C.**Do Capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. 144p.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 6ª Ed. Campinas: Editora Autores Associados. 1999. 102p.

ENNES, M. A. & MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. In: **Sociologias**, ano 16, n.35, p.274-305, jan/abr, 2014.

ENNES, M. A. & MELLO. M. R. Apresentação. In: **Revista Fórum Identidades**. ano 3, v.5, jan/jun, 2009.

ERRANTE, A. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da educação**. v.4. n.8. Pelotas: UFPEL, 2000.

ETC Group. Gene giants seek “Philanthropopoly” . Relatório. Disponível em: <http://www.etcgroup.org/sites/www.etcgroup.org/files/ETCCommCharityCartel_Marc h2013_final.pdf>. Acesso em: nov. 2015.

FERNANDES, G. B. Os direitos dos agricultores no contexto do Tratado de Recursos Fitogenéticos da FAO – o debate no Brasil. Rio de Janeiro: ASPTA, out. 2007. Disponível em: <<http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Os-direitos-dos-agricultores-no-contexto-do-tratado-de-Recursos-Fitogen%C3%A9ticos-da-FAO.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 233p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. 653p.

GOODMAN, D.; SORJ, B. WILKINSON, J. **Das lavouras as biotecnologias agricultura e indústria no sistema internacional**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

GORENDER, J. **Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 62p.

GORGEN, S.A. **O massacre da fazenda Santa Elmira**. Petrópolis: Vozes, 1989. 145p.

GRAZZIOTIN, L.S.S; ALMEIDA, D.B. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre história oral**. São Leopoldo: Editora Oikos Ltda., 2012. 112p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 58p.

IASI, M. **O dilema de Hamlet: O ser e o não ser da consciência**. São Paulo: Editora Viramundo. 231p.

LOUWAARS, N. P. **Seeds of confusion: the impact of policies on seed systems**. Wageningen: Wageningen Universit, 2007.

LUCINI, M. **Memória e história na formação da identidade sem terra no Assentamento Conquista na Fronteira**. Tese (Doutorado em Educação). 2007. 206f. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

MARTINE, G.; GARCIA, R.C. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo, Editora Caetés, 1987. 271p.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 172p.

MARTINS, J.S. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1975. 161p.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular. 2008. 288p.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407p.

NASCIMENTO, W.M; MELO, P.C.T de; **Desafios e oportunidades na produção de sementes de hortaliças no Brasil**. **Revista SEEDnews**. Vol.XIX, n.3, p.2

OLIVEIRA, V.L. **A ironia da realidade e os paradoxos da razão política: diversidade, sociabilidade e dinâmicas político-religiosas em espaços de luta**

pela terra no RS. Tese (Doutorado em Ciências). 2009. 346f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

OVERBECK, G.E. et al. Os campos sulinos: um bioma negligenciado. In: **Campos sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade.** Brasília: MMA, 2009. p. 26-41.

PEARSE, A. **Seeds of Plenty, Seeds of Want:** Social and Economic Implications of the Green Revolution. Oxford: Clarendon Press, United Nations Research Institute for Social Development, 1980.

PETERSEN, P. et al. Semente ou grãos? Lutas para desconstrução de uma falsa dicotomia. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.10, n.1, p.36-45, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C.V. **A globalização da natureza e a natureza da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 461p.

REIS, M.R. **Tecnologia social de produção de sementes e agrobiodiversidade.** 2012. 288p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, Brasília.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2006. 433p.

ROMEIRO, A.R. **Meio Ambiente e dinâmica de inovações na agricultura.** São Paulo: Annablume Fapesp, 1998. 272p.

SANTILLI, J. F da R. A lei de sementes brasileira e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade e os sistemas locais e tradicionais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas.** Belém, v. 7, n.2, p. 457-475, mai-ago. 2012.

SANTILLI, J. F. da R.. **Agrobiodiversidade e direito dos agricultores.** 2009. 409f. Tese (Doutorado em Direito), Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

SANTOS, J. S. **Dilemas e desafios na valorização de produtos alimentares tradicionais no Brasil: um estudo a partir do Queijo do Serro em Minas Gerais, e do Queijo Serrano no Rio Grande do Sul.** 2014. 260f. Tese (Doutorado em Agronomia), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SAUER, S. Agricultura familiar versus agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro. Texto para discussão ISSN 1677-5473, 30. Brasília: Embrapa Informação tecnológica, 2008. 73p.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003. 240p.

SILVA, J.G da. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 192p.

SILVA, P.M. **Desenvolvimento e reforma agrária no território zona sul do RS: o impacto dos assentamentos na percepção das famílias**. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado em Agronomia), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SILVA, P. M. Identificação de demanda Rede Bionatur/Conaterra para constituição de projeto Ater-sementes Incra. **Projeto técnico**. Candiota, 2012.

SILVA, P.M. Relatório Produto Bioma Pampa. Consultoria TdR 99/2013. COAGRE, MAPA. **Projeto Nacional de Ações Integradas Público-Privadas para Biodiversidade – PROBIO II**. Brasília, 2014.

SILVA, T.T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.73-103.

STEDILE, J.P. (org.). **A questão agrária no Brasil: O debate tradicional 1500-1960**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2005. 304p.

STEDILE, J.P. Tendências do capital na agricultura. In: **A questão agrária no Brasil: o debate na década de 2000**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 288p.

STEDILE, J.P & FERNANDES, B.M. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela Terra no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999. 163p.

WILKINSON, J. & CASTELLI, P.G. **A transnacionalização da indústria de sementes no Brasil: biotecnologias, patentes e biodiversidade**. Rio de Janeiro: ActionAid – Brasil, 2000.

XAVIER, J.H.V.. **Avaliação de sistemas de cultivo de milho grão sequeiro no contexto da agricultura familiar: uma aplicação da metodologia multicritério de apoio à decisão (MCDA)**. 2010. 318f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Brasil.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2005. 212p.

APÊNDICE A – Um jeito próprio de contar a vida: a história narrada em causos

Depois passado este tempo aí, passou uns ano fui catequista, ministro da eucaristia na comunidade, e fui fazer um curso de pastoral rural, que chamavam de pastoral da terra. Aí encontramos esse pessoal da natalino e inclusive o Natalício que eu conheci na romaria da terra, tava lá, pra contar a experiências das luta que fizeram da terra, tempo do Curió. Ele deu aquele relato dele, simples, mas marcante, que marcou, eu reencontrei ele e aí no estudo que fizemo da realidade da terra no Brasil e assim por diante. Mas eu não tinha muita noção de espaço, eu conhecia Redentora, pouca coisa na volta. Então eu atribuo que muitas pessoas, não foram para luta, por viverem só em determinado lugar. Nunca saiam né, iam pra lavoura, trabalhavam, sempre explorado pelos bolicheiro da volta e assim era a vida, assim foi a vida.

Daí fomo lá nesse curso da pastoral, estudamos a realidade da reforma agrária, e saímo de lá inda com o desafio, de ir de volta pros município e começar encontrar os sem terra e discutir. E sabendo que era uma tarefa difícil porque já em outras luta tinha ocorrido violência, ficou bem claro pra todo mundo. Mas o objetivo era encontrar, e vamo porque vamo, ou então não seremos fiéis, não mereço entrar na igreja, como se fosse uma tarefa divina, que eu não acho errado também, daí voltamos pros município.

Uns dias depois escutei na rádio o presidente do sindicato de Tenente Portela chamando pra uma reunião em Miraguá, e decidi vou lá, conversar com o Adão Preto que também era do sindicato. Embarquei no ônibus pra ir pra Miraguai, olhei o Odaí, sentado assim sozinho num banco, cheguei cumprimentei e sentei do lado dele, fomo na estiva e quando eu desci na estiva ele desceu também, não perguntei pra ele aonde é que ele ia, ele também não me perguntou. O ônibus chega assim, do sul pro norte de Miraguá, nessa quadra aqui tá a rodoviária fica bem no meio, aqui tem a área indígena. Descemo na rodoviária: “vai voltar ao meio dia?” – “Vou voltar ao meio dia” – “Tá então se encontremo depois!”. Ele não perguntou o que eu fui fazer em Miraguá, eu não perguntei o que ele foi fazer em Miraguá. Seguindo nessa rua no costado da área dos índio o sindicato, duas, três quadras, pra cima. Então eu segui costeando a área dos índio pra ir pro sindicato, quando eu chego na porta do sindicato, ele chega junto. E nós tinha feito o curso junto, mas sabe confiamos ou não um no outro né. Aí que nós se damo por conta que nós tinha ido pro mesmo objetivo. A primeira cara que nós encherge o Adão Preto, na porta assim na frente do sindicato: “Aí companheirada chega pra cá, chega”. Mas ta aí, lá na Redentora tu chegava, tinha que enfrentar uma secretária, deixar o chapéu ali pra entrar e falar com o presidente que tava lá num quatinho né.

Daí depois saiu a ocupação de Santo Augusto. O Darci ficou de avisar um dia antes. Aí ele passa no Valdir Vasques, e ele ao invés de avisar nós, fugiu, se mandou pra Argentina. E eu trabalhando na lavoura, meio dia, escutei na rádio, invadida a área indígena de Sto Augusto, não tive dúvida, botei o pé na estrada e me fui parar lá no acampamento. Me mandei pra lá, e o pai e a mãe deus o livre, pra eles era o fim da picada, mas pra mim era o começo, me fui pra Santo Augusto, cheguei lá já me enturmei. Dia 29 de agosto de 84. Quando foi meia noite fechou o tempo, juntaram e foram despejando aonde cada um disse que morava.

Agricultor, 50 anos, Hulha Negra.

APENDICE B – FOTOS

TRAJETÓRIA INDIVIDUAL: CHEGADA AOS ASSENTAMENTOS



PRODUÇÃO DE SEMENTES AGROECOLÓGICAS BIONATUR: CONSTITUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA



ENTREVISTAS COM OS AGRICULTORES E AGRICULTORAS REDE BIONATUR



DINAMICAS DE CONVIVÊNCIA, DISCUSSÃO E DECISÃO: NORMAS E VALORES



SISTEMAS DE PRODUÇÃO ECOLÓGICOS: DISTINÇÃO E PERMANÊNCIA



ACIRRAMENTO DO CONTEXTO



TRÊS GERAÇÕES – DAS SEMENTES À IDENTIDADE
ÉLIO ANSCHAU (AGRICULTOR PIONEIRO BIONATUR)
CLAUDINEI ANSCHAU (FILHO, AGRICULTOR E TÉCNICO BIONATUR)
(NETO)



APENDICE C – Roteiro utilizado para entrevista com os agricultores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PPG- SISTEMAS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR
ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AGRICULTORES DA BIONATUR
ORIENTADOR: ÂNTONIO JORGE AMARAL BEZERRA
ENTREVISTADORA: PATRICIA MARTINS DA SILVA**

1. DADOS DA FAMÍLIA:

- Agricultor /idade:
- Agricultora/idade:
- Filhos /Quantas pessoas residem no lote:
- Assentamento:

2. TRAJETÓRIA/ ANTECEDENTES

- 2.1 Como era a vida antes de ir para o acampamento?
- 2.2 De onde você era?
- 2.3 Como era a agricultura aonde você vivia? O que era produzido e como?
- 2.4 Do que você vivia? De onde vinha a tua renda?
- 2.5 O que levou você a ir para o acampamento?

3. TRAJETÓRIA/ACAMPAMENTO – Construção da identidade sem terra

- 3.1 Quanto você pensa na época do acampamento o que mais te marcou?
- 3.2 Como era dividir a vida com outras pessoas?
- 3.3 Qual a importância da organicidade para aquele momento?
- 3.3 O que mudou na tua forma de pensar e ver o mundo durante o período do acampamento?
- 3.4 Qual era o teu sonho para quando chegasse na terra?
- 3.5 Você acha que ter passado pelo acampamento foi um processo importante para chegada na terra? O que você levou para sua vida dessa experiência?

4. TRAJETÓRIA/ASSENTAMENTO – PRIMEIRAS PERCEPÇÕES

- 4.1 Qual foi o impacto da chegada ao assentamento? Primeiras impressões?
- 4.2 O que vocês viram de produção e agricultura quando vocês chegaram à região?
- 4.3 E o que vocês fizeram para organizar a vida e a produção?

5. TRAJETÓRIA/BIONATUR – ORIGEM DA EXPERIÊNCIA

- 5.1 Como iniciou a produção de sementes pelos assentados da região?
- 5.2 Qual o modelo de produção? Quais culturas e variedades produzidas?
- 5.3 Quais fatores determinaram a criação da Bionatur? Qual a conjuntura daquele momento?
- 5.4 Como foi a discussão entre vocês para se desafiar com esta experiência? Qual a expectativa/perspectiva dos que aceitaram o desafio?
- 5.5 Qual era a discussão que se fazia sobre agroecologia na época/ Qual entendimento vocês tinham?
- 5.6 Qual o modelo de produção do início da Bionatur? Quais culturas e variedades eram produzidas?

6. TRAJETÓRIA BIONATUR /Momentos de distinção /Elementos marcadores

- 6.1 O que representava para vocês a questão das sementes no início da experiência? Qual importância das sementes hoje? Qual a evolução do debate interno sobre este tema?
- 6.2 E o debate da agroecologia, Qual a evolução do debate interno sobre este tema? Como você percebe hoje?
- 6.3 Como você vê a importância da certificação orgânica para Bionatur? Que mudanças ela trouxe no teu jeito de produzir sementes?
- 6.4 Ao olhar para as alterações que ocorreram na legislação de sementes desde o início da Bionatur até os dias de hoje, que mudanças elas trouxeram para o teu jeito de produzir sementes? Qual o impacto delas para a Bionatur?

7. ORGANICIDADE: IDENTIDADE INDIVIDUAL e COLETIVA

Individual:

- 7.1 Como um agricultor faz para se tornar produtor da Bionatur?
- 7.2 Quais são os critérios e acordos estabelecidos para ser um produtor? Eles sempre existiram?

7.3 Você se sente um representante da Bionatur? Que responsabilidade isto traz para você?

7.4 Muitos agricultores entram e saem da Bionatur, como são estes agricultores que permanecem?

7.5 O que você diria para o agricultor que está entrando agora?

Coletiva:

7.6 Qual a importância da organicidade da Bionatur na tua opinião?

7.7 Qual o papel dos grupos de produtores, como funcionam? O que discutem e o que decidem?

7.8 Qual os compromissos que você tem com o grupo?

7.9 Como a discussão do grupo influencia na sua produção?

7.10 Em geral como são tomadas as decisões importantes da Bionatur?

7.11 Você se sente participando destas decisões?

7.12 Como você descreve o papel da coordenação dos grupos? Direção executiva?

7.13. Você acha que a Bionatur tem uma identidade própria? Como você descreve?

8. IDENTIDADE E O FAZER COTIDIANO/ RACIONALIDADE E SISTEMA DE PRODUÇÃO

8.1 Quando começou a Bionatur, como funcionava o teu lote naquela época?

8.2 Quais as atividades produtivas que você tinha? (potreiro, capoeira, pastagem cultivada, lavoura autoconsumo, semente, grãos)?

8.3 Quais atividades que geravam renda, qual a composição da renda (%)? Que diferença fazia pra vocês a renda da Bionatur?

8.4 Em relação às áreas da Bionatur, de que forma elas eram manejadas e quais insumos eram utilizados no início da experiência?

8.5 Olhando para aquela época e até hoje, consegues perceber mudanças na forma de manejar e produzir, organizar as atividades produtivas no lote?

8.6 Como é o manejo, preparo de solo? Quais os insumos utilizados?

8.7 Como você fazia a escolha das áreas para cultivo de sementes, e como é hoje? Com relação à intensidade de uso do solo, mudou? Isto reflete na fertilidade do solo na tua opinião? A técnica de pousio ainda é utilizada hoje?

8.8 Quais as atividades produtivas que caracterizam o sistema de produção hoje?

8.9 Como é hoje a composição da sua renda? Quais as atividades geram renda e qual participação de cada uma na renda total? E a renda da Bionatur?

8.10 O que os vizinhos faziam naquela época e o que tem hoje na volta?

8.11 Quais as preocupações que você tem hoje em relação à produção?

9. PERCEPÇÕES FINAIS:

9.1 No início da experiência, vocês imaginavam que a Bionatur poderia se tornar a referência que ela é hoje?

9.2 Como você o papel que a Bionatur tem a cumprir nos dias de hoje?

9.3 Participar da Bionatur mudou a tua vida? Como?

9.4 O que faz de você continuar sendo um produtor da Bionatur?

Fonte: dados da pesquisa, 2015.